



**SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO
SOCIAL - SMADS**

***CENSO DA POPULAÇÃO DE MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA E
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA POPULAÇÃO ADULTA NA CIDADE
DE SÃO PAULO***

RELATÓRIO DO LEVANTAMENTO CENSITÁRIO

**SÃO PAULO
DEZEMBRO/2009**

RESUMO

O presente relatório encerra a primeira etapa do contrato FIPE/SMADS para realização do censo da população em situação de rua na cidade de São Paulo e levantamento do seu perfil sócio econômico. Constitui a versão revisada do relatório entregue a SMADS em Dezembro de 2009 e apresenta os resultados do levantamento censitário. Quando pertinente, são feitas comparações com os dados obtidos em 2000 e 2003. Os resultados são apresentados por Distrito Municipal, para a Área Central e para toda a cidade.

Foram recenseadas 13.666 pessoas em situação de rua, sendo 6.587 nas ruas e 7.079 nos centros de acolhida e centros de acolhida especiais, conveniados e não conveniados com SMADS. A maior parte da população recenseada nas ruas (62%) foi encontrada nos 10 distritos que integram a Área Central, segundo definição do trabalho.

É descrita a metodologia utilizada, os procedimentos de campo e apresentados os instrumentais para coleta das informações.

EQUIPE DE TRABALHO

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação	Silvia Maria Schor
Pesquisadores Seniores	Ana Maria Gambier Campos
	Alair Molina
	Maria Antonieta da Costa Vieira
	Michiko Shiroma de Carvalho
	Paula Wernecke Padovani
	Rosana Estrela Adamo
Assistentes de Pesquisa	Andrea Bivar Correia
	Daniel Cardoso
	David Henriley Pitombeira
	Elza Vieira de Jesus
	Marcus Baltrunas Prado de Mello
Georreferenciamento	Cristiane Miuki Isogai
	Marcos Martines

EQUIPE DE CAMPO

Supervisores de Campo	Alessandra Marques Ávila Medeiros
	Carolina Teixeira Nakagawa
	Daniel Cardoso
	Davison Vergaças Senaha
	Denilson Vergaças Senaha
	Edvaldo Bezerra Fernandes
	Josué Delfino de Freitas
	Juliana Alves Cavalcante

	Lilian Tropardi
	Márcia Maria Chaves
	Rossana Baesso Brunetti
Entrevistadores	Alan Kardec Santos Amaral
	Alessandra Kelly Tavares
	Ana Paula Monteiro Leite
	André Imamura Silva
	Andréa Cali
	Andrei Chikhani Massa
	André Luis Patrício
	Angelo José de Deus
	Benedito da Silva Maia Filho
	Bruno Blau Pereira
	Caio César Galdino Sales
	Caio Dalle Dea
	Camila Aleixo de Campos Avarca
	Camila Ines Schmitt Rossi
	Camila Sofia Cesarino Santander
	Carlos Augusto Dias
	Cátia Yume Tomino
	Claudia Elizabete da Silva
	Claudinei José
	Cleusa Maria Salmeirão Sanches
	Cristian Alejandro Cataldo Santander
	Cristina Roseno de Santana
	Daianna da Silva Canova
	Daniela Pereira da Silva
	Danilo José Cardoso Marcelino
	Darla Fróes de Souza

	Donal de Souza Freitas
	Eduardo Dias Real
	Elie Ivanoff
	Elisângela Santos de Miranda
	Elza Vieira de Jesus
	Emanuela Teixeira da Cruz
	Emerson Coutinho da Silva
	Emilia Lieberg Aguiar
	Érika Cristina Lins
	Erivaldo Alves dos Santos
	Ernani Medina Pereira
	Evelise M. Nunes Pieve
	Fabiana Xavier da Silva
	Fabio Silva de Oliveira
	Fabio Sérgio Henriques Giorgio
	Felipe Patrício Cataldo Santander
	Felipe Ricco Balduino
	Fernando Américo
	Filipe da Silva Stopa
	Filipe Santoro Santos
	Guilherme Shimabukuro Arakaki
	Gustavo Dordetto
	Helder Bastos da Fonseca
	Helio Mikamura
	Inayara Samuel Silva
	Indaiara Pereira Midega
	Isabel Rodrigues de Mesquita
	Israel Francisco de Castro Jr.
	Izabel Cristina S.G. Teixeira

	Jamila Rodrigues Venturini
	João Conrado Dias Fabbri
	João Jerônimo de Aquino Neto
	Jorge Artur Canfield Floriani
	Jorge Romualdo Pereira
	José Afonso Balogh
	José Divino da Silva
	Kambou Sie Kevin
	Kátia Souza Rangel
	Laís Silveira
	Lara Pastore de Santana
	Leandro Rodrigues Dias
	Ligia A. Rocha de Mendonça
	Lilia Silva dos Santos Fortes
	Luciano Santos Correia
	Marcio Thomaz Rocha
	Margareth Costa Pomeranc
	Maria Aparecida Junqueira
	Maria Cinélia Teixeira Durval
	Maria Lúcia Aparecida Pereira
	Maria Veridiana da C.A. Negrini
	Mariana Braghini Deus Deu
	Mariana Camargo Simão
	Marina Brandão Whitaker
	Mauro Sérgio José
	Mayara dos Santos Ferreira
	Milton Rodolpho de Castro
	Monica dos Santos
	Natalia Negretti

	Neide Oliveira dos Santos
	Patrícia de Souza Magri
	Patrícia Moreno
	Paula Rochlitz Quintão
	Pedro Geraldo Tavares Nogueira
	Pedro Guilherme B.B. Gomes
	Priscila Dias Carlos
	Priscilla Lemos Nogueira
	Rafael da Cunha Cara Lopes
	Rafael Vieira da Silva
	Sabrina Franco da Rocha
	Selma Manzini
	Simone Alves Nabarrete
	Simone Conceição dos Santos
	Sylvia Sabrina Cataldo Santander
	Teodoro Alves
	Thaisa da Silva Ferreira
	Thiago Michelucci
	Thila Pedrozo Lima
	Waldecir Marcelo Melges
	Washington Yukio Tominaga
	Welinton Tsumura Hofman
	Wellington Lopes Góes
	Wellington Vieira dos Santos Lopes



Fundação Instituto de
Pesquisas Econômicas

EQUIPE DE APOIO

Estagiários	Ailson Dias da Silva Jr.
	Adriana Silva dos Santos
Digitação	Valmir João Dias
	Rodrigo Macegossa Dias
Secretárias	Célia Regina Cavalcante
	Jaqueline Nercy Cardoso

APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social - SMADS- contratou a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE, para realizar o segundo censo de moradores de rua em todos os Distritos Municipais da cidade de São Paulo e descrever o perfil sócio econômico dessa população. Os trabalhos foram iniciados em Setembro do corrente ano, e o presente relatório apresenta os resultados da etapa referente ao levantamento censitário concluído. A segunda etapa será realizada nos meses de Fevereiro e Março do próximo ano, haja vista as alterações que ocorrem na cidade nos meses de Janeiro: as férias reduzem o número de moradores de rua, podendo alterar os resultados planejados do esquema amostral a ser utilizado na segunda etapa do trabalho.

A quantificação dos moradores de rua tem objetivos múltiplos. Constitui, primeiramente, subsídio indispensável à formulação das políticas públicas dirigidas a essa população: estratégias de ação, recursos orçamentários e definição de prioridades guardam significativa relação com o tamanho da população e sua distribuição espacial na cidade. É também importante informação para a Sociedade Civil, para que movimentos sociais e organizações que trabalham com os moradores de rua tenham uma correta avaliação da ordem de grandeza da população que atendem e defendem. O acompanhamento das ações do poder público e avaliação dos seus resultados muito se beneficiam do conhecimento de quantas pessoas estão nos centros de acolhida ou pernoitando nas ruas e praças da cidade. Por último, mas igualmente importante, a divulgação dos resultados do censo e da metodologia empregada interessa fortemente aos pesquisadores que buscam definir procedimentos, rigorosos e exequíveis, para recensear uma população ausente das estatísticas oficiais do país. Em vários países, Estados Unidos, Canadá, França, Inglaterra, entre outros, esforços vêm sendo realizados para consolidação de uma metodologia que permita contar e conhecer a população de moradores de rua. A crescente atenção dada a essa população pode ser tomada como forte indicação de que a presença de pessoas em situação de rua nas áreas urbanas e rurais constitui uma “questão social” e não apenas histórias de vidas mal sucedidas.

O texto que se segue responde a duas questões formuladas como ponto de partida para o trabalho realizado pela FIPE: quantos são os moradores de rua na cidade de São Paulo e qual a distribuição espacial dessa população? A metodologia utilizada e os números encontrados, identificando os Distritos Municipais onde foram recenseados, são apresentados e, quando pertinente, realizadas comparações com o censo de 2000 e com os 10 Distritos Municipais da área central recenseados em 2003.

A FIPE registra, aqui, seus agradecimentos às pessoas e instituições que colaboraram para a realização do trabalho. O conjunto é, felizmente, bastante expressivo e a ele é devido o reconhecimento pela contribuição para realização do censo e superação das adversas condições climáticas que o trabalho enfrentou.

Os primeiros agradecimentos são para SMADS, pelo reconhecimento da importância do trabalho. Sem o entendimento da relevância da pesquisa pela instituição contratante, o trabalho da FIPE teria sido menos compensador e tornado-se, certamente, mais difícil. No âmbito de SMADS, Isabel Bueno Silva e Luiz Fernando Francisquini assumiram, dia a dia, a responsabilidade de encaminhar os procedimentos institucionais da alçada da Secretaria e participaram com todo interesse da realização dos trabalhos; constituíram forte apoio à equipe FIPE.

Ainda no âmbito de SMADS, nossos agradecimentos à Coordenação das cinco CAS em que se encontram agrupados os Distritos Municipais da cidade e à coordenação das CRAS de cada uma dessas unidades de atuação de SMADS. Sem essa cooperação, que disponibilizou os espaços para receber as equipes de pesquisadores e supervisores da FIPE, as dificuldades a serem superadas para realização do trabalho de campo seriam, certamente, maiores.

A coordenação dos centros de acolhida muito colaborou com o levantamento dos dados necessários para recensear a população neles abrigada. Cumprindo prazos, disponibilizando informações e sistematizando os dados demandados, permitiram que o número de

moradores de rua, em cada uma das noites do recenseamento, fosse obtido com segurança e qualidade.

A participação dos técnicos dos Programas Atenção Urbana e Presença Social nas Ruas foi de extrema valia para a pesquisa. Conhecedores dos moradores de rua e da sua distribuição espacial, não somente forneceram informações para definição dos distritos censitários da pesquisa, mas, também, acompanharam as equipes FIPE em várias áreas em que o censo foi realizado. Nossos agradecimentos se estendem aos técnicos da CAPE e do CATI que acompanharam as equipes de campo na área central.

Ao Padre Júlio Lancelloti, nosso reconhecimento pela colaboração e confiança com que atendeu às solicitações da FIPE. Sua participação, iniciada nos trabalhos do primeiro censo realizado em 2000, foi sempre valiosa e reconhecida.

As organizações sociais que trabalham com a população de rua e com catadores forneceram importantes informações para o planejamento do trabalho, participando de reuniões que tinham como pauta a atual situação da população e eventuais mudanças ocorridas nos últimos meses. A todas elas, nossos agradecimentos.

Agradecemos, também, aos irmãos da Fraternidade e Aliança “Toca de Assis”, sem os quais o recenseamento na “Cracolândia” teria sido feito em condições bem mais adversas.

Finalmente, a FIPE registra seus agradecimentos e reconhece a importância de ter contado com membros do Movimento Nacional de Moradores de Rua integrando suas equipes de campo. A participação do Movimento no trabalho não somente possibilitou maior eficiência ao levantamento das informações, mas, sobretudo, permitiu que a pesquisa incluísse representantes da população a quem, de fato, a pesquisa deve pertencer.

À Rede Rua, nossos agradecimentos pelas informações e colaboração obtida em reuniões e discussões sobre a condição da população de rua no presente momento.

É necessário registrar, também, a colaboração da Central de Gerenciamento de Emergência, CGE, que nos atendeu diversas vezes durante cada dia em que o trabalho de campo

ocorreu, ou foi suspenso pelas condições do tempo. A colaboração dos técnicos da CGE fez com que a incerteza quanto às condições do tempo necessárias à execução do trabalho de campo fosse reduzida às suas possibilidades mínimas.

No âmbito da equipe FIPE, os agradecimentos são inúmeros.

As adversas condições de tempo em que o trabalho foi realizado exigiram um esforço redobrado da equipe de planejamento, dos supervisores de campo, dos assistentes de pesquisa e dos pesquisadores. Por várias vezes, as providências necessárias para realizar o recenseamento de cada um dos distritos censitários eram completadas e suspendidas em função da previsão e/ou ocorrência de chuva, multiplicando as horas de trabalho de toda equipe.

A equipe de planejamento, com vários anos de trabalho conjunto, mais uma vez reafirmou seu espírito de cooperação, seriedade profissional e, igualmente importante, seu comprometimento com os resultados e objetivos do trabalho.

Aos moradores de rua, que nos ouviram e nos deram as informações que constam do presente relatório, agradecimentos não são suficientes. Cabe o reconhecimento da generosidade com que muitos nos receberam, e a reafirmação da nossa esperança de que o trabalho realizado, de alguma forma, possa contribuir para mitigar a penosa situação em que vivem.

Silvia Maria Schor

Dezembro de 2009

ÍNDICE

METODOLOGIA	1
1. ANTECEDENTES	1
2. DEFINIÇÕES: CENSO, MORADOR DE RUA E PONTOS DE RECENSEAMENTO	4
3. PROCEDIMENTOS ADOTADOS: ASPECTOS GERAIS	5
4. DEFINIÇÃO DOS DISTRITOS CENSITÁRIOS	7
5. PROCEDIMENTOS PARA O RECENSEAMENTO NAS RUAS E DEMAIS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE	10
Distrito censitário DC8 e Roteiros R73A, R73B e R73C	13
6. PROCEDIMENTOS PARA O RECENSEAMENTO NOS centros de acolhida.	18
7. SELEÇÃO, TREINAMENTO E CONSTITUIÇÃO DA EQUIPE DE RECENSEADORES E SUPERVISORES	20
8. OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	23
9. A EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO	24
RESULTADOS	26
INTRODUÇÃO	26
I. ÁREA CENTRAL – MORADORES DE RUA	27
1.1 Número de Moradores Recenseados nas Ruas	27
1.2 Resultados Comparados: 2009, 2003 e 2000	29
1.3 Pontos Onde Foram Encontrados os Moradores de Rua	33
1.4 Presença de Famílias nos Pontos	39
1.5 Dados sobre os Moradores	41

1.5.1	Variáveis Demográficas	41
1.5.2	Crianças e Adolescentes Acompanhados	48
1.5.3	Mulheres com Filhos	50
II. RESULTADOS PARA TODOS OS DISTRITOS MUNICIPAIS – moradores de rua		52
3.1	Número de Acolhidos Recenseados	67
3.2	Resultados comparados: 2009, 2003 e 2000	68
IV. RESULTADOS PARA TODOS OS DISTRITOS MUNICIPAIS - ACOLHIDOS		72
	<i>Acolhidos por Distritos 2009</i>	72
	<i>Acolhidos por subprefeituras, 2009</i>	73
	<i>Acolhidos por Coordenadoria de Assistência e Desenvolvimento Social, CAS, 2009</i>	74
	<i>Resultados comparados, 2009, 2003 e 2000</i>	75
	<i>Resultados comparados, 2009 e 2000, por Distritos</i>	76
	<i>Resultados comparados, 2009 e 2000 por CAS</i>	78
V. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA		80
5.1	ACOLHIDOS E moradores de RUA, 2009	80
	<i>Resultados por Distrito, 2009</i>	80
	<i>Resultados por CAS, 2009</i>	83
5.2	RESULTADOS COMPARADOS 2000, 2003 E 2009	85
	ANEXO I- ACOLHIDOS CADASTRADOS E PERNOITES, 2009	91
	ANEXO II - Manual de instrução para os pesquisadores e instrumentais para coleta das informações censitárias	94
	ANEXO III - CENTROS DE ACOLHIDA E CENTROS DE ACOLHIDA ESPECIAL	112



Fundação Instituto de
Pesquisas Econômicas

ANEXO IV - RELATÓRIO DOS SUPERVISORES	116
ANEXO V – CD COM MAPAS E ROTEIROS	140

ÍNDICE DAS TABELAS E DOS GRÁFICOS

TABELA 1 - ÁREA CENTRAL	28
GRÁFICO 1 - ÁREA CENTRAL	28
TABELA 2 - ÁREA CENTRAL	29
TABELA 3 - ÁREA CENTRAL	30
GRÁFICO 2 - ÁREA CENTRAL	31
GRÁFICO 3 - ÁREA CENTRAL	32
GRÁFICO 4 - ÁREA CENTRAL	32
TABELA 4 - ÁREA CENTRAL	33
TABELA 5 - ÁREA CENTRAL	34
TABELA 6 - ÁREA CENTRAL	35
TABELA 7 - ÁREA CENTRAL	36
TABELA 8 - ÁREA CENTRAL	36
TABELA 9 - ÁREA CENTRAL	37
TABELA 10 - ÁREA CENTRAL	38
TABELA 11 - ÁREA CENTRAL	40
TABELA 12 - ÁREA CENTRAL	40
TABELA 13 - ÁREA CENTRAL	41
GRÁFICO 5 - ÁREA CENTRAL	42
TABELA 14 - ÁREA CENTRAL	42
GRÁFICO 6 - ÁREA CENTRAL	43
TABELA 15 - ÁREA CENTRAL	44

GRÁFICO 7 - ÁREA CENTRAL	45
TABELA 16 - ÁREA CENTRAL	45
GRÁFICO 8 - ÁREA CENTRAL	46
TABELA 17 - ÁREA CENTRAL	47
TABELA 18 - ÁREA CENTRAL	47
GRÁFICO 9 - ÁREA CENTRAL	48
TABELA 19 - ÁREA CENTRAL	49
TABELA 20 - ÁREA CENTRAL	50
NÚMERO DE MULHERES COM FILHOS E NÚMERO DE FILHOS, 2009	50
TABELA 21 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR DISTRITO EM ORDEM ALFABÉTICA, 2009	52
TABELA 22 - NÚMERO DE PESSOAS RECENSEADAS NAS RUAS, POR DISTRITOS E POR ORDEM da participação no total, 2009	56
TABELA 23 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR DISTRITO EM ORDEM ALFABÉTICA, 2009 E 2000	60
TABELA 24 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009	63
TABELA 25 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR SUBPREFEITURA, 2009	64
TABELA 26 - ÁREA CENTRAL	67
GRÁFICO 10 - ACOLHIDOS NA ÁREA CENTRAL, % POR DISTRITO, 2009	68
TABELA 27 - ÁREA CENTRAL	69
Tabela 28 ÁREA CENTRAL	70

GRÁFICO 11 - ÁREA CENTRAL _____	70
GRÁFICO 12 - ÁREA CENTRAL _____	71
GRÁFICO 13 - ÁREA CENTRAL _____	71
TABELA 29- NÚMERO DE ACOLHIDOS POR DISTRITO, 2009 _____	73
TABELA 30 - NÚMERO DE ACOLHIDOS POR SUBPREFEITURA, 2009 _____	74
TABELA 31 - ACOLHIDOS, POR COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009 _____	75
TABELA 32 - NÚMERO DE ACOLHIDOS ENCONTRADOS NA ÁREA CENTRAL E RESTANTE DA CIDADE 2009, 2003 E 2000 _____	76
TABELA 33 - VARIAÇÃO NO NÚMERO DE ACOLHIDOS, 2000, 2003 E 2009 ____	76
TABELA 34 - NÚMERO DE ACOLHIDOS POR DISTRITO, 2009, 2000 _____	78
TABELA 35 - NÚMERO DE ACOLHIDOS POR CAS, 2009, 2000 _____	79
TABELA 36 – número de pessoas em situação de ruA, 2009 _____	80
TABELA 37 - NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, POR DISTRITO MUNICIPAL, 2009 _____	81
TABELA 38 - NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA POR CORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009 _____	84
TABELA 39 - NÚMERO DE MORADORES DE RUA E ACOLHIDOS POR COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009 _____	84
TABELA 40 – População de moradores de rua na cidade de são paulo, 2000 e 2009 ____	85
Gráfico 14 - População de moradores de rua na cidade de são paulo, 2000 e 2009 _____	86
TABELA 41 - População de ACOLHIDOS na cidade de são paulo, 2000, 2003 e 2009 _	87

Gráfico 15 - População de ACOLHIDOS na cidade de são paulo, 2000 e 2009 _____	87
Tabela 42 - Pessoas em situação de rua na Área Central, por distrito municipal, 2000, 2003 e 2009 _____	89
Gráfico 16 - População de pessoas em situação de rua na cidade de são paulo, 2000, 2003 e 2009 _____	90
TABELA 43 - NÚMERO DE ACOLHIDOS CADASTRADOS E DE PERNOITE ENCONTRADOS NOS CENTROS DE ACOLHIDA E CENTROS DE ACOLHIDA ESPECIAL CONVENIADOS 2009 _____	92
TABELA 44 - VAGAS DE PERNOITE _____	92
TABELA 45- NÚMERO DE VAGAS EM REPÚBLICAS E HOTÉIS SOCIAIS POR DISTRITO E REGIÃO, 2009 _____	93
TABELA 46 - NÚMERO DE VAGAS EM MORADIAS PROVISÓRIAS E REPÚBLICAS/HOTEIS SOCIAIS, 2003 E 2009 _____	93



Fundação Instituto de
Pesquisas Económicas

METODOLOGIA

1. ANTECEDENTES

A população de moradores de rua de São Paulo foi recenseada pela primeira vez em 2000, mediante metodologia especialmente desenhada pela FIPE para este fim. A população foi conceitualmente definida, compreendendo as pessoas pernoitando nos centros de acolhida e nos espaços públicos da cidade. Os procedimentos metodológicos incluíram uma estratégia de busca dos moradores de rua presentes em áreas da cidade identificadas previamente, e pelo recenseamento simultâneo da população abrigada nos centros de acolhida dessas áreas.

Em 2000 foram recenseados 8706 pessoas. Deste total, 5013 pessoas foram encontradas nas ruas, praças e outros espaços públicos da cidade e 3693 em instituições que oferecem pernoite a essa população; a população foi encontrada em 88 dos 96 distritos municipais que compõem a capital do município.

Em 2003, a população de moradores de rua foi recenseada pela FIPE em apenas 10 distritos centrais da cidade¹ e estimada por amostra em 19 distritos adicionais². Nos distritos recenseados, a metodologia do trabalho foi rigorosamente idêntica à utilizada em 2000, o que assegura, para esses distritos, a comparabilidade com os resultados censitários do primeiro levantamento e dos dados levantados pelo censo que agora termina.

O censo de 2000 foi precedido de levantamentos anteriores, realizados com metodologias distintas e com objetivos diferentes. A primeira pesquisa, realizada em 1991, abrangeu as então regionais da Sé, da Lapa, de Pinheiros e parte das regionais da Mooca, da Penha, do Ipiranga, da Vila Mariana e de Santana. A Secretaria Municipal do Bem Estar Social, denominação de SMADS à época, contou com a colaboração dos "agentes institucionais nos trabalhos, uma vez que são estes que dão cotidianidade e movimento às políticas e

¹ Bela Vista, Bom Retiro, Brás, Cambuci, Consolação, Liberdade, Pari, República, Santa Cecília, Sé.

² Barra Funda, Lapa, Perdizes, Vila Leopoldina, Belém, Carrão, Mooca, Tatuapé, Campo Belo, Santo Amaro, Itaim Bibi, Jardim Paulista, Pinheiros, Penha, Santana, Jabaquara, Vila Mariana, Ipiranga, Vila Prudente.

colaboram na definição de diretrizes da administração pública e das entidades sociais."³ A área de pesquisa foi percorrida a pé, embora não tenha ocorrido um processo de abordagem sistemática dos moradores de rua encontrados.

O levantamento de 1991 entendia como população de rua "a que sobrevive da rua, utilizando-a circunstancialmente ou de forma permanente como moradia".⁴ Esta população, portanto, tem na rua sua moradia e sua fonte de sobrevivência: a rua é seu lar, seu local de trabalho, seu universo de referência.

A ausência de moradia, fazendo com que o morador de rua busque um lugar de pernoite, levou à realização noturna do trabalho de campo destinado a quantificar essa população. A pesquisa de 1991 encontrou 329 pontos de pernoite que abrigavam, na época, 3392 pessoas, localizadas nas áreas percorridas.

Em 1994, 1996 e 1998, a Secretaria Municipal da Família e Bem Estar Social, realizou contagens da população de rua, todas elas com a mesma metodologia. A quantificação da população foi feita pelos técnicos da FABES que percorriam em veículos, em uma única noite, as ruas e avenidas de cada uma das regionais.

As contagens resultaram em estimativas imprecisas da população de rua, como decorrência da forma como os percursos eram realizados: em veículos, sem abordagem, sem uma busca ativa dos moradores não visíveis. Como consequência deste procedimento, os resultados obtidos nessas contagens foram apresentados em duas parcelas: total de pessoas contadas de forma aproximada e total de pessoas contadas de forma exata.

Em 1994, foram contadas de forma exata 2.006 pessoas e, de forma aproximada, 794. Em 1996, os procedimentos de campo também geraram este tipo de resultado: foram contadas 2.189 pessoas de forma exata, para um total de 3.241 moradores de rua identificados nas ruas da cidade. O relatório da última contagem, em 1998, menciona que "considerando as

³ "População de Rua: quem é, como vive, como é vista", Maria Antonieta da C. Vieira, Eneida M.R. Bezerra e Cleisa M.M.R, org. São Paulo, Hucitec, 1994, pg. 14.

⁴ Idem

dificuldades operacionais envolvidas num processo com as características de um censo de População de Rua, e, também, outros estudos já realizados em 1996, optou-se pela técnica da observação desta população no período noturno de um dia determinado, sem abordagem" ⁵. No total, foram encontradas 3.037 nos logradouros da cidade.

Os levantamentos censitários realizados pela FIPE adotam a abordagem da população e cobertura de todas as áreas da cidade onde podem ser encontrados moradores de rua como elementos fundamentais para definição da sua metodologia. A conjugação dessas duas características define a qualidade do levantamento, resultando, como consensualmente admitido por pesquisadores em vários países, na forma mais segura e eficiente de se obter a ordem de grandeza da população de moradores de rua.

Os procedimentos e escopo dos dois censos realizados constituem levantamentos do tipo *point prevalence*, pois fornecem uma posição da população em um dado instante⁶. *O point prevalence* fornece um retrato instantâneo da população e, em decorrência, cuidados especiais devem ser tomados quanto à presença de fatores ocasionais que possam alterar as condições usuais da presença dessa população nas ruas e abrigos da cidade.

A comparação dos dados das diversas pesquisas com os censos de 2000 e 2009 fica inviabilizada, pelas diferentes metodologias utilizadas. Assim, por exemplo, não é possível afirmar que houve crescimento da população de rua entre 1991 e 2000: a cobertura de área do primeiro trabalho impede que se generalize o resultado para a cidade. No que diz respeito às contagens, a dificuldade é oriunda, desta vez, da imprecisão dos números obtidos, decorrente dos procedimentos de campo adotados.

⁵ Idem, pg. 2.

⁶ Os levantamentos *period prevalence*, diferentemente, obtêm o número de moradores de rua em um dado intervalo de tempo quantificando, por exemplo, o total de moradores de rua da cidade de São Paulo durante um ano. São incluídos, desta forma, todos os que durante este intervalo de tempo deixam as ruas ou que nelas passam a pernoitar nos doze meses de duração do levantamento. As quantificações obtidas mediante levantamentos *period prevalence*, por resultarem em números quase sempre superiores aos dos levantamentos *point prevalence* é uma das muitas fontes de divergência entre as estimativas do tamanho de uma mesma população de moradores de rua.

2. DEFINIÇÕES: CENSO, MORADOR DE RUA E PONTOS DE RECENSEAMENTO

Em um levantamento censitário, as informações são obtidas pesquisando-se todos os elementos de uma população. Em um censo, portanto, todas as pessoas que compõem um dado universo são entrevistadas, definindo-se procedimentos para que nenhuma delas seja entrevistada duas vezes nem, por outro lado, deixe de ser incluída no levantamento.

O universo do levantamento censitário aqui apresentado foi constituído por todos os moradores de rua da cidade de São Paulo. Ou seja, todas as pessoas que não têm moradia e que pernoitam nas ruas, praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viadutos, mocós, terrenos baldios e áreas externas de imóveis. Da mesma forma, foram igualmente considerados moradores de rua aquelas pessoas, ou famílias, que, também sem moradia, pernoitam em centros de acolhida ou abrigos.

Definiu-se como “ponto de recenseamento” o local onde os moradores de rua foram abordados pelos entrevistadores. O “ponto” corresponde, portanto, ao endereço da abordagem, permitindo a identificação do distrito municipal ao qual pertence e fornecendo as coordenadas para o georeferenciamento dos dados.

3. PROCEDIMENTOS ADOTADOS: ASPECTOS GERAIS

O recenseamento dos moradores de rua foi sempre realizado no período noturno, de segunda à quinta feira, utilizando instrumentos distintos para coleta das informações sobre os moradores e sobre os “pontos”.

A escolha do período noturno deveu-se à própria definição de morador de rua, dada a ênfase na ausência de moradia pra pernoite. Por outro lado, decidiu-se não realizar o recenseamento nos finais de semana, em decorrência das modificações na dinâmica da cidade nestes dias.

Os recorrentes períodos de chuva nas três últimas semanas de Novembro e nos primeiros dias de Dezembro retardaram a execução do trabalho de campo; como consequencia, o levantamento das informações se estendeu ao mês de Dezembro, período sabidamente pouco favorável às atividades do recenseamento: festas de final de ano, maior movimento de compras e aumento da população flutuante nos distritos comerciais dificultam a realização das atividades dos recenseadores. Levando em conta essas restrições, foi retardado, em cada noite, o horário de saída das equipes de campo, procurando encontrar a cidade com menos movimento.

O planejamento do trabalho foi feito a partir de um conjunto de informações quantitativas e qualitativas sobre a população e área, denominado “quadro de referência”, seguindo os mesmos procedimentos de 2000 e 2003.

O quadro de referência sistematiza e analisa informações sobre a população de moradores de rua, obtidas em diversas fontes, e constitui a base para a identificação dos distritos censitários, áreas de percursos para os recenseadores, distribuição das equipes de campo e demais atividades de campo.

As informações foram buscadas junto a SMADS, organizações que trabalham com moradores de rua, trabalhos acadêmicos realizados no Brasil e, quando pertinente, pesquisas e projetos internacionais.

Entre as informações quantitativas de maior importância encontram-se os “pontos” e número de moradores registrados por SMADS e pelas diversas instituições com as quais a FIPE se reuniu.

Informações sobre a presença de moradores de rua e sua dinâmica, a partir de 2003 foram também consultadas e o quadro de referência incluiu, também, a localização de hospitais, terminais rodoviários, estações de metrô, de ônibus e de trem, igrejas, centros comerciais, cemitérios, sacolões, mercados municipais, praças, viadutos, centros de acolhida, grandes avenidas e áreas comerciais e importantes vias da rede viária estrutural da cidade, todos eles definidos como “pontos de atração” dos moradores de rua.

Os dados obtidos foram georeferenciados, tornando-se a referência inicial para definição dos Distritos Censitários, dos mapas para o trabalho de campo e para a definição dos roteiros a serem seguidos pelos supervisores e entrevistadores.

O quadro de referência incluiu, também, informações qualitativas, obtidas junto a SMADS e às organizações que trabalham com a população. Procurou-se, em sucessivas reuniões, identificar, *ex-ante*, possíveis alterações na distribuição espacial dos moradores de rua encontrada a partir de 2003, alterações nas condições urbanísticas da cidade e na dinâmica da população de rua.

4. DEFINIÇÃO DOS DISTRITOS CENSITÁRIOS

Para realização de um levantamento censitário, portanto, torna-se necessário definir dois conjuntos de procedimentos. O primeiro deles visa assegurar a total cobertura da área em que se encontra a população, para que não se exclua nenhuma parte do território que a abriga. Em segundo lugar, é fundamental que se disponha de regras que assegurem que todos os elementos da população sejam pesquisados e que nenhum deles seja recenseado mais de uma vez.

No censo dos moradores de rua, os procedimentos que assegurem a total cobertura de área e a completa contagem da população devem levar em conta a natureza do objeto de estudo: uma população que se desloca pela cidade, sem locais de pernoite e de trabalho conhecidos de forma sistemática e antecipadamente. Para tanto, a cidade foi dividida em distritos censitários, unidade de planejamento do trabalho de campo.

O município de São Paulo foi dividido em 9 distritos censitários que, juntos, correspondem à sua área total. Para evitar que a população fosse recenseada mais de uma vez, ou que não fosse contada, a definição dos distritos censitários procurou limites físicos que dificultassem a circulação dos moradores de rua entre esses distritos: rios, vias expressas, grandes áreas vazias, entre outros. Também foram utilizadas as informações sobre os deslocamentos da população pela cidade, notadamente as observações das instituições que atuam, em diferentes locais/distritos, junto a ela.

Com o objetivo de obter o número exato de moradores de rua do município, a área do distrito censitário deve ser inteiramente percorrida em uma única noite, contribuindo, também, para minimizar o risco da dupla contagem.

A definição dos distritos censitários agregou os seguintes distritos municipais:

Distrito Censitário 1: Anhanguera, Perus, Jaraguá, Pirituba, São Domingos, Jaguara, Brasilândia, Freguesia do Ó, Cachoeirinha, Limão, Casa Verde, Mandaqui (parte Norte), Tremembé e Jaçanã;

Distrito Censitário 2: Mandaqui (parte Sul), Tucuruvi, Santana, Vila Guilherme, Vila Maria e Vila Medeiros

Distrito Censitário 3: Vila Leopoldina, Lapa, Barra Funda, Perdizes, Alto de Pinheiros, Pinheiros, Jardim Paulista, Itaim Bibi, Moema, Vila Mariana, Saúde, Jabaquara (parte Norte);

Distrito Censitário 4: Campo Belo, Santo Amaro, Campo Grande, Cidade Ademar, Pedreira, Jabaquara (parte Sul), Socorro, Jardim São Luis, Jardim Ângela, Cidade Dutra, Grajaú, Parelheiros, Marsilac;

Distrito Censitário 5: Jaguaré, Rio Pequeno, Raposo Tavares, Butantã, Vila Sônia, Morumbi, Vila Andrade, Campo Limpo, Capão Redondo, Cursino, Sacomã, Ipiranga, Vila prudente, Sapopemba, São Lucas;

Distrito Censitário 6: Pari Brás, Belém, Mooca, Tatuapé, Água Rasa, Carrão, Vila Formosa, Aricanduva, Cidade Líder, São Mateus, Parque do Carmo, São Rafael, Iguatemi;

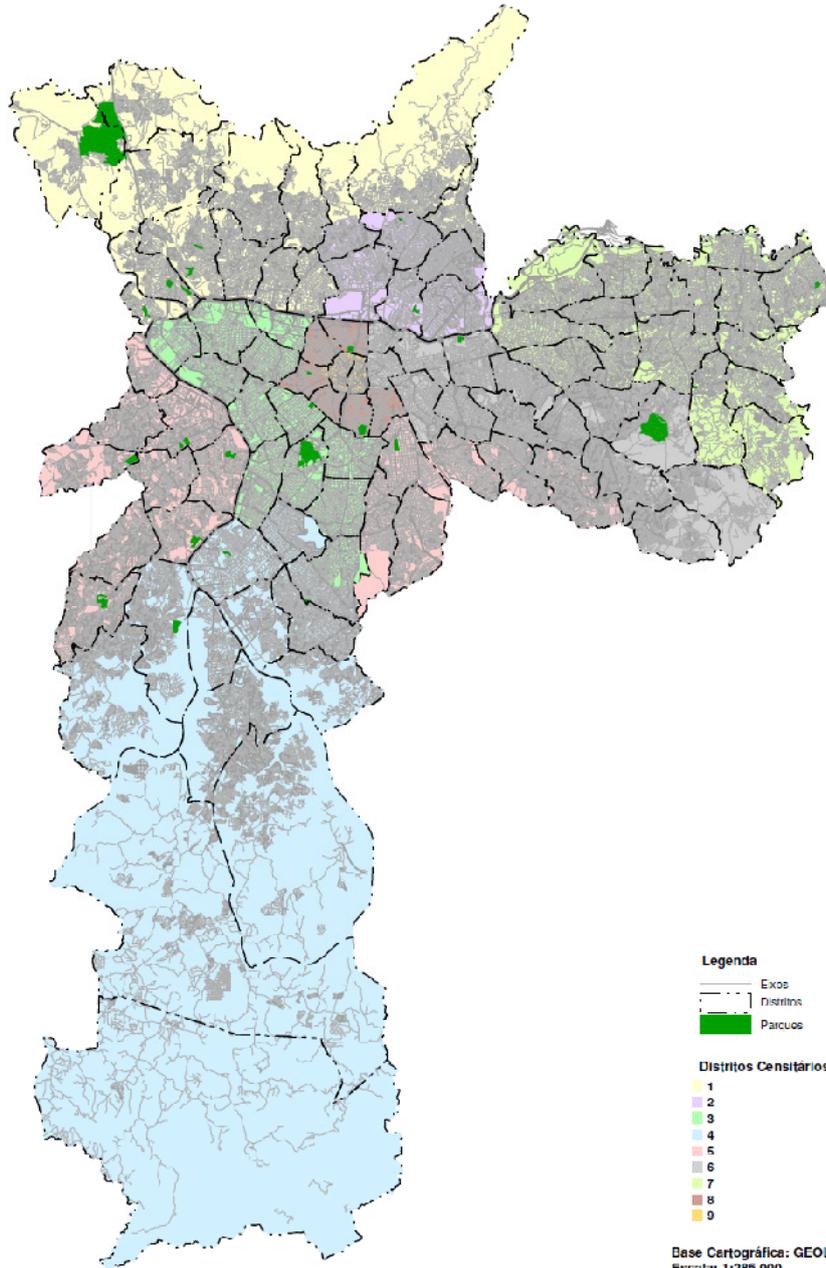
Distrito Censitário 7: Cangaíba, Penha, Vila Matilde, Ermelino Matarazzo, Ponte Rasa, Artur Alvim, Vila Jacuí, Itaquera, São Miguel, Jardim Helena, Vila Curuçá, Itaim Paulista, José Bonifácio, Lajeado, Guaianases, Cidade Tiradentes;

Distrito Censitário 8: Santa Cecília, Bom Retiro, Consolação, Bela Vista, Liberdade, Cambuci;

Distrito Censitário 9: Sé, República;

O mapa I, apresentado a seguir, mostra a divisão do município nos 9 Distritos Censitários do recenseamento de 2009.

SEGUNDO CENSO DA POPULAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2009
DISTRITOS CENSITÁRIOS



5. PROCEDIMENTOS PARA O RECENSEAMENTO NAS RUAS E DEMAIS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE

Obtidos os distritos censitários, a tarefa seguinte consistiu na definição de procedimentos que assegurassem a cobertura da área a ser recenseada e a identificação de todos os seus moradores de rua. Para tanto, a equipe de recenseadores deveria seguir, em cada distrito censitário, critérios preestabelecidos que assegurassem o rigor e a homogeneidade do trabalho de campo.

Para tanto, foram definidos 82 Roteiros, trajetos a serem seguidos pelos supervisores e pesquisadores. O ponto de partida para a definição dos Roteiros foi a constatação, obtida pelos dados dos levantamentos anteriores, de que a distribuição espacial dos moradores de rua tem como referência pontos, ou pólos, de atração: áreas de comércio, grandes avenidas, viadutos, praças, estações de metrô, rodoviárias, depósitos de sucata e papelão, equipamentos e serviços a eles destinados, igrejas e outros mais.

Estabelecida essa referência, foram identificados no mapa da cidade, já dividida em distritos censitários, todos os pólos de atração para os quais se dispunha de informação, completado com os endereços dos pontos de pernoite identificados por SMADS, organizações que trabalham com a população e dados do CAPE e CATI.

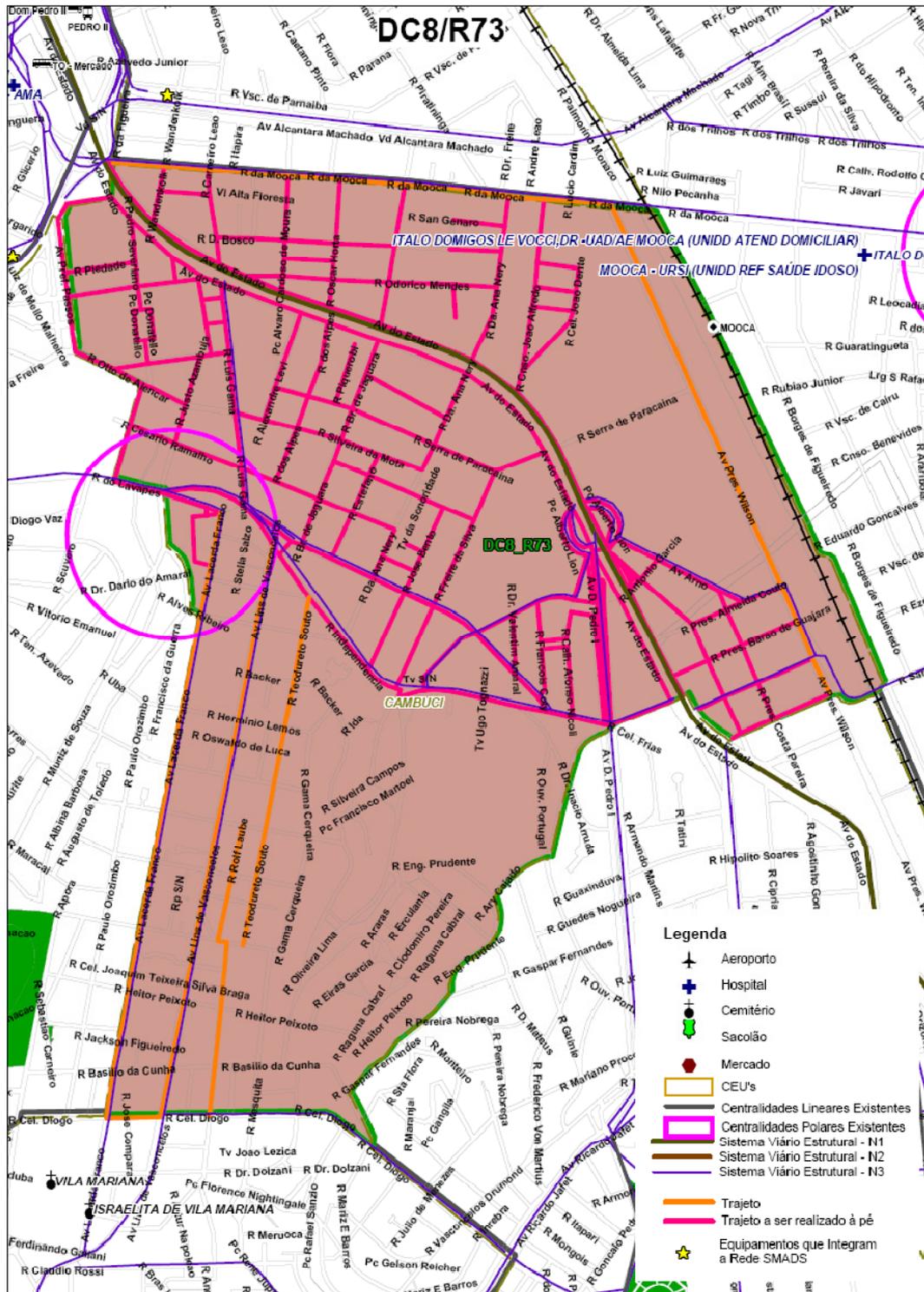
Os Roteiros, portanto, foram definidos em função dos “pontos de atração” e das informações obtidas junto a SMADS e organizações sociais e, em alguns casos, não obedeceram aos limites dos distritos municipais. Isto porque, pontos de atração, como áreas comerciais, por exemplo, podem se estender por mais de um distrito municipal, não sendo recomendável a “quebra da área”⁷.

São apresentados, como ilustração, O Mapa do CD 8, Roteiros R73A, R73B e R73C, utilizados pelos supervisores e pesquisadores para o trabalho de campo. O CD apresentado

⁷ Os distritos municipais Jabaquara e Mandaqui foram os únicos divididos, com as partes alocadas em Distritos Censitários distintos.

em anexo ao presente relatório apresenta todos os mapas elaborados para o trabalho de campo, bem como todos os roteiros preparados para os pesquisadores e supervisores.

O mapa II, na página que se segue, ilustra com o roteiros DC8/R73, o padrão de todos os roteiros utilizados no censo, seguido da especificação do trajeto a ser seguido pelos recenseadores.



DISTRITO CENSITÁRIO DC8 E ROTEIROS R73A, R73B E R73C

DC8 - R73 A

BASE: SMADS

INÍCIO: Rua do Lavapés esquina com Rua Teixeira Mendes.

- Percorrer a pé a Rua do Lavapés, explorar a Praça Hélio Ansaldo, a R. N. Senhora de Lourdes e a Rua Eulália da Assunção.
- Encontrar a van no cruzamento da Rua Eulália Assunção com Av. Lacerda Franco. Seguir pela Av. Lacerda Franco. Entrar à esquerda na R. Cel. Diogo. Seguir e entrar à esquerda na Av. Lins de Vasconcelos.
- Explorar esta avenida e as ruas: Rua Diogo de Araújo, R. Rolt Laube, R. Teodoro Souto e Rua Inglês de Souza.
- Seguir pela Av. Lins de Vasconcelos até o Largo do Cambuci.
- Explorar a pé o Largo do Cambuci, a Rua Luís Gama (entre Largo do Cambuci e R. Cesário Ramalho), R. Cesário Ramalho (entre R. Luís Gama e R. Br. de Jaguará) e R. Br. de Jaguará (entre R. Cesário Ramalho e R. Clímaco Barbosa).
- Uma dupla segue pela Rua Clímaco Barbosa e a outra pela R. Independência. As duplas seguem até se encontrarem no cruzamento da R. Independência com Av. D. Pedro I e percorrem juntas a R. Calh. Afonso Nicoli e exploram a Praça Prof. Osvaldo de Vicenzo.
- As duplas entram à esquerda na Avenida D. Pedro I, exploram a Pç. Alberto Lyon (no cruzamento com a Avenida do Estado) e seguem na Avenida do Estado (até o cruzamento com a Rua Serra de Paracaína). Voltar pela Avenida do Estado até a Pç. Alberto Lyon.
- Seguir pela Avenida do Estado (à esquerda) até a Rua Batista Pereira

- Percorrer a pé as seguintes ruas:
- R. Pres. Batista Pereira;
- R. Independência;
- R. Pres. Br. de Guajara;
- R. Pres. Almeida Couto;
- R. Pres. Costa Pinto;
- R. Pres. Costa Pereira;
- Av. Arno;

Encontrar a van no cruzamento da R. Pres. Batista Pereira com Av. Pres. Wilson. Seguir pela Av. Pres. Wilson até a Rua da Mooca. Descer da van, entrar à direita na Rua da Mooca e seguir até o cruzamento com a linha do trem. Voltar e entrar na van no cruzamento da Av. Pres. Wilson com a Rua da Mooca. Seguir na Rua da Mooca até a R. Wandenkolk. Descer da van e seguir até o cruzamento com a Avenida do Estado. Voltar e encontrar a van no cruzamento da Rua da Mooca com a R. Wandenkolk.

FIM: Cruzamento da Rua da Mooca com a R. Wandenkolk.

DC8 - R73 B

BASE: SMADS

INÍCIO: Rua do Lavapés esquina com Rua Teixeira Mendes.

- Percorrer as seguintes ruas:

Rua Teixeira Mendes;

Rua Cesário Ramalho (até o cruzamento com a R. Luís Gama);

Rua Luís Gama (da R. Cesário Ramalho até a Av. do Estado);

Avenida do Estado (da Igreja “Deus é amor” até a R. Br. de Jaguará)

Rua Otto de Alencar;

Avenida Prof. Passos (até o Viaduto do Glicério);

Rua Piedade;

Rua Leopoldo Miguez;

Rua Gen. Esposel Junior;

Praça Donatello;

Rua Dom Romualdo de Seixas;

Rua Guimarães Peixoto;

Rua Justo Azambuja;

Rua Silveira da Motta;

Rua Dona Ana Nery (da Avenida do Estado até a Rua Clímaco Barbosa);

Rua Barão de Jaguará (da R. Dr. Cesário Ramalho até a Avenida do Estado);

R. Piqueroboi;

Rua Alpes (da R. Dr. Cesário Ramalho até a Avenida do Estado);

Rua Alexandre Levi;

Rua Serra de Paracaína (da Rua Alexandre até a Rua Dona Ana Nery);

Rua dos Pescadores.

- **Fim:** cruzamento da Rua da Mooca com a R. Wandenkolk.

DC8 - R73 C

Base: SMADS

Início: Avenida do Estado com Rua Serra de Paranacáina.

- Percorrer a pé as seguintes vias:

Avenida do Estado (no sentido da Rua da Mooca) até o cruzamento com o Viaduto Gov. Roberto Abreu Sodré;

Avenida do Estado (no sentido da Av. D. Pedro I) até o cruzamento com a R. Br. de Jaguará;

Rua Cel. João Dante;

Rua Canasvieiras;

Rua Cnso. José Alfredo;

Rua Dona Ana Nery (da Avenida do Estado até a Rua da Mooca);

Rua Santo Hemeto;

Rua Barão de Jaguará (da Avenida do Estado até a R. da Mooca);

Rua Oscar Horta;

Praça. Álvaro Cardoso de Moura;

Rua Cel. Cintra;

Rua Luís Gama (da Avenida do Estado até a Rua da Mooca);

Rua Wandenkolk (da Avenida do Estado até a Rua da Mooca);

Rua Odorico Mendes;

Rua Dom Bosco;

Rua San Genaro;

Rua Andrade Reis;

Rua do Lirismo;

Fim: cruzamento da Rua da Mooca com a Rua Wandenkolk.

A extensão dos distritos censitários conjugada à dispersão dos pólos de atração levou a duas maneiras distintas de percorrer os distritos municipais que os compunham. Nos distritos censitários com alta densidade de pólos de atração e “pontos” onde foram encontrados moradores de rua, todos os distritos municipais foram percorridos inteiramente a pé: Sé e República, entre outros, foram assim recenseados.

Houve, também, distritos censitários onde as equipes utilizaram veículos para ligação entre pontos de atração e áreas com identificação de moradores de rua, em função da distância entre eles. Apesar da utilização de veículos, foi mantida a abordagem da população da área, o que significa a parada do veículo e descida das equipes. Capela do Socorro é um exemplo deste grupo.

6. PROCEDIMENTOS PARA O RECENSEAMENTO NOS CENTROS DE ACOLHIDA.

O recenseamento dos moradores de rua encontrados nos centros de acolhida envolveu um menor número de procedimentos de trabalho, dada a menor dificuldade para identificação das instituições que ofertam este tipo de serviço a essa população. Assim, foram arrolados os centros de acolhida e centros de acolhida especiais, conveniados com SMADS, para obtenção do número de pessoas acolhidas nas noites do recenseamento. Pelo endereço dessas instituições, foi possível definir a data do recenseamento de cada uma delas, integrando-as, a cada noite, à área de recenseamento da população nas ruas.

A coordenação dos diversos centros de acolhida foi contatada e informada dos procedimentos a serem seguidos para obtenção das informações sobre a população. As recomendações da FIPE foram atendidas e foi, portanto, possível obter o número de pessoas admitidas em cada noite, sob a condição de “cadastrado” ou “pernoite”, sexo e idade. Em alguns casos, foi possível obter informação sobre a cor dos admitidos, embora de forma não sistemática.

Foram computadas na contagem dos acolhidos as vagas existentes nas Repúblicas e Hotéis Sociais.

As Repúblicas se destinam a usuários que já possuem trabalho, com alguma autonomia financeira, mas que não conseguem ainda assumir uma moradia autônoma. Os moradores participam do processo de organização do espaço e assumem, aí, responsabilidades, sendo acompanhados por educadores de ONG’s que trabalham no projeto.

Os Hotéis Sociais são serviços que foram concebidos para o atendimento na operação baixas temperaturas, entretanto acabaram compondo a rede de acolhimento. A população que acessa este serviço tem o mesmo perfil da República, porém a oferta de serviço é um pouco diferente. Trata-se de um serviço de hotelaria que conta com a presença de um

coordenador vinculado a educadores de ONG's que acompanham os usuários que frequentam o serviço.

Além desses serviços conveniados com SMADS foi realizado levantamento do número de vagas existentes nos abrigos que atendem população de rua na cidade, mas que não possuem convênios com órgãos públicos.

7. SELEÇÃO, TREINAMENTO E CONSTITUIÇÃO DA EQUIPE DE RECENSEADORES E SUPERVISORES

O trabalho de campo constitui etapa crucial na execução das pesquisas que envolvem levantamento de informações primárias. A elaboração de uma boa metodologia deve ser completada pela boa qualidade na obtenção dos dados junto aos entrevistados. Em particular, o recenseamento dos moradores de rua da cidade coloca dificuldades adicionais⁸ ao trabalho que, para serem superadas, exigem uma criteriosa seleção dos recenseadores e supervisores de campo.

Dadas as especificidades do trabalho realizado, o critério para seleção dos recenseadores e supervisores privilegiou a experiência com a população de rua, buscando integrar à equipe de campo entrevistadores ou supervisores que participaram do Censo de 2000, e/ou do levantamento de 2003 e/ou do Censo de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua, realizado em 2007, todos realizados pela FIPE.

A equipe de campo foi composta por 120 recenseadores, formando 60 duplas sob a coordenação de 11 supervisores; o supervisor e sua equipe constituíram a unidade básica do trabalho de campo, referência para o planejamento da execução do levantamento das informações.

Divulgada a necessidade de contratação, principalmente mediante o contato com ex-pesquisadores e supervisores, houve forte procura para o trabalho, exigindo a definição de estratégias de treinamento e seleção compatíveis ao grande número de candidatas que se apresentaram e que deveriam ser selecionados.

A estratégia compreendeu as seguintes etapas:

1. Três reuniões, para grupos de até 60 candidatas, para apresentação do escopo e objetivo do trabalho e entrega dos CV. Foram descritas as atividades dos supervisores e

⁸ Trabalho noturno, presença de drogas e da Polícia Militar em algumas áreas e, sobretudo, capacidade de abordar os moradores de rua de forma adequada.

pesquisadores, horário, duração prevista do trabalho de campo e, sobretudo, a importância de experiência prévia com a população.

2. Seleção dos supervisores. Apresentaram-se como candidatos muitos dos supervisores das pesquisas que a FIPE já realizou com população de rua. Foram selecionados 11, dentre esse grupo.

3. Reunião de treinamento dos supervisores. Foi realizada reunião para apresentação da metodologia e procedimentos de campo, o que inclui apresentação dos mapas e roteiros a serem seguidos.

4. Pré-seleção dos candidatos a pesquisadores. A análise dos CV permitiu a pré-seleção dos candidatos a pesquisadores que foram, então, chamados para a reunião de treinamento.

5. Definição das equipes de cada supervisor, com candidatos pré-selecionados. Foi realizada uma primeira definição das equipes, por supervisor, procurando compor as duplas conciliando dois critérios: a) sexo, formando pares de homem e mulher e b) um dos integrantes da dupla deveria ter experiência em pesquisa e com população de rua.

6. Reunião de treinamento de todos os supervisores e candidatos pré-selecionados. Foram apresentados os instrumentos de coleta de informações, o manual de procedimento dos pesquisadores. Os supervisores participaram do treinamento, reunindo-se com suas equipes e, após a reunião, acompanharam os candidatos para a realização do teste de campo.

7. Reunião dos supervisores com seus pesquisadores, em seguida ao teste de campo. Após o teste, nova reunião foi realizada com os pré-candidatos, para, com base na avaliação do desempenho no teste de campo pelos supervisores, selecionar a equipe definitiva.

As equipes FIPE foram integradas, também, por acompanhantes que, sem responsabilidade direta na abordagem dos moradores de rua e registro das informações, colaboraram na identificação dos pontos de presença e, algumas vezes, facilitaram a aproximação dos pesquisadores com a população.

Técnicos de SMADS, membros do Movimento Nacional de Moradores de Rua, técnicos do CAPE e freis da “Fraternidade de Aliança Toca de Assis” acompanharam as equipes na área central.

Cada equipe contou, durante todo o tempo em que foi executado o levantamento de campo, com a presença de um segurança privado que realizava os mesmos percursos e trajeto dos recenseadores. Optou-se pela contratação de segurança privada para evitar eventuais intimidações que a presença de integrantes da Guarda Metropolitana da Cidade poderia causar.

Foi disponibilizado o uso de celular para todos os supervisores, permitindo a comunicação entre equipes e com a "equipe de planejamento de plantão" que permanecia na FIPE até o término de cada noite de trabalho. Para todos os integrantes da equipe de campo, à exceção dos acompanhantes, foi feito seguro de vida.

8. OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Foram utilizados dois instrumentos de coleta de informações: a ficha de recenseamento dos moradores de rua e a ficha de caracterização do ponto de recenseamento.

A ficha de recenseamento, ou do morador, continha, como questões iniciais, um conjunto de perguntas destinadas a identificar com segurança os moradores de rua encontrados: excluindo pessoas que não se enquadravam na definição de morador de rua adotada e incluindo os que, mesmo sem se enquadrar nos estereótipos da população, dela fazem parte. Esse conjunto de questões, denominado "filtro", portanto, deveria ser aplicado a todas as pessoas cuja aparência, postura e local sugeriam ser morador de rua. As condições de abordagem, principalmente da área central, muitas vezes impossibilitaram a aplicação do filtro, por estarem dormindo, embriagados, sob o efeito do crack ou em áreas com visível presença de tráfico de drogas. As informações fornecidas pelos entrevistados, além do filtro, referiam-se à idade e “com quem estava nas ruas” (para menores de 18 anos); para mulheres encontradas, perguntava-se se tinha filhos que estavam com ela na rua. As demais informações foram obtidas mediante observação do entrevistador.

A ficha de caracterização do ponto de recenseamento levantava informações sobre o total de moradores encontrados no local, as características predominantes do entorno: área comercial, residencial, industrial, mistas ou outras; o tipo de ponto incluía rua, praças, mocó, imóvel abandonado, baixos de viaduto, terreno baldio, entre outros possíveis locais.

As fichas de caracterização do morador e do “ponto” encontram-se em apenso ao presente relatório.

9. A EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

O recenseamento dos moradores de rua estava planejado para ser realizado em 9 noites, uma para cada Distrito Censitário. O trabalho de campo, contudo, foi feito em 7 noites, entre os dias 17 de Novembro e 14 de Dezembro. O longo espaço de tempo para realização do campo foi resultado do período de recorrentes chuvas que caíram sobre a capital paulistana. O planejamento do trabalho de campo não previa essa duração, o que acarretou dificuldades para manutenção da equipe de pesquisadores e supervisores.

Para fazer face à extensão involuntária da duração do trabalho de campo, a FIPE agrupou roteiros a serem percorridos pelas equipes, reduzindo para 7 noites o trabalho de recenseamento. A redução do número de noites, entretanto, não reduziu a área a ser recenseada e não alterou procedimentos: foi utilizado um número maior de vans, o que permitiu economia de tempo no deslocamento das equipes.

As 11 equipes de campo foram, a cada noite, distribuídas pelas “bases”, espaços cedidos pelas CAS e CRAS para preparação da saída ao campo: leitura dos mapas, instrução dos supervisores, distribuição dos materiais e avaliação das eventuais dificuldades da área. Todas as noites, em todas as “bases”, a coordenação da saída dos supervisores e pesquisadores foi realizada por um membro da equipe de planejamento. Em anexo ao presente relatório encontram-se os relatórios de três supervisores, descrevendo e avaliando o trabalho de campo.

A execução do trabalho de campo, em cada uma das 7 noites, foi realizada segundo Distritos Censitários, Roteiros e “bases” de apoio às equipes:

1º Distrito Censitário, 8 Roteiro; bases: CRAS Lapa e CAS Norte;

2º Distrito Censitário, 10 roteiros; bases: CRAS Mooca e CAS Norte;

3º Distrito Censitário, 10 roteiros; bases: CAS Sudeste, CRAS Ipiranga, CRAS Lapa, CRAS Pinheiro;

4º Distrito Censitário, 10 roteiros; bases: CRAS Santo Amaro;

5º Distrito Censitário, 10 roteiros; bases: CRAS Lapa, CRAS Ipiranga, CRAS Santo Amaro;

6º Distrito Censitário, 10 roteiros; bases: CRAS Sé, CRAS Mooca;

7º Distrito Censitário, 9 roteiros; bases: CRAS Mooca;

8º Distrito Censitário, 6 roteiros; bases: CRAS Sé e SMADS;

9º Distrito Censitário, 9 roteiros; bases: CRAS Sé e SMADS;

RESULTADOS

INTRODUÇÃO

No censo que agora se encerra, foram encontrados 13.666 pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, sendo 6.587 moradores de rua e 7.079 acolhidos pela rede de assistência⁹. Houve crescimento da população em relação ao censo de 2000, e uma significativa alteração na sua distribuição espacial. Como será apresentado, ocorre uma forte concentração de moradores de rua nos distritos centrais, com Sé e República concentrando 2765 pessoas, o que corresponde a 67,5% da população encontrada nas ruas da área central.

A apresentação dos resultados será feita em primeiro lugar sobre os moradores de rua, iniciando-se pela “Área Central” que agrega os distritos municipais Sé, República, Pari, Brás, Cambuci, Liberdade, Consolação, Bela Vista, Santa Cecília e Bom Retiro¹⁰. Os dados obtidos serão apresentados, em seguida, para toda a cidade, incluindo todos os distritos municipais pesquisados, inclusive os da Área Central.

O recorte espacial “Área Central” e “Cidade”, permite comparação estrita com os resultados de 2000 e apenas para Área Central para os dados de 2003.

Os resultados sobre os acolhidos pela rede serão apresentados seguindo a mesma espacialização dos dados obtidos para a população encontrada nas ruas. Novamente, a comparação dos dados com os resultados de 2000 justificou o recorte espacial.

A extensão do trabalho de campo, iniciado em 17 de Novembro e finalizado em 14 de Dezembro, impossibilitou que os dados obtidos fossem inteiramente explorados e

⁹ Na apresentação dos resultados, abreviou-se a expressão população em situação de rua encontrada nas ruas, praças, baixos de viadutos e demais espaços públicos por “moradores de rua”. Da mesma forma, a expressão “população acolhida” se refere à população em situação de rua encontrada nas instituições conveniadas com SMADS - centros de acolhida, centros de acolhida especial, repúblicas e hotéis sociais - e as não conveniadas – abrigos existentes na cidade geridos por entidade sociais.

¹⁰ Esses distritos constituíam a Administração Regional da Sé em 2000.

analisados no primeiro relatório entregue relatório a SMADS. O presente relatório reviu todos os resultados e estendeu algumas análises julgadas relevantes.

O extenso período de campo exigiu, também, que os distritos censitários fossem percorridos em um menor número de noites, sob pena de não ser possível finalizar o trabalho em 2009. Iniciado o trabalho de campo, a natureza da pesquisa impossibilita a suspensão da coleta das informações e sua retomada em período posterior. Sob essas condições, o levantamento das informações teve que aguardar, com inúmeros intervalos, as condições de tempo que permitissem sua finalização.

O prolongamento do período em que foi realizado o levantamento das informações permitiu, por outra parte, que o trabalho que se segue à coleta dos dados– codificação, digitação, processamento, análise de consistência e georeferenciamento – fosse sendo realizado concomitantemente aos resultados obtidos em cada distrito censitário. O quadro geral para a cidade, entretanto, só pode ser visualizado após a finalização do campo, bem como as estatísticas que dependem do número total da população. O planejamento da pesquisa para obtenção do perfil socioeconômico da população encontrada nas ruas levará, certamente, à retomada da análise dos dados agora apresentados e à revisão e complementação do relatório que agora é apresentado.

I. ÁREA CENTRAL – MORADORES DE RUA

1.1 NÚMERO DE MORADORES RECENSEADOS NAS RUAS

Foram encontrados 4093 moradores de rua na Área Central da cidade de São Paulo, em 2009. Há uma forte concentração nos Distritos Municipais República (1570) e Sé (1195) e com menor número de moradores, seguem-se Santa Cecília 309 e Brás (249). Nos demais Distritos Municipais dessa área, o número de moradores de rua alcança um máximo de 175 pessoas na Consolação e um mínimo de 53, no Cambuci. Conjuntamente, República e Sé totalizam quase 70% dos moradores de rua encontrados nessa área.

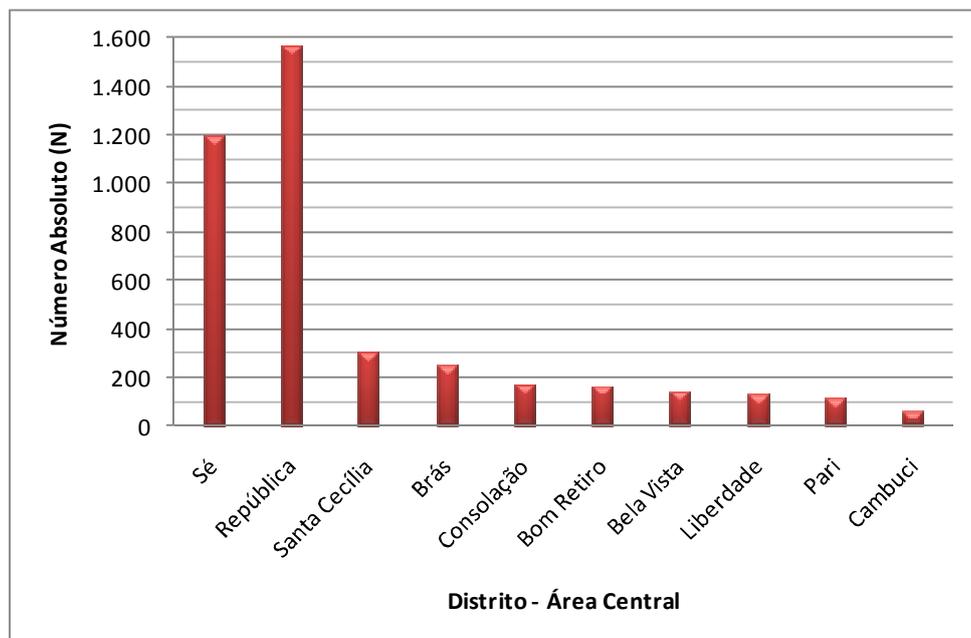
TABELA 1 - ÁREA CENTRAL

MORADORES DE RUA ENCONTRADOS, POR DISTRITO, 2009

Distritos	Moradores	%
Sé	1.195	29,2
República	1.570	38,4
Santa Cecília	309	7,5
Brás	249	6,1
Consolação	175	4,3
Bom Retiro	165	4,0
Bela Vista	138	3,4
Liberdade	128	3,1
Pari	111	2,7
Cambuci	53	1,3
Total	4.093	100,0

GRÁFICO 1 - ÁREA CENTRAL

MORADORES DE RUA ENCONTRADOS, POR DISTRITO, 2009



1.2 RESULTADOS COMPARADOS: 2009, 2003 E 2000

Os dados por distrito permitem comparação com os resultados obtidos em 2000 e 2003. Como já mencionado, essa é a única comparação possível das informações levantadas nesses três anos, uma vez que os 10 Distritos Municipais da Área Central foram os únicos recenseados em 2003. Para os demais Distritos Municipais, a comparação só é realizável com os dados de 2000.

TABELA 2 - ÁREA CENTRAL

MORADORES DE RUA ENCONTRADOS, POR DISTRITO MUNICIPAL, 2000, 2003 E 2009

Distrito Municipal	2000	2003	2009
Sé	773	719	1.195
República	715	674	1.570
Liberdade	109	65	128
Bela Vista	138	171	138
Consolação	167	187	175
Santa Cecília	434	451	309
Bom Retiro	151	120	165
Pari	69	76	111
Brás	180	133	249
Cambuci	74	101	53
Total	2.810	2.697	4.093

Examinando-se os resultados obtidos nos três momentos, identifica-se um forte crescimento do número de moradores de rua na Área Central, ou seja, a população recenseada passa de 2810 em 2000, para 4093 em 2009, com forte concentração em República e Sé, onde o incremento foi da ordem de 120% e 55%, respectivamente. Excluindo-se esses dois distritos, os números da área central são bastante próximos: 1322 (em 2000), 1304 (em 2003) e 1328 (em 2009).

TABELA 3 - ÁREA CENTRAL

VARIAÇÃO NO NÚMERO DE MORADORES DE RUA, 2000, 2003 E 2009

Distrito Municipal	2009/2000		2009/2003		2003/2000	
	Absoluta	%	Absoluta	%	Absoluta	%
Sé	422	54,6	476	66,2	-54	-7,0
República	855	119,6	896	132,9	-41	-5,7
Liberdade	19	17,4	63	96,9	-44	-40,4
Bela Vista	-33	-19,3	33	23,9
Consolação	8	4,8	-12	-6,4	20	12,0
Santa Cecília	-125	-28,8	-142	-31,5	17	3,9
Bom Retiro	14	9,3	45	37,5	-31	-20,5
Pari	42	60,9	35	46,1	7	10,1
Brás	69	38,3	116	87,2	-47	-26,1
Cambuci	-21	-28,4	-48	-47,5	27	36,5
Total	1.283	45,7	1.396	51,8	-113	-4,0

Entre 2009 e 2000, as maiores diferenças são observadas em República, Pari e Sé: 119,6% , 60,9% e 54,6%, respectivamente, seguidos do Brás (38,3%). Em alguns distritos, entretanto, foi encontrado um menor número de pessoas: Cambuci (-28,4%), Santa Cecília (-28,8%). Na Bela Vista não houve alteração. Nos distritos restantes, Liberdade, Consolação e Bom Retiro, as variações foram positivas, com um mínimo de 4,8% e um máximo de 17,4%. Deve-se observar que os resultados, por distrito, podem refletir a redistribuição das pessoas entre eles. Isto porque, o recenseamento é feito em uma única noite, o que possibilita a ocorrência de algum(s) evento(s) que provoque a migração entre distritos¹¹.

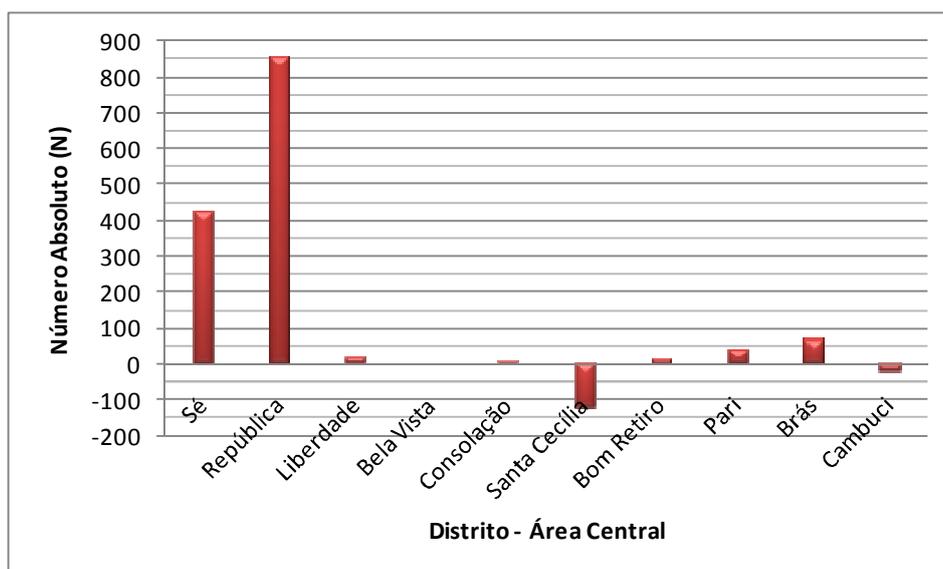
É interessante notar que o número de moradores de rua em República e Sé cai entre 2000 e 2003, tomando os resultados encontrados para 2009 ainda mais expressivos. Houve, certamente, mudança nos fatores que condicionam a distribuição espacial dessa população,

¹¹ Os moradores de rua do Distrito de Santa Cecília, por exemplo, relataram a alguns pesquisadores, supervisores e técnicos que acompanharam as equipes FIPE que a Polícia Militar havia “afugentado” parte da população algumas horas antes.

conjugadamente ao crescimento do número de pessoas. As informações obtidas no âmbito do levantamento censitário, entretanto, não permitem identificá-los.

GRÁFICO 2 - ÁREA CENTRAL

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MORADORES DE RUA, 2009/2000



Entre 2003 e 2009, a variação no total da população é, novamente, fortemente positiva e superior à encontrada entre 2009/2000, uma vez que o total encontrado em 2000 é superior ao de 2003. Assim, houve, entre 2003 e 2009, um crescimento de 51,8%

A distribuição da população, por distrito, mostra que, entre 2009/2003, à exceção de Bela Vista, Santa Cecília, Consolação e Cambuci, em todos os demais ela é positiva, com forte incremento nos distritos de República, Sé, Liberdade, Brás, seguidos por Pari e Bom Retiro.

GRÁFICO 3 - ÁREA CENTRAL

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MORADORES DE RUA, 2009/2003

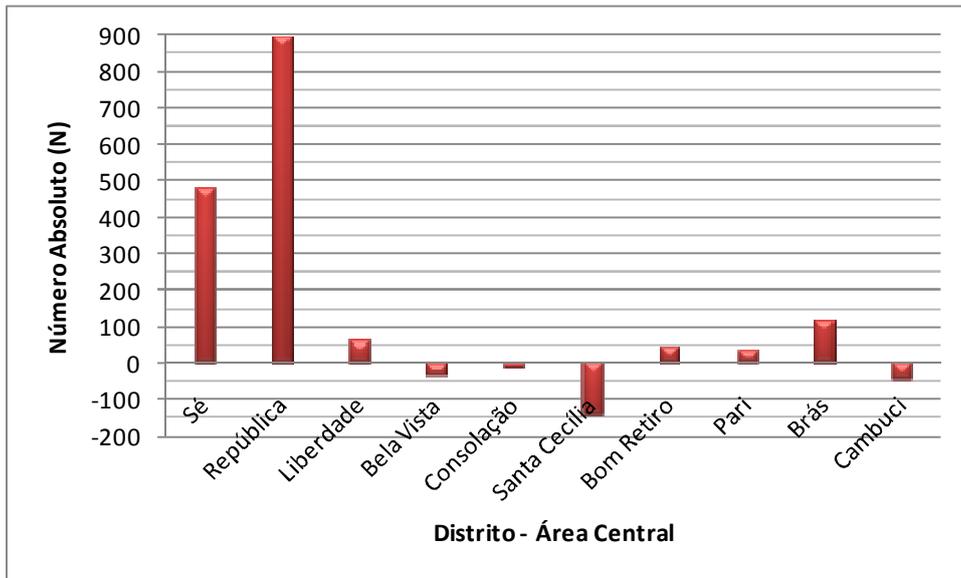
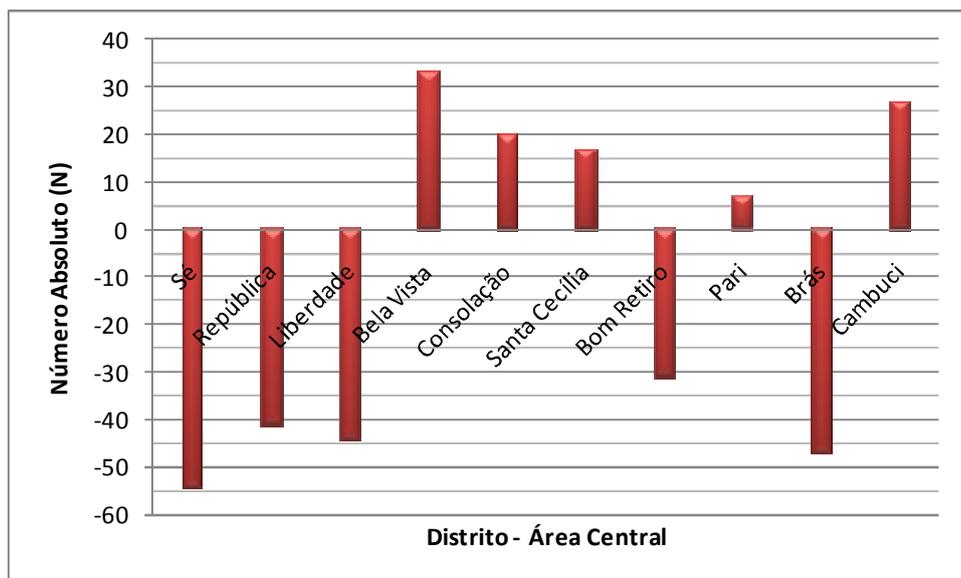


GRÁFICO 4 - ÁREA CENTRAL

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MORADORES DE RUA, 2003/2000



1.3 PONTOS ONDE FORAM ENCONTRADOS OS MORADORES DE RUA

A definição de “ponto”, no âmbito do presente trabalho, foi a mesma utilizada em 2000 e 2003: “definiu-se como ponto de recenseamento o local onde os moradores de rua foram abordados pelos entrevistadores¹²”. O trabalho de campo identificou, na Área Central, 1326 pontos, para o total de moradores de rua recenseados.

TABELA 4 - ÁREA CENTRAL
NÚMERO DE PONTOS, POR DISTRITO, 2009

Distrito	Número de Pontos	%
República	384	29,0
Sé	282	21,3
Santa Cecília	123	9,3
Brás	117	8,8
Consolação	105	7,9
Bom Retiro	96	7,2
Bela Vista	77	5,8
Pari	54	4,1
Liberdade	53	4,0
Cambuci	35	2,6
Total	1.326	100

Como o número de “pontos” é inferior ao total de moradores encontrados, foi calculado o número médio de pessoas por ponto, para cada um dos distritos recenseados. Chama atenção a elevada concentração de pessoas por ponto em República e Sé, bastante superior aos demais distritos.

¹² Relatório final do Primeiro Censo de Moradores de Rua da Cidade de São Paulo, FIPE/SAS, fevereiro de 2000.

TABELA 5 - ÁREA CENTRAL

DISTRIBUIÇÃO DOS PONTOS CONFORME NÚMERO DE MORADORES, POR PONTO, 2009

Moradores por Ponto	Número de Pontos	%
1	718	54,1
2	249	18,8
3	103	7,8
4 a 9	184	13,9
10 ou mais	72	5,4
Total	1.326	100,0

A maioria dos moradores de rua recenseados na Área Central encontrava-se só: 54% do total recenseado. Apesar da predominância de pessoas sozinhas, é também significativa a presença de conjuntos de moradores formados por 2 ou 3 pessoas (26,6%), 4 a 9 (13,9%) e 10 ou mais (5,4%). Cabe ressaltar que foi encontrado grupo formado por 154 moradores de rua, nas ruas da chamada “Cracolândia”. Em 2000 a maior concentração de moradores de rua era constituída por 49 pessoas, encontradas no Largo São Francisco.

TABELA 6 - ÁREA CENTRAL

NÚMERO DE MORADORES DE RUA POR PONTO E POR DISTRITO, 2009

Distrito	Número de Moradores no Ponto					Total
	1	2	3	4 a 9	10 ou mais	
Bela Vista	53	15	2	6	1	77
	68,8%	19,5%	2,6%	7,8%	1,3%	100,0%
Bom Retiro	64	17	6	9	0	96
	66,7%	17,7%	6,3%	9,4%	0,0%	100,0%
Brás	66	25	10	14	2	117
	56,4%	21,4%	8,5%	12,0%	1,7%	100,0%
Cambuci	23	9	1	2	0	35
	65,7%	25,7%	2,9%	5,7%	0,0%	100,0%
Consolação	70	19	8	8	0	105
	66,7%	18,1%	7,6%	7,6%	0,0%	100,0%
Liberdade	31	8	5	7	2	53
	58,5%	15,1%	9,4%	13,2%	3,8%	100,0%
Pari	32	15	2	4	1	54
	59,3%	27,8%	3,7%	7,4%	1,9%	100,0%
República	191	79	32	55	27	384
	49,7%	20,6%	8,3%	14,3%	7,0%	100,0%
Santa Cecília	65	25	10	19	4	123
	52,8%	20,3%	8,1%	15,4%	3,3%	100,0%
Sé	123	37	27	60	35	282
	43,6%	13,1%	9,6%	21,3%	12,4%	100,0%
Total	718	249	103	184	72	1.326
	54,1%	18,8%	7,8%	13,9%	5,4%	100,0%

A distribuição de moradores por ponto, por distrito, mostra que Bela Vista é o distrito onde se verifica o maior percentual de pessoas sozinhas (68,8%); por outro lado, Sé é o distrito com o maior percentual de pontos com mais de 10 pessoas.

TABELA 7 - ÁREA CENTRAL

NÚMERO MÉDIO E MÁXIMO DE MORADORES DE RUA POR PONTO E POR DISTRITO, 2009

Distrito	Média	Máximo	Número de Pontos
Sé	4,24	37	282
República	4,09	154	384
Santa Cecília	2,51	16	123
Liberdade	2,42	15	53
Brás	2,13	29	117
Pari	2,06	13	54
Bela Vista	1,79	13	77
Bom Retiro	1,72	8	96
Consolação	1,67	8	105
Cambuci	1,51	5	35
Total	3,09	154	1.326

O entorno do local onde foram encontrados os moradores de rua foi identificado segundo a predominância de imóveis comerciais/serviços ou residenciais. O resultado encontrado mostra que, confirmando os dados de 2000 e 2003, as áreas com predominância de imóveis comerciais e de serviços constituem a grande maioria dos locais escolhidos pelos moradores de rua para sua permanência.

TABELA 8 - ÁREA CENTRAL

CARACTERÍSTICA DO ENTORNO DOS PONTOS, 2009

Características do Entorno dos Pontos	Número de Pontos	% do Total de Pontos
Predominância Comercial/Serviços	1.082	81,6
Predominância Residencial	200	15,1
Outro	44	3,3
Total	1.326	100,0

TABELA 9 - ÁREA CENTRAL

CARACTERÍSTICA DO ENTORNO DOS PONTOS, POR DISTRITO, 2009

Distrito	Características do Entorno			Total
	Predominante comercial/serviços	Predominante Residencial	Outro	
Bela Vista	38	37	2	77
	49,4%	48,1%	2,6%	100,0%
Bom Retiro	80	14	2	96
	83,3%	14,6%	2,1%	100,0%
Brás	104	8	5	117
	88,9%	6,8%	4,3%	100,0%
Cambuci	16	10	9	35
	45,7%	28,6%	25,7%	100,0%
Consolação	67	38	0	105
	63,8%	36,2%	0,0%	100,0%
Liberdade	39	8	6	53
	73,6%	15,1%	11,3%	100,0%
Pari	45	8	1	54
	83,3%	14,8%	1,9%	100,0%
República	343	37	4	384
	89,3%	9,6%	1,0%	100,0%
Santa Cecília	79	34	10	123
	64,2%	27,6%	8,1%	100,0%
Sé	271	6	5	282
	96,1%	2,1%	1,8%	100,0%
Total	1082	200	44	1326
	81,6%	15,1%	3,3%	100,0%

O local onde os moradores foram encontrados, seja em áreas predominantemente residenciais ou com maior presença de imóveis destinados às atividades comerciais e de serviços foram identificados segundo as seguintes categorias: calçadas (incluindo embaixo de marquises), baixos de viadutos, praças (incluindo as calçadas), áreas externas de imóveis, mocós, estações do metrô, estações de trem, terminal de ônibus, terreno baldio. O levantamento de campo mostrou que as calçadas predominam fortemente como local de permanência (67,4%), seguidas de longe pelos baixos de viadutos (8,8%), praças (8,7%) e áreas externas de imóveis (7,5%). As demais categorias participam com frequência bastante reduzida.

TABELA 10 - ÁREA CENTRAL

TIPO DE PONTO, 2009

Tipo de Ponto	Número de Pontos	% do Total de Pontos
Calçada	894	67,4
Baixos de Viaduto	117	8,8
Praça	115	8,7
Área Externa de Imóvel	100	7,5
Mocó	18	1,4
Estação de Metrô	9	0,7
Terminal de Ônibus	3	0,2
Terreno Baldio	2	0,2
Estação de Trem	2	0,2
Parque	2	0,2
Outro	64	4,8
Total	1.326	100,0

1.4 PRESENÇA DE FAMÍLIAS NOS PONTOS

Uma das questões surgidas durante as reuniões realizadas com as organizações sociais que atendem a população, técnicos de SMADS e o Movimento Nacional de População em Situação de Rua, foi a maior presença de grupos familiares nas ruas, em relação aos censos anteriores.

A identificação dos grupos familiares, o número de famílias nas ruas, na sua composição, tempo de permanência nas ruas, idade de seus membros e outras variáveis de interesse, demandaria uma pesquisa específica para obtenção dessas informações. Contudo, o levantamento censitário deveria obter alguma informação sobre a presença de famílias nas ruas, indicador relevante pra a formulação de intervenções e entendimento da atual condição das pessoas em situação de rua.

Para obter indicações sobre os grupos familiares, a FIPE introduziu uma questão na Ficha do Ponto, ausente nos levantamentos anteriores, para identificar, em cada ponto, indicações da presença desses grupos. A identificação deveria ser feita por observação do pesquisador e, ao final do trabalho, seria possível quantificar o número de “pontos” em que foram encontrados indicações de grupos familiares.

O processo de treinamento dos pesquisadores incluiu uma apresentação dos elementos que deveriam ser observados, com base em pré testes realizados: entrevistadores selecionados foram a campo e testaram o procedimento para identificação dos grupos, antes da decisão de incluir a questão na Ficha do Ponto.

Os resultados mostram um número não desprezível de pontos com presença de grupos familiares, 7,0%. Não é possível a comparação com o censo anterior, pois essa questão não foi incluída na pesquisa de 2000. Liberdade, Sé e Cambuci são os distritos com um maior percentual de famílias nos pontos: 11,8%, 9,7% e 8,6%, respectivamente.

**TABELA 11 - ÁREA CENTRAL
PRESENÇA DE FAMÍLIAS NOS PONTOS, 2009**

Grupos Familiares no Ponto	Número de Pontos	%	% Casos Válidos
Sim	92	7,0	7,0
Não	1.220	93,0	93,0
Total	1.312	98,9	100,0
Sem Identificação	14	1,1	
Total	1.326	100,0	

**TABELA 12 - ÁREA CENTRAL
PRESENÇA DE FAMÍLIAS NOS PONTOS, POR DISTRITO, 2009**

Distrito	Presença de Familiares no Ponto		Total
	Sim	Não	
Bela Vista	4	73	77
	5,2%	94,8%	100,0%
Bom Retiro	6	90	96
	6,3%	93,8%	100,0%
Brás	7	108	115
	6,1%	93,9%	100,0%
Cambuci	3	32	35
	8,6%	91,4%	100,0%
Consolação	7	98	105
	6,7%	93,3%	100,0%
Liberdade	6	45	51
	11,8%	88,2%	100,0%
Pari	4	49	53
	7,5%	92,5%	100,0%
República	19	360	379
	5,0%	95,0%	100,0%
Santa Cecília	9	113	122
	7,4%	92,6%	100,0%
Sé	27	252	279
	9,7%	90,3%	100,0%
Total	92	1220	1312
	7,0%	93,0%	100,0%

1.5 DADOS SOBRE OS MORADORES

1.5.1 Variáveis Demográficas

As variáveis sexo, cor e idade dos moradores de rua e dos abrigados foram obtidas por observação dos recenseadores e são apresentados para Área Central, juntamente com as respostas obtidas para a questão “com quem estão da rua” e para mulheres “se têm filhos em sua companhia”.

Sexo

A distribuição dos moradores de rua por sexo reafirma a forte predominância masculina. Como se sabe, a maior presença de homens nas ruas é fenômeno observado em todas as grandes cidades: Los Angeles, Paris Tóquio, entre outras. A distribuição dessa variável por distrito é bastante semelhante em todos eles, com um percentual de mulheres pouco superior na Liberdade: 25,2%, seguido pelo Pari 18,9%; a menor presença de mulheres é encontrada no Cambuci, 10,2% e no Brás. 11,2%.

TABELA 13 - ÁREA CENTRAL

SEXO DA POPULAÇÃO, 2009

Sexo	Número de Pessoas	%	% Casos Válidos
Masculino	3.250	79,4	82,9
Feminino	672	16,4	17,1
Total	3.922	95,8	100,0
Sem Identificação	171	4,2	
Total	4.093	100,0	

GRÁFICO 5 - ÁREA CENTRAL
SEXO DA POPULAÇÃO, 2009

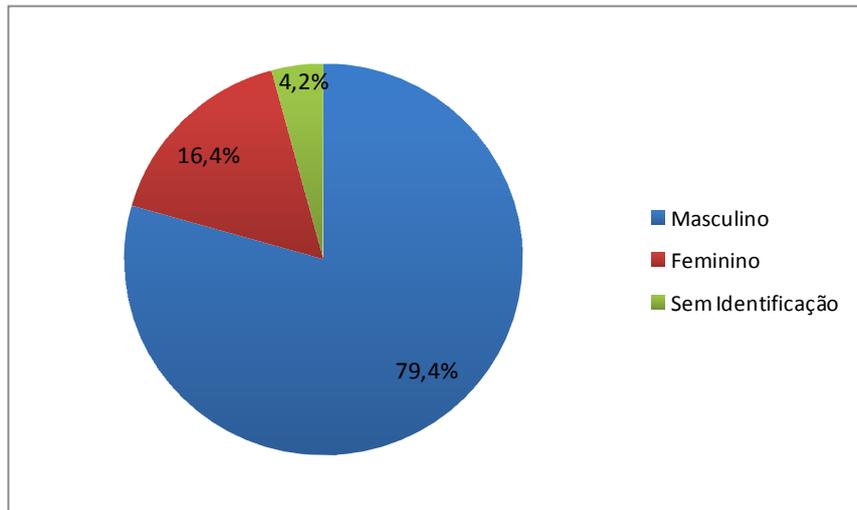
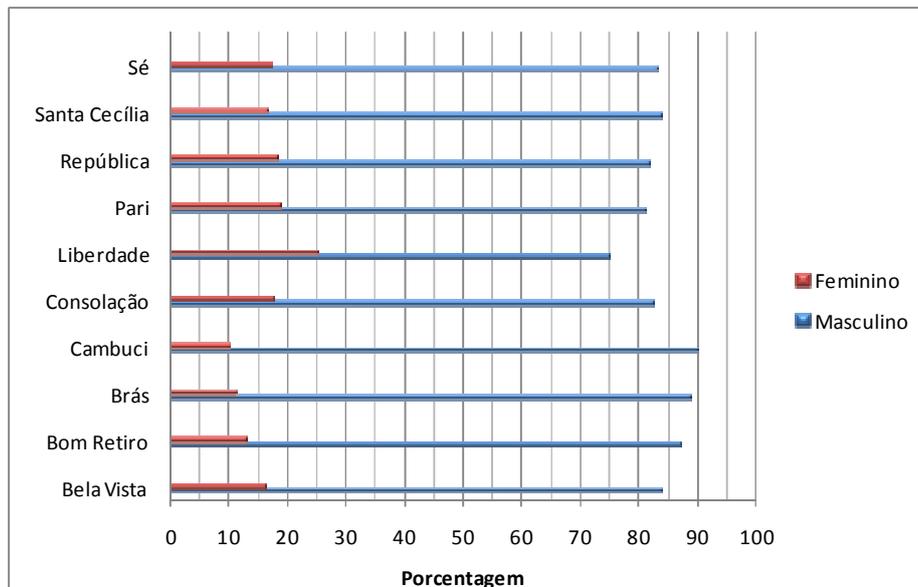


TABELA 14 - ÁREA CENTRAL
SEXO DA POPULAÇÃO, POR DISTRITO, 2009

Distrito	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Bela Vista	109	21	130
	83,8%	16,2%	100,0%
Bom Retiro	141	21	162
	87,0%	13,0%	100,0%
Brás	215	27	242
	88,8%	11,2%	100,0%
Cambuci	44	5	49
	89,8%	10,2%	100,0%
Consolação	140	30	170
	82,4%	17,6%	100,0%
Liberdade	92	31	123
	74,8%	25,2%	100,0%
Pari	90	21	111
	81,1%	18,9%	100,0%
República	1.217	270	1.487

	81,8%	18,2%	100,0%
Santa Cecília	252	49	301
	83,7%	16,3%	100,0%
Sé	950	197	1.147
	82,8%	17,2%	100,0%
Total	3.250	672	3.922
	82,9%	17,1%	100,0%

GRÁFICO 6 - ÁREA CENTRAL
SEXO DA POPULAÇÃO, POR DISTRITO, 2009



Máximo de 25,2% na Liberdade a um mínimo de 10,2 no Cambuci. Pari e República com mais de 18%.

Cor

A variável cor é, sabidamente, um dos problemas de difícil solução em pesquisa sobre população. No Brasil, IBGE, e também em outros países, várias alternativas têm sido testadas para identificar a melhor forma de obter a informação: por declaração ou atribuição do pesquisador. No Censo agora realizado, assim como no de 2000, optou-se por deixar ao

pesquisador a atribuição da cor do morador de rua, evitando possíveis reações adversas¹³ dos moradores de rua. Essa solução arca com a eventual diferença no critério de avaliação dos pesquisadores, que se amplia, como resultado da dificuldade de definição de um critério objetivo para classificação da cor das pessoas. Ambas as dificuldades estão presentes em todas as pesquisas sobre essa variável demográfica.

A informação sobre “cor”, portanto, deve ser analisada tendo presente essas dificuldades, quando os dados são apresentados pelas categorias: branca, preta, parda, indígena e amarela. A fronteira entre elas, notadamente entre pardos, brancos e negros é bastante imprecisa e eventuais imprecisões podem ser reduzidas, agregando-se as respostas em apenas duas categorias: “branca” e “não branca”. Os dados para a Área Central são apresentados sob as duas formas alternativas de apresentação.

Examinados os resultados observa-se, como nos demais levantamentos anteriores, a predominância da cor preta, super representada na população de moradores de rua em relação à população da cidade. As respostas “sem identificação” resultam da impossibilidade de atribuir a cor ao entrevistado, principalmente por estarem dormindo encobertos e não ter sido possível uma abordagem que permitisse a identificação.

TABELA 15 - ÁREA CENTRAL

COR DA POPULAÇÃO ATRIBUÍDA PELO ENTREVISTADOR, 2009

Cor	Número de Pessoas	%	% Casos Válidos
Preta	1.526	37,3	40,3
Branca	1.161	28,4	30,7
Parda	1.064	26,0	28,1
Amarela	18	0,4	0,5
Indígena	14	0,3	0,4
Total	3.783	92,4	100,0
Sem Identificação	310	7,6	
Total	4.093	100,0	

¹³ Pré testes feitos em 2000/2003 mostraram a dificuldade em obter resposta dos moradores; alguns deles se mostraram ofendidos com a pergunta.

GRÁFICO 7 - ÁREA CENTRAL
SEXO DA POPULAÇÃO, POR DISTRITO, 2009

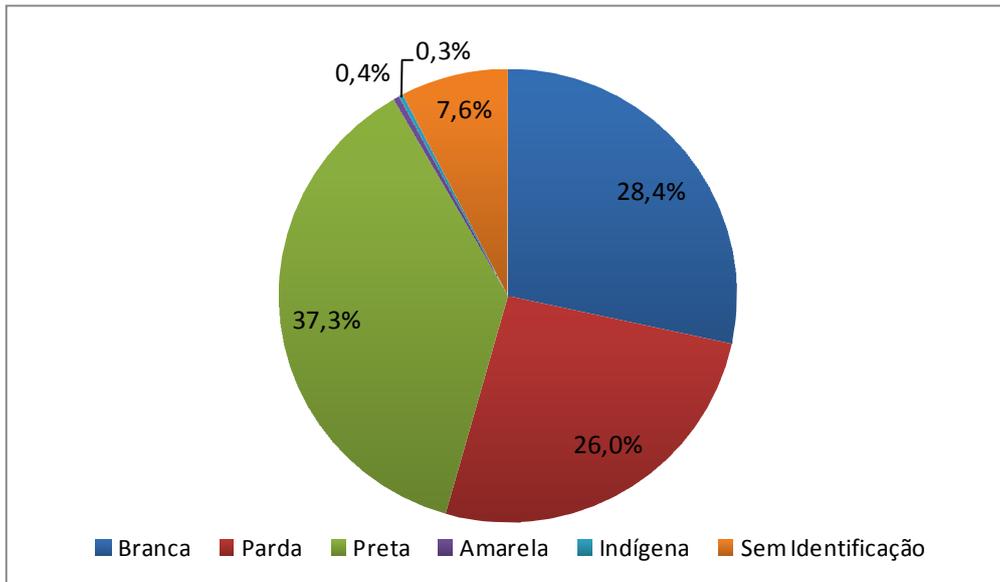
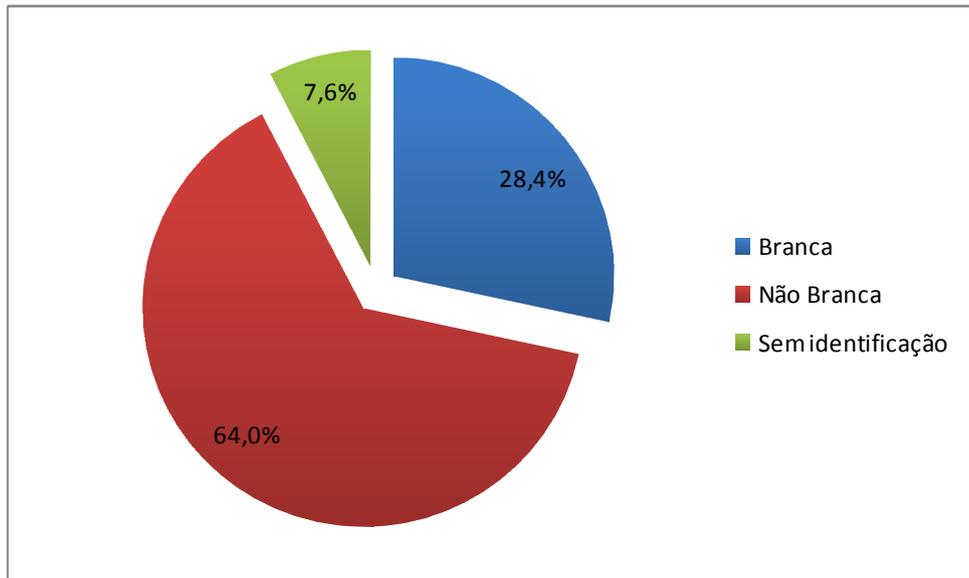


TABELA 16 - ÁREA CENTRAL
COR DA POPULAÇÃO ATRIBUÍDA PELO ENTREVISTADOR, AGREGADA NOS ESTRATOS
“BRANCA” E “NÃO BRANCA”, 2009

Cor	Número de Pessoas	%	% Casos Válidos
Não Branca	2.622	64,1	69,3
Branca	1.161	28,4	30,7
Total	3.783	92,4	100,0
Sem identificação	310	7,6	
Total	4.093	100,0	

GRÁFICO 8 - ÁREA CENTRAL

COR DA POPULAÇÃO ATRIBUÍDA PELO ENTREVISTADOR, AGREGADA NOS ESTRATOS BRANCA E NÃO BRANCA, 2009



Idade

Trinta e oito anos é a idade média da população na Área Central. Média e mediana são muito próximas, embora o desvio padrão seja relativamente elevado. O número de casos válidos, menor que o total da população recenseada decorre das mesmas razões que impediram a atribuição da cor aos entrevistados, com o agravante da informação ser dada pelo entrevistado. Para os distritos da área central, os valores médios e medianos são, também, bastante próximos, cabendo ressaltar, novamente, o desvio padrão encontrado em cada um deles.

Uma informação interessante é quanto ao intervalo formado pela menor idade, um ano, e a pessoa mais velha encontrada nas ruas: noventa e três anos. O valor máximo é surpreendente e remete à possibilidade de não ser verdadeira. Sabe-se que os moradores de rua, por múltiplas razões, nem sempre fornecem as informações de forma fidedigna.

TABELA 17 - ÁREA CENTRAL

MÉDIA E MEDIANA DA IDADE DECLARADA, 2009

Idade	Casos Válidos	2.273
	Sem Informação	1.820
Média		37,6
Mediana		37,0
Desvio Padrão		13,2
Mínima		1
Máxima		93
Quartis	25	28,0
	75	47,0

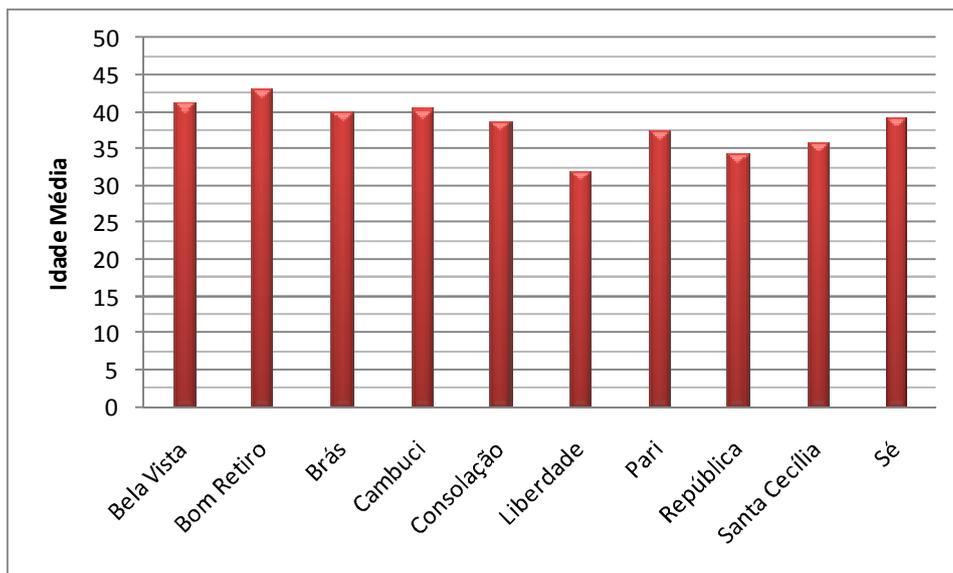
TABELA 18 - ÁREA CENTRAL

MÉDIA E MEDIANA DA IDADE DECLARADA, POR DISTRITO, 2009

Distrito	Média	Desvio Padrão	Máxima	Mediana	Casos válidos
Bela Vista	41,1	13,1	73	40,0	96
Bom Retiro	42,9	12,0	86	43,5	126
Brás	40,0	13,6	75	39,0	187
Cambuci	40,2	11,5	65	41,0	40
Consolação	38,8	13,8	75	41,0	109
Liberdade	32,1	14,5	71	31,0	91
Pari	37,3	13,8	93	35,0	95
República	34,1	13,4	73	32,0	603
Santa Cecília	35,8	12,6	64	36,0	194
Sé	39,3	12,1	76	40,0	732
Total	37,6	13,2	93	37,0	2.273

GRÁFICO 9 - ÁREA CENTRAL

IDADE MÉDIA DECLARADA DA POPULAÇÃO, 2009



1.5.2 Crianças e Adolescentes Acompanhados

O percentual de crianças e adolescentes que declararam estar, nas ruas, acompanhados por crianças e adolescentes é expressivo, 30,2%, embora o número total de respostas tenha sido pequeno: apenas 126 crianças e adolescentes responderam na área central. As outras respostas revelam uma combinação de crianças, adolescentes e adultos, com parentesco ou não. Finalmente, 15,9% disseram estar sozinhos e 14,3% não responderam.

TABELA 19 - ÁREA CENTRAL
COM QUEM ESTÃO NA RUA, MENORES DE 18 ANOS, 2009

Com quem estão na rua	Número de Pessoas	%	% Casos válidos
Adulto(s) com parentesco	29	23	26,9
Sozinho	20	15,9	18,6
Adolescente(s)	17	13,5	15,7
Criança(s)	16	12,7	14,8
Adulto(s) sem parentesco	16	12,7	14,8
Crianças e adolescentes	5	4	4,6
Crianças, adolescentes e adultos parentes	2	1,6	1,9
Crianças e adultos parentes	1	0,8	0,9
Adolescentes e adultos sem parentesco	1	0,8	0,9
Crianças, adolescentes e adultos sem parentesco	1	0,8	0,9
Sem informação	18	14,3	100,0
Total	126	100,0	

1.5.3 Mulheres com Filhos

Essa questão foi feita apenas para mulheres com mais de 15 anos. Quando identificada jovem com idade inferior, mas com criança em sua companhia, perguntou-se se era irmão (ã) ou filho (a). Assim formulada, as respostas dependiam da idade declarada da entrevistada, que pode não ser fidedigna. Ademais, o receio de que o Conselho Tutelar possa separar a criança da mãe pode interferir na resposta, como foi verificado pela equipe técnica da FIPE em visita preparatória ao trabalho de campo em Santana. Informações mais fidedignas e complementares exigem um conjunto de questões direcionadas a esse tema, não realizável no âmbito do levantamento censitário.

Das 672 mulheres identificadas na Área Central, apenas 252 responderam se tinham filhos. Desse total, apenas trinta revelaram o número de filhos.

TABELA 20 - ÁREA CENTRAL

NÚMERO DE MULHERES COM FILHOS E NÚMERO DE FILHOS, 2009

Número de Filhos	Números de Mulheres	%	% Casos Válidos
Nenhum	215	32,0	85,3
1	17	2,5	6,7
2	9	1,3	3,6
3	1	0,1	0,4
4	2	0,3	0,8
5	1	0,1	0,4
Não declarou o número	7	1,0	2,8
Sem Informação	420	62,5	100,0
Total	672	100,0	



Fundação Instituto de
Pesquisas Económicas

II. RESULTADOS PARA TODOS OS DISTRITOS MUNICIPAIS – MORADORES DE RUA

Finalizado o recenseamento, obteve-se o total da população, distribuída pelos Distritos Municipais recenseados. Foram encontradas 6.587 pessoas pernitoando nos distritos recenseados.

Em alguns distritos não foi realizado o trabalho de campo, pois as informações obtidas na etapa de planejamento apontavam sempre para a inexistência de moradores de rua nessas áreas. Por ser um levantamento censitário, os dados por Distrito podem ser utilizados para operações de agregação, qualquer que seja o critério a ser definido.

Os dados por Distrito Municipal são apresentados por ordem alfabética e por participação da população encontrada em cada um deles no total de pessoas encontradas nas ruas.

Resultados para 2009

TABELA 21 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR DISTRITO EM ORDEM ALFABÉTICA, 2009

Distrito	População encontrada nas ruas por distrito	%
Água Rasa	6	0,1
Alto de Pinheiros	9	0,1
Anhanguera	-	0,0
Aricanduva	10	0,2
Artur Alvim	9	0,1
Barra Funda	88	1,3
Bela Vista	138	2,1
Belém	101	1,5
Bom Retiro	165	2,5
Brás	249	3,8
Brasilândia	8	0,1
Butantã	10	0,2
Cachoeirinha	13	0,2
Cambuci	53	0,8

Campo Belo	70	1,1
Campo Grande	15	0,2
Campo Limpo	15	0,2
Cangaíba	1	0,0
Capão Redondo	2	0,0
Carrão	46	0,7
Casa Verde	19	0,3
Cidade Ademar	2	0,0
Cidade Dutra	21	0,3
Cidade Líder	8	0,1
Cidade Tiradentes	4	0,1
Consolação	175	2,7
Cursino	12	0,2
Ermelino Matarazzo	18	0,3
Freguesia do Ó	16	0,2
Grajaú	-	0,0
Guaianases	5	0,1
Iguatemi	-	0,0
Ipiranga	104	1,6
Itaim Bibi	25	0,4
Itaim Paulista	17	0,3
Itaquera	20	0,3
Jabaquara	67	1,0
Jaçanã	23	0,3
Jaguara	10	0,2
Jaguaré	17	0,3
Jaraguá	6	0,1
Jardim Ângela	-	0,0
Jardim Helena	8	0,1
Jardim Paulista	82	1,2
Jardim São Luis	5	0,1
José Bonifácio	8	0,1
Lajeado	14	0,2
Lapa	68	1,0
Liberdade	128	1,9
Limão	21	0,3
Mandaqui	7	0,1
Marsilac	-	0,0

Moema	72	1,1
Mooca	135	2,0
Morumbi	10	0,2
Parelheiros	-	0,0
Pari	111	1,7
Parque do Carmo	-	0,0
Pedreira	-	0,0
Penha	41	0,6
Perdizes	37	0,6
Perus	5	0,1
Pinheiros	106	1,6
Pirituba	12	0,2
Ponte Rasa	8	0,1
Raposo Tavares	-	0,0
República	1.570	23,8
Rio Pequeno	9	0,1
Sacomã	20	0,3
Santa Cecília	309	4,7
Santana	194	2,9
Santo Amaro	110	1,7
São Domingos	4	0,1
São Lucas	14	0,2
São Mateus	36	0,5
São Miguel	32	0,5
São Rafael	-	0,0
Sapopemba	20	0,3
Saúde	45	0,7
Sé	1.195	18,1
Socorro	14	0,2
Tatuapé	105	1,6
Tremembé	2	0,0
Tucuruvi	12	0,2
Vila Andrade	5	0,1
Vila Curuçá	46	0,7
Vila Formosa	11	0,2
Vila Guilherme	20	0,3
Vila Jacuí	2	0,0
Vila Leopoldina	149	2,3



Fundação Instituto de
Pesquisas Econômicas

Vila Maria	54	0,8
Vila Mariana	95	1,4
Vila Matilde	6	0,1
Vila Medeiros	8	0,1
Vila Prudente	40	0,6
Vila Sônia	5	0,1
Total	6.587	100,0

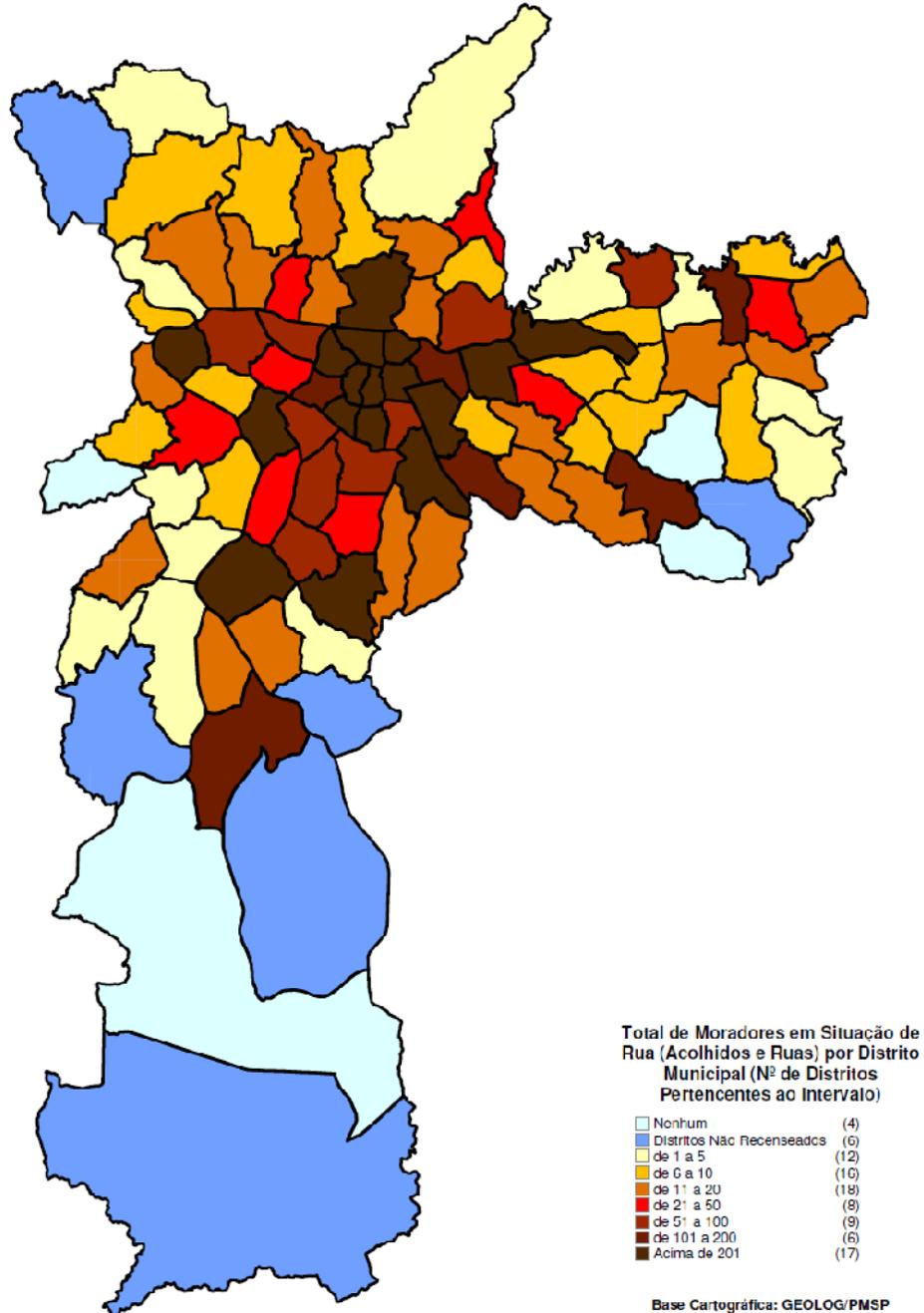
**TABELA 22 - NÚMERO DE PESSOAS RECENSEADAS NAS RUAS, POR DISTRITOS E POR
ORDEM DA PARTICIPAÇÃO NO TOTAL, 2009**

Distrito	Total	%
República	1.570	23,8
Sé	1.195	18,1
Santa Cecília	309	4,7
Brás	249	3,8
Santana	194	2,9
Consolação	175	2,7
Bom Retiro	165	2,5
Vila Leopoldina	149	2,3
Bela Vista	138	2,1
Mooca	135	2,0
Liberdade	128	1,9
Pari	111	1,7
Santo Amaro	110	1,7
Pinheiros	106	1,6
Tatuapé	105	1,6
Ipiranga	104	1,6
Belém	101	1,5
Vila Mariana	95	1,4
Barra Funda	88	1,3
Jardim Paulista	82	1,2
Moema	72	1,1
Campo Belo	70	1,1
Lapa	68	1,0
Jabaquara	67	1,0
Vila Maria	54	0,8
Cambuci	53	0,8
Carrão	46	0,7
Vila Curuçá	46	0,7
Saúde	45	0,7
Penha	41	0,6
Vila Prudente	40	0,6
Perdizes	37	0,6
São Mateus	36	0,5
São Miguel	32	0,5

Itaim Bibi	25	0,4
Jaçanã	23	0,3
Cidade Dutra	21	0,3
Limão	21	0,3
Itaquera	20	0,3
Sacomã	20	0,3
Sapopemba	20	0,3
Vila Guilherme	20	0,3
Casa Verde	19	0,3
Ermelino Matarazzo	18	0,3
Itaim Paulista	17	0,3
Jaguareé	17	0,3
Freguesia do Ó	16	0,2
Campo Grande	15	0,2
Campo Limpo	15	0,2
Lajeado	14	0,2
São Lucas	14	0,2
Socorro	14	0,2
Cachoeirinha	13	0,2
Cursino	12	0,2
Pirituba	12	0,2
Tucuruvi	12	0,2
Vila Formosa	11	0,2
Aricanduva	10	0,2
Butantã	10	0,2
Jaguara	10	0,2
Morumbi	10	0,2
Alto de Pinheiros	9	0,1
Artur Alvim	9	0,1
Rio Pequeno	9	0,1
Brasilândia	8	0,1
Cidade Líder	8	0,1
Jardim Helena	8	0,1
José Bonifácio	8	0,1
Ponte Rasa	8	0,1
Vila Medeiros	8	0,1
Mandaqui	7	0,1
Água Rasa	6	0,1

Jaraguá	6	0,1
Vila Matilde	6	0,1
Guaianases	5	0,1
Jardim São Luis	5	0,1
Perus	5	0,1
Vila Andrade	5	0,1
Vila Sonia	5	0,1
Cidade Tiradentes	4	0,1
São Domingos	4	0,1
Capão Redondo	2	0,0
Cidade Ademar	2	0,0
Tremembé	2	0,0
Vila Jacuí	2	0,0
Cangaíba	1	0,0
Total	6.587	100,0

**SEGUNDO CENSO DA POPULAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2009
 DISTRIBUIÇÃO POR DISTRITO MUNICIPAL**



Comparação dos dados por distrito, 2009 e 2000

Comparando o total de moradores de rua encontrados ruas da cidade de São Paulo em 2000 (5.013) e em 2009 (6.587), observa-se um acréscimo de 1574 pessoas. Alguns distritos perderam população, 37 deles, e outros ganharam.

As perdas e ganhos de moradores, por distrito, têm magnitudes diferentes. Alguns distritos perderam população de forma mais acentuada, Santa Cecília, Jardim Paulista e Itaim Bibi são exemplos; em outros a contração foi bastante reduzida: Perdizes e Alto de Pinheiros perderam 10 e 7 moradores, respectivamente. As perdas de menor magnitude podem resultar de fatores ocasionais, enquanto que nos distritos em que houve variação mais significativa é possível supor que fatores determinantes da variação estão operando.

Quanto aos distritos onde a população moradora de rua cresceu, o grande aumento foi em Sé (422) e República (855) que, conjuntamente, somam a quase totalidade da variação registrada entre 2009 e 2000. Nos demais distritos, Brás, Ipiranga, Mooca e Pari, houve incremento significativo, embora em outra ordem de grandeza daquela verificada em Sé e República.

A comparação distrito a distrito não pode ser realizada para os dados de 2003, excetuando-se a Área Central, cujos resultados já foram apresentados.

TABELA 23 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR DISTRITO EM ORDEM ALFABÉTICA, 2009 E 2000

Distrito	2000	2009	Diferença 2009/2000
Água Rasa	18	6	-12
Alto de Pinheiros	16	9	-7
Anhanguera	1		-1
Aricanduva	22	10	-12
Artur Alvim	7	9	2
Barra Funda	101	88	-13
Bela Vista	138	138	0
Belém	80	101	21

Bom Retiro	151	165	14
Brás	180	249	69
Brasilândia	5	8	3
Butantã	10	10	0
Cachoeirinha	1	13	12
Cambuci	74	53	-21
Campo Belo	65	70	5
Campo Grande	10	15	5
Campo Limpo	1	15	14
Cangaíba	2	1	-1
Capão Redondo	5	2	-3
Carrão	44	46	2
Casa Verde	9	19	10
Cidade Ademar	19	2	-17
Cidade Dutra	6	21	15
Cidade Líder		8	8
Cidade Tiradentes	2	4	2
Consolação	167	175	8
Cursino	24	12	-12
Ermelino Matarazzo	15	18	3
Freguesia do Ó	19	16	-3
Grajaú	5		-5
Guaianases	5	5	0
Iguatemi	4		-4
Ipiranga	63	104	41
Itaim Bibi	109	25	-84
Itaim Paulista	12	17	5
Itaquera	9	20	11
Jabaquara	41	67	26
Jaçanã	9	23	14
Jaguara	3	10	7
Jaguaré	5	17	12
Jaraguá	3	6	3
Jardim Ângela			0
Jardim Helena	1	8	7
Jardim Paulista	161	82	-79
Jardim São Luis	15	5	-10
José Bonifácio	1	8	7

Lajeado	2	14	12
Lapa	65	68	3
Liberdade	109	128	19
Limão	2	21	19
Mandaqui	9	7	-2
Marsilac			0
Moema	38	72	34
Mooca	61	135	74
Morumbi	1	10	9
Parelheiros			0
Pari	69	111	42
Parque do Carmo	1		-1
Pedreira			0
Penha	58	41	-17
Perdizes	47	37	-10
Perus	8	5	-3
Pinheiros	129	106	-23
Pirituba	13	12	-1
Ponte Rasa	4	8	4
Raposo Tavares	3		-3
República	715	1.570	855
Rio Pequeno	11	9	-2
Sacomã	13	20	7
Santa Cecília	434	309	-125
Santana	124	194	70
Santo Amaro	132	110	-22
São Domingos	10	4	-6
São Lucas	10	14	4
São Mateus	21	36	15
São Miguel	22	32	10
São Rafael	3		-3
Sapopemba	11	20	9
Saúde	51	45	-6
Sé	773	1.195	422
Socorro	6	14	8
Tatuapé	68	105	37
Tremembé		2	2
Tucuruvi	8	12	4

Vila Andrade		5	5
Vila Curuçá		46	46
Vila Formosa	6	11	5
Vila Guilherme	21	20	-1
Vila Jacuí	6	2	-4
Vila Leopoldina	86	149	63
Vila Maria	37	54	17
Vila Mariana	105	95	-10
Vila Matilde	13	6	-7
Vila Medeiros	6	8	2
Vila Prudente	46	40	-6
Vila Sônia	14	5	-9
Sem informação	4	0	-4
Total	5.013	6.587	1.574

Resultados por CAS

Atualmente, SMADS trabalha com divisão territorial que abrange cinco Coordenadorias de Assistência Social – CAS. São as CAS Norte, Centro-Oeste, Sudeste, Leste e Sul. A agregação dos dados evidencia a forte concentração da população na CAS Centro- Oeste (66,2%). Em número de moradores, é seguida pela CAS Sudeste (20,0%) e, com menor presença da população, pela CAS Norte (6,4%). Com bem menos presença de moradores de rua sob sua coordenação, encontra-se a CAS Sul e CAS Leste.

TABELA 24 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009

CAS	População encontrada nas ruas	%
CAS Centro-Oeste	4.358	66,2
CAS Sudeste	1.320	20,0
CAS Norte	424	6,4
CAS Sul	259	3,9
CAS Leste	226	3,4
Total	6.587	100,0

Resultados por Subprefeituras

A distribuição das pessoas dormindo nas ruas em 2009, nas 31 subprefeituras, revela uma grande concentração na Sé, com 56,7% do total, seguida da Mooca, com 10,7% e 5,6% na Lapa. O restante se distribui pelas demais subprefeituras, em percentuais que vão se reduzindo nas regiões mais periféricas. Em Cidade Tiradentes, Cidade Ademar e Parelheiros, praticamente não foram encontradas pessoas dormindo nas ruas.

TABELA 25 - POPULAÇÃO ENCONTRADA NAS RUAS, POR SUBPREFEITURA, 2009

Subprefeitura	Total	%
Sé	3.733	56,7
Mooca	707	10,7
Lapa	369	5,6
Pinheiros	222	3,4
Santana/Tucuruvi	213	3,2
Vila Mariana	212	3,2
Santo Amaro	195	3,0
Ipiranga	136	2,1
Vila Maria/Vila Guilherme	82	1,2
Vila Prudente/Sapopemba	74	1,1
Aricanduva/Formosa/Carrão	67	1,0
Jabaquara	67	1,0
Itaim Paulista	63	1,0
Penha	57	0,9
Casa Verde/Cachoeirinha	53	0,8
São Miguel	42	0,6
Itaquera	36	0,5
São Mateus	36	0,5
Capela do Socorro	35	0,5
Butantã	34	0,5
Ermelino Matarazzo	26	0,4
Jaçanã/Tremembé	25	0,4
Freguesia do Ó/Brasilândia	24	0,4
Campo Limpo	22	0,3
Pirituba/Jaraguá	22	0,3
Guaianases	19	0,3



Fundação Instituto de
Pesquisas Econômicas

M'Boi Mirim	5	0,1
Perus	5	0,1
Cidade Tiradentes	4	0,1
Cidade Ademar	2	0,0
Parelheiros	0	0,0
Total	6.587	100,0

III. ÁREA CENTRAL – ACOLHIDOS

A população em situação de rua que é usuária de serviços da rede foi recenseada em 30 Centros de Acolhida¹⁴ e 9 Centros de Acolhida Especiais existentes na cidade¹⁵, que são conveniados com SMADS. Trata-se de novas denominações para os serviços conhecidos anteriormente como Albergues e Abrigos especiais. Os Centros de Acolhida oferecem pernoite e serviços de higiene e alimentação para a população em situação de rua. Os Centros de Acolhida Especiais possuem atendimento de 24 horas para públicos diferenciados como mulheres sós ou com crianças e idosos ou ainda para convalescentes sem residência que são encaminhados por hospitais ou centros de acolhida.

Além destes foram incluídos na contagem as vagas existentes nas Repúblicas e Hotéis Sociais e nos Abrigos não conveniados com SMADS.

¹⁴ O Centro de Acolhida Casa Restaura-me não foi incluído porque deixou de funcionar como centro de acolhida em 31/10/2009 mantendo-se apenas como núcleo de serviço.

¹⁵ Ver listagem em anexo

3.1 NÚMERO DE ACOLHIDOS RECENSEADOS

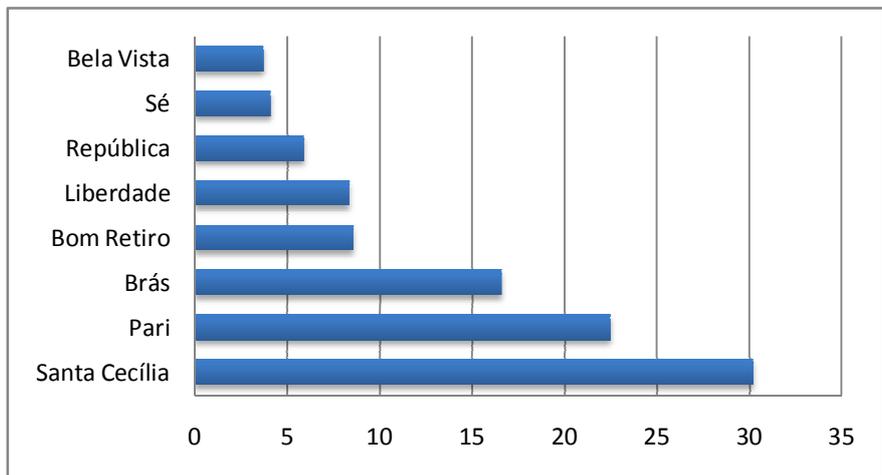
Os acolhidos dos Centros de Acolhida e Acolhida Especial encontrados na Área Central em 2009 concentram-se em 5 dos 10 distritos da região, sendo que nos distritos Consolação e Cambuci não foram encontrados usuários acolhidos. Os distritos com maior presença de usuários da rede são Santa Cecília (1025) Pari (763) e Brás (561) que, conjuntamente correspondem a 69% do total da região. O destaque de Santa Cecília se deve principalmente à presença do Projeto Oficina Boraceia onde foram encontrados 673 acolhidos no dia do recenseamento. O conjunto de usuários do Boraceia corresponde a 19% do total da região central e aproximadamente 10% do total de dos acolhidos da cidade. Com menor número de usuários, seguem-se Bom Retiro (290) Liberdade (286), República (200), Sé (139) e Bela Vista (125).

TABELA 26 - ÁREA CENTRAL

ACOLHIDOS NA ÁREA CENTRAL, POR DISTRITO MUNICIPAL, 2009

Distrito	Número	%
Santa Cecília	1.025	30,2
Pari	763	22,5
Brás	561	16,6
Bom Retiro	290	8,6
Liberdade	286	8,4
República	200	5,9
Sé	139	4,1
Bela Vista	125	3,7
Consolação	0	...
Cambuci	0	...
Total	3.389	100,0

GRÁFICO 10 - ACOLHIDOS NA ÁREA CENTRAL, % POR DISTRITO, 2009



3.2 RESULTADOS COMPARADOS: 2009, 2003 E 2000

A população acolhida da região central cresceu significativamente (81%) no período de 2000 a 2009. No entanto, este crescimento ocorreu basicamente no período de 2000 a 2003 quando se verifica um aumento percentual de 96,6% para o conjunto da área. A variação positiva ocorre em 7 dos 8 distritos onde se verificava a presença de acolhidos em 2000.

No período de 2003 e 2009 ocorre uma inversão da tendência. A comparação dos dados mostra que nos últimos 6 anos houve um decréscimo de 7% no número de acolhidos na região. Esta diminuição está relacionada à desativação de serviços na área, especialmente dois grandes centros de acolhida que funcionavam nos distritos onde foi maior a perda de população acolhida: República (-57%) e Liberdade (-60%). Nos últimos 18 meses foram desativados o Centro de Acolhida São Francisco de Assis, (antigo Cirineu), com capacidade de 374 vagas (República) e o Centro de Acolhida São Francisco (Liberdade) localizado nos baixos do Viaduto do Glicério, que atendia 300 pessoas noite.

Contrariamente aos distritos de República, Sé e Liberdade, o distrito de Santa Cecília teve um crescimento da população acolhida no período de 2003/2009 de 158%. Grande parte deste crescimento é decorrente da ampliação do atendimento do Projeto Oficina Boracea.

Nos demais distritos – Bela Vista, Bom Retiro Pari e Brás - as mudanças entre 2003 e 2009 não foram expressivas.

TABELA 27 - ÁREA CENTRAL

ACOLHIDOS NA ÁREA CENTRAL, POR DISTRITO MUNICIPAL, 2000, 2003 E 2009

Distrito	2000	2003	2009
República	81	470	200
Sé	47	240	139
Santa Cecília	51	397	1.025
Pari	249	823	763
Brás	791	588	561
Bom Retiro	6	307	290
Liberdade	627	716	286
Bela Vista	14	127	125
Consolação	0	0	0
Cambuci	0	0	0
Total	1.866	3.668	3.389

TABELA 28 ÁREA CENTRAL

VARIAÇÃO NO NÚMERO DE ACOLHIDOS, 2000, 2003 E 2009

Distritos	2009/2000	2009/2003	2003/2000
Sé	92	-101	193
República	119	-270	389
Liberdade	-341	-430	89
Bela Vista	111	-2	113
Consolação	0	0	0
Santa Cecília	974	628	346
Bom Retiro	284	-17	301
Pari	514	-60	574
Brás	-230	-27	-203
Cambuci	0	0	0
Total	1.523	-279	1.802

GRÁFICO 11 - ÁREA CENTRAL

DIFERENÇA NO NÚMERO DE ACOLHIDOS 2009/2000

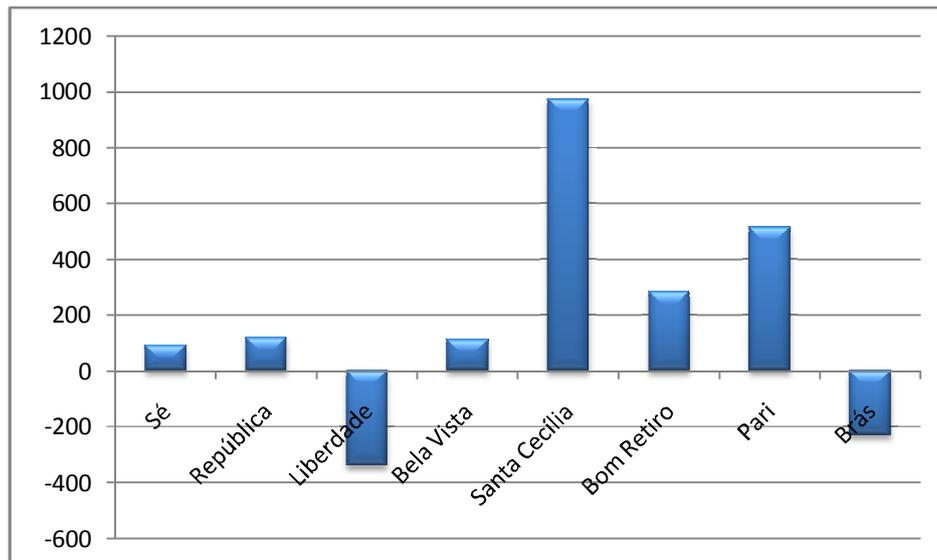


GRÁFICO 12 - ÁREA CENTRAL
DIFERENÇA DO NÚMERO DE ACOLHIDOS, 2003/2009

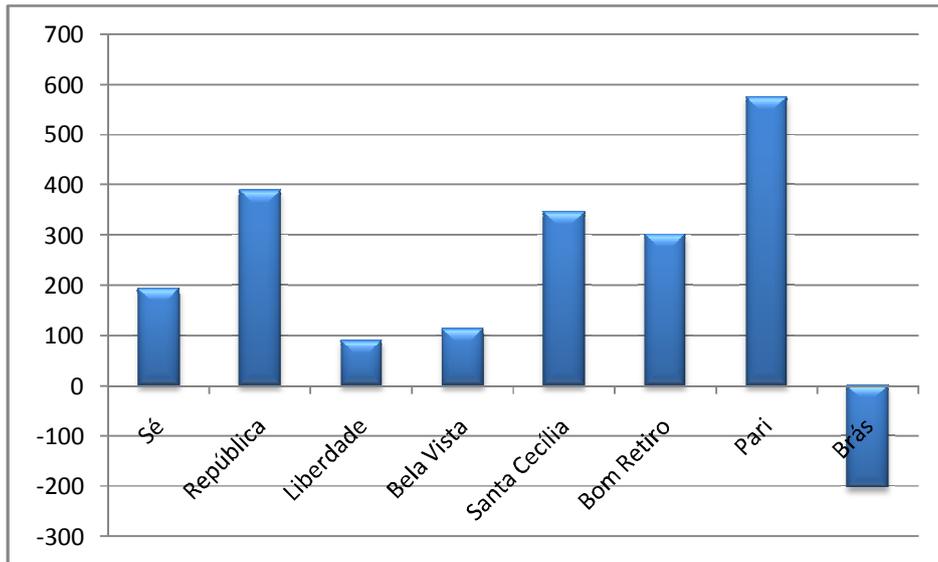
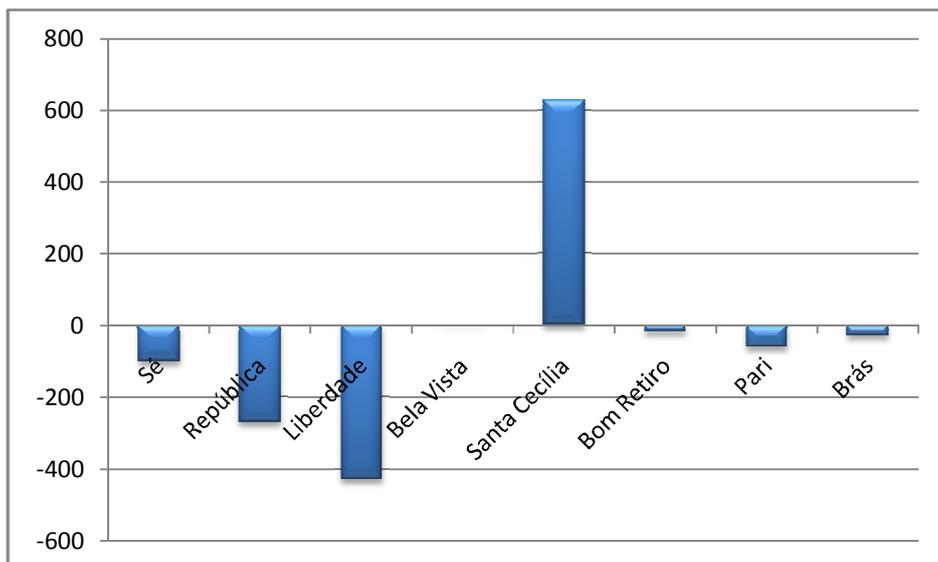


GRÁFICO 13 - ÁREA CENTRAL
DIFERENÇA DO NÚMERO DE ACOLHIDOS, 2009/2003



IV. RESULTADOS PARA TODOS OS DISTRITOS MUNICIPAIS - ACOLHIDOS

Acolhidos por Distritos 2009

A população acolhida de São Paulo, recenseada em 2009, é de 7 079 pessoas. Esta população distribui-se por 24 distritos da cidade, ainda que 57,3% dos acolhidos estejam concentrados em apenas 5 deles.

Nos dois distritos com maior número de acolhidos localizam-se os maiores centros de acolhida da cidade. O primeiro lugar é ocupado pelo distrito da Mooca, onde estão 16,2% dos acolhidos. Trata-se dos usuários do Arsenal da Esperança, onde foram encontradas 1145 pessoas¹⁶. O segundo lugar (14,5%) é ocupado pelo distrito de Santa Cecília com 1025 pessoas, sendo que destas, 673 estão abrigadas no Projeto Boraceia.

Em seguida aparecem os distritos do Pari com 763 pessoas (10,8%), Brás com 561 (7,9%) e Tatuapé com 560 (7,9%).

Um segundo grupo de 10 distritos abriga 30,79% da população acolhida. São eles: Santo Amaro (292 pessoas), Bom Retiro (290) Liberdade (286), Penha (236), Ipiranga (210), República (200), Santana (193), Jabaquara (172), Cidade Dutra (166), Sé (139).

Nos 9 distritos restantes onde foram encontrados acolhidos – Bela Vista, Pinheiros, São Mateus, Vila Prudente, Vila Leopoldina, São Miguel, Ermelino Matarazzo, Belém, Butantã - a presença é menos expressiva, uma vez que o percentual de cada distrito é inferior a 2% do total. Juntos, eles respondem por 12% do total de acolhidos.

Nos demais distritos da cidade não se verificou a presença de acolhidos que utilizam a rede de serviços.

¹⁶ O Arsenal da Esperança fica na divisa do distrito do Brás e da Mooca. Como foi incluído no Censo de 2000 e levantamento de 2003 como estando na Mooca foi mantido neste distrito para permitir a comparação de dados.

TABELA 29- NÚMERO DE ACOLHIDOS POR DISTRITO, 2009

Distrito	Acolhidos	%
Bela Vista	125	1,8
Belém	70	1,0
Bom Retiro	290	4,1
Brás	561	7,9
Butantã	11	0,2
Cidade Dutra	166	2,3
Ermelino Matarazzo	72	1,1
Ipiranga	210	3,0
Jabaquara	172	2,4
Liberdade	286	4,0
Mooca	1.145	16,2
Pari	763	10,8
Penha	236	3,3
Pinheiros	130	1,8
República	200	2,8
Santa Cecília	1.025	14,5
Santana	193	2,7
Santo Amaro	292	4,1
São Mateus	120	1,7
São Miguel	76	1,1
Sé	139	2,0
Tatuapé	560	7,9
Vila Leopoldina	117	1,6
Vila Prudente	120	1,7
Total	7.079	100,0

Acolhidos por subprefeituras, 2009

A população acolhida foi encontrada em 15 subprefeituras das 31 existentes. No entanto, grande parte desta população (73%) concentra-se em duas subprefeituras. Na da Mooca, que comporta quase metade dos acolhidos (43,8%) e na Sé, onde se encontra 29,2% desta população.

O terceiro lugar é ocupado pela subprefeitura de Santo Amaro com 292 pessoas (4,1%) o quarto pela Penha com 236 (3,3%), o quinto pelo Ipiranga com 210 (3,0%).

Nas demais subprefeituras com população acolhida o percentual de cada uma é inferior a 3% do total. São elas: Santana, Jabaquara, Capela do Socorro, Pinheiros, São Mateus, Vila Prudente, Lapa, Ermelino Matarazzo, São Miguel e Butantã.

Nas demais subprefeituras não foram encontrados acolhidos.

TABELA 30 - NÚMERO DE ACOLHIDOS POR SUBPREFEITURA, 2009

Subprefeitura	Acolhidos	%
Butantã	11	0,2
Capela do Socorro	166	2,3
Ermelino Matarazzo	72	1,0
Ipiranga	210	3,0
Jabaquara	172	2,4
Lapa	117	1,7
Mooca	3.099	43,8
Penha	236	3,3
Pinheiros	130	1,8
Santana	193	2,7
Santo Amaro	292	4,1
São Mateus	120	1,7
São Miguel	76	1,1
Sé	2.065	29,2
Vila Prudente	120	1,7
Total	7.079	100,0

Acolhidos por Coordenadoria de Assistência e Desenvolvimento Social, CAS, 2009

A população de centro de acolhida está distribuída desigualmente pela cidade. A grande maioria (87%) está concentrada em duas regiões. A CAS Sudeste que comporta 3837 acolhidos, ou seja, mais da metade (54,2%) do total da cidade e a CAS Centro-Oeste com 2323 pessoas que corresponde a 32,8%. Os restantes 13% distribuem-se por CAS Sul (6,5%), CAS Leste (3,8%) e CAS Norte onde estão localizados apenas 2,7% dos acolhidos.

TABELA 31 - ACOLHIDOS, POR COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009

CAS	Acolhidos	%
CAS Sudeste	3.837	54,2
CAS Centro-Oeste	2.323	32,8
CAS Sul	458	6,5
CAS Leste	268	3,8
CAS Norte	193	2,7
Total	7.079	100,0

Resultados comparados, 2009, 2003¹⁷ e 2000

No período compreendido entre 2000 e 2009 a população acolhida na cidade de São Paulo apresenta um crescimento muito significativo (91,7%) passando de 3693 pessoas para 6294. O aumento ocorre principalmente entre 2000 e 2003, quando, em um período de três anos, cresce 82,7%. Posteriormente, entre 2003 e 2009, não há crescimento expressivo. A diferença positiva é de apenas 4,9%.

Entre 2000 e 2009, o aumento do número de acolhidos ocorre tanto na área central como nas demais regiões da cidade. No entanto, a expansão foi proporcionalmente maior em regiões fora da área central (102%), com aumento de 1863 pessoas acolhidas, do que no centro da cidade (81,6%) com diferença positiva de 1523 pessoas.

A comparação dos dois períodos - 2000/2003 e 2003/2009 - para a área central e para o restante da cidade, mostra tendências diferentes de crescimento. No período de 2000/2003 se verifica um aumento no número dos acolhidos nas duas regiões, mas o crescimento

¹⁷ É possível comparar o total de acolhidos da cidade em 2003 com 2000 e 2009 porque, diferentemente do levantamento realizado na rua, que foi feito por amostra para parte da cidade, os centros de acolhida foram recenseados integralmente, uma vez que apenas um centro de acolhida de Ermelino Matarazzo com 60 vagas (que corresponde a 0,9% do total) não estava na área da pesquisa.

ocorre principalmente na área central (96,6%), quando comparado ao restante da cidade (68,6%). No período de 2003/2009 o crescimento ocorre exclusivamente fora da área central, sendo da ordem de 19%, enquanto que no centro há uma diminuição de 7,6% no número de acolhidos.

TABELA 32 - NÚMERO DE ACOLHIDOS ENCONTRADOS NA ÁREA CENTRAL E RESTANTE DA CIDADE 2009, 2003 E 2000

Região	2000	2003	2009
Área central	1.866	3.668	3.389
Outras áreas	1.827	3.080	3.690
Total	3.693	6.748	7.079

TABELA 33 - VARIAÇÃO NO NÚMERO DE ACOLHIDOS, 2000, 2003¹⁸ E 2009

Região	2009/2000		2009/2003		2003/2000	
	Absoluta	%	Absoluta	%	Absoluta	%
Área central	1.523	81,6	-279	-7,6	1.802	96,6
Outras áreas	1.863	102	610	19,8	1.253	68,6
Total	3.386	91,7	331	4,9	3.055	82,7

Resultados comparados, 2009 e 2000, por Distritos

A comparação do número de acolhidos por distrito em 2009 e 2000 evidencia aspectos da dinâmica de expansão dos centros de acolhida na cidade. Após 2000 surgem acolhidos em 10 novos distritos. Entre eles se destacam os de Ipiranga (210 pessoas), Cidade Dutra (166 pessoas), São Mateus (120), Vila Prudente (120) e Vila Leopoldina (117). Em 12 distritos, onde já se identificava a presença de acolhidos em 2000, houve crescimento desta população, sendo que em três deles o aumento foi de 300 pessoas ou mais: Santa Cecília (aumento de 974 pessoas), Pari, 514 pessoas e Tatuapé, 300 pessoas. Em quatro distritos se

¹⁸ Ver nota anterior

identifica redução no número: Liberdade (redução de 341 pessoas), Brás (230) e Santana (37). Finalmente um distrito - Jardim Paulista – deixou de registrar presença de acolhidos.

TABELA 34 - NÚMERO DE ACOLHIDOS POR DISTRITO, 2009, 2000

Distrito	2000	2009	Varição
Bela Vista	14	125	111
Belém	-	70	70
Bom Retiro	6	290	284
Brás	791	561	-230
Butantã	-	11	11
Cidade Dutra	-	166	166
Ermelino Matarazzo	-	72	72
Ipiranga	-	210	210
Jabaquara	74	172	98
Jardim Paulista	15	-	-15
Liberdade	627	286	-341
Mooca	1.000	1.145	145
Pari	249	763	514
Penha	53	236	183
Pinheiros	73	130	57
República	81	200	119
Santa Cecília	51	1.025	974
Santana	230	193	-37
Santo Amaro	122	292	170
São Mateus	-	120	120
São Miguel	-	76	76
Sé	47	139	92
Tatuapé	260	560	300
Vila Leopoldina	-	117	117
Vila Prudente	-	120	120
Vila Sônia	-	-	0
Total	3.693	7.079	3.386

Resultados comparados, 2009 e 2000 por CAS

Tendo como referência as regiões de CAS observa-se que apenas na CAS Norte houve uma diminuição do número de acolhidos entre 2000 e 2009, com uma redução de 16,1%. Em todas as demais o crescimento foi positivo. Os números que mais cresceram, em termos

absolutos, ocorreram nas regiões onde já em 2000 o contingente de acolhidos era maior – Sudeste (aumento de 1410 pessoas) e Centro Oeste (aumento de 1409 pessoas). No entanto, o aumento percentual na região Sudeste foi de apenas 58,1%, enquanto que na Centro Oeste a população acolhida mais do que duplicou, com um aumento de 154,2%.

A região Sul foi a que teve maior crescimento percentual de população acolhida (275,4%) ainda que a variação, em termos absolutos, tenha sido apenas de 336 pessoas. Finalmente a Região Leste, que em 2000 não possuía centros de acolhida registrou em 2009 a presença de 268 pessoas.

TABELA 35 - NÚMERO DE ACOLHIDOS POR CAS, 2009, 2000

CAS	2000	2009	Variação	
			Absoluta	%
CAS Sudeste	2.427	3.837	1.410	58,1
CAS Leste	0	268	268	100,0
CAS Centro-Oeste	914	2.323	1.409	154,2
CAS Sul	122	458	336	275,4
CAS Norte	230	193	-37	-16,1
Total	3.693	7.079	3.386	91,7

V. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

A população em situação de rua no seu conjunto está composta pelos moradores de rua e os acolhidos em serviços da rede assistencial que se distribuem diferentemente nos períodos comparados e nas diversas regiões da cidade.

5.1 - ACOLHIDOS E MORADORES DE RUA, 2009

O recenseamento da população em situação de rua em São Paulo em 2009 encontrou um total de 13.666 pessoas, sendo 6587 (48,2%) nas ruas e 7079 (51,8%) acolhidos.

TABELA 36 – NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, 2009

População	Número	%
Moradores de Rua	6.587	48,2
Acolhidos	7.079	51,8
Total	13.666	100,0

Resultados por Distrito, 2009

Quando se considera o conjunto das pessoas em situação de rua por distrito observa-se que em nove deles se concentram 65,4% do total desta população. Todos eles estão na área central: República (12,9%), Santa Cecília (9,7%), Sé (9,7%), Mooca (9,3%). Pari (6,4%), Brás (5,9%), Tatuapé (4,8%), Bom Retiro (3,3%) e Liberdade (3,0%). Nos demais a proporção em relação ao total é inferior a 3%.

**TABELA 37 - NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, POR DISTRITO MUNICIPAL,
2009**

Distrito	Moradores de rua	Acolhidos	Total	
			Número	%
Água Rasa	6	0	6	0,04
Alto de Pinheiros	9	0	9	0,07
Aricanduva	10	0	10	0,07
Artur Alvim	9	0	9	0,07
Barra Funda	88	0	88	0,64
Bela Vista	138	125	263	1,92
Belém	101	70	171	1,25
Bom Retiro	165	290	455	3,33
Brás	249	561	810	5,93
Brasilândia	8	0	8	0,06
Butantã	10	11	21	0,15
Cachoeirinha	13	0	13	0,10
Cambuci	53	0	53	0,39
Campo Belo	70	0	70	0,51
Campo Grande	15	0	15	0,11
Campo Limpo	15	0	15	0,11
Cangaíba	1	0	1	0,01
Capão Redondo	2	0	2	0,01
Carrão	46	0	46	0,34
Casa Verde	19	0	19	0,14
Cidade Ademar	2	0	2	0,01
Cidade Dutra	21	166	187	1,37
Cidade Líder	8	0	8	0,06
Cidade Tiradentes	4	0	4	0,03
Consolação	175	0	175	1,28
Cursino	12	0	12	0,09
Ermelino Matarazzo	18	72	90	0,66
Freguesia do Ó	16	0	16	0,12
Guaianases	5	0	5	0,04
Ipiranga	104	210	314	2,30
Itaim Bibi	25	0	25	0,18
Itaim Paulista	17	0	17	0,12
Itaquera	20	0	20	0,15

Jabaquara	67	172	239	1,75
Jaçanã	23	0	23	0,17
Jaguará	10	0	10	0,07
Jaguareé	17	0	17	0,12
Jaraguá	6	0	6	0,04
Jardim Helena	8	0	8	0,06
Jardim Paulista	82	0	82	0,60
Jardim São Luis	5	0	5	0,04
José Bonifácio	8	0	8	0,06
Lajeado	14	0	14	0,10
Lapa	68	0	68	0,50
Liberdade	128	286	414	3,03
Limão	21	0	21	0,15
Mandaqui	7	0	7	0,05
Moema	72	0	72	0,53
Mooca	135	1.145	1.280	9,37
Morumbi	10	0	10	0,07
Pari	111	763	874	6,40
Penha	41	236	277	2,03
Perdizes	37	0	37	0,27
Perus	5	0	5	0,04
Pinheiros	106	130	236	1,73
Pirituba	12	0	12	0,09
Ponte Rasa	8	0	8	0,06
República	1.570	200	1.770	12,95
Rio Pequeno	9	0	9	0,07
Sacomã	20	0	20	0,15
Santa Cecília	309	1.025	1.334	9,76
Santana	194	193	387	2,83
Santo Amaro	110	292	402	2,94
São Domingos	4	0	4	0,03
São Lucas	14	0	14	0,10
São Mateus	36	120	156	1,14
São Miguel	32	76	108	0,79
Sapopemba	20	0	20	0,15
Saúde	45	0	45	0,33
Sé	1.195	139	1.334	9,76
Socorro	14	0	14	0,10

Tatuapé	105	560	665	4,87
Tremembé	2	0	2	0,01
Tucuruvi	12	0	12	0,09
Vila Andrade	5	0	5	0,04
Vila Curuçá	46	0	46	0,34
Vila Formosa	11	0	11	0,08
Vila Guilherme	20	0	20	0,15
Vila Jacuí	2	0	2	0,01
Vila Leopoldina	149	117	266	1,95
Vila Maria	54	0	54	0,40
Vila Mariana	95	0	95	0,70
Vila Matilde	6	0	6	0,04
Vila Medeiros	8	0	8	0,06
Vila Prudente	40	120	160	1,17
Vila Sônia	5	0	5	0,04
Total	6.587	7.079	13.666	100,00

Resultados por CAS, 2009

Quase metade (48,9%) da população em situação de rua, ou seja, 6681 pessoas estão localizadas na região da CAS Centro Oeste. É expressiva também a presença na região da CAS Sudeste (37,7%) onde foram encontradas 5157 pessoas. Estas duas regiões concentram a grande maioria da população de rua da cidade (86,6%). Os restantes 13% estão distribuídos nas regiões da CAS Sul (5,2%), com 717 pessoas, CAS Norte (4,5%) com 617 pessoas e CAS Leste (3,6%).

TABELA 38 - NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA POR CORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009

CAS	População	%
CAS Centro-Oeste	6.681	48,9
CAS Sudeste	5.157	37,7
CAS Sul	717	5,2
CAS Norte	617	4,5
CAS Leste	494	3,6
Total	13.666	100,0

A relação entre moradores de rua e acolhidos nas regiões varia. Na CAS Sudeste e Sul os acolhidos predominam amplamente, 74,4% e 63,9%, respectivamente. Inversamente na CAS Centro Oeste e CAS Norte os moradores de rua são maioria (65,2% e 68,7%, respectivamente). Na CAS Leste a proporção entre os dois grupos é mais equilibrada (45,7% foram encontrados na rua e 54,3% em centros de acolhida).

TABELA 39 - NÚMERO DE MORADORES DE RUA E ACOLHIDOS POR COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CAS, 2009

CAS	Moradores de rua		Acolhidos		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
CAS Centro-Oeste	4.358	65,2	2.323	34,8	6.681	100,0
CAS Sudeste	1.320	25,6	3.837	74,4	5.157	100,0
CAS Sul	259	36,1	458	63,9	717	100,0
CAS Norte	424	68,7	193	31,3	617	100,0
CAS Leste	226	45,7	268	54,3	494	100,0
Total	6.587	48,2	7.079	51,8	13.666	100,0

5.2 - RESULTADOS COMPARADOS 2000, 2003 E 2009

Para todos os distritos municipais da cidade

Comparando-se a distribuição de moradores de rua e acolhidos em 2000 e 2009¹⁹ - observa-se que ela se altera ao longo dos anos. Em 2000 os moradores de rua superavam os acolhidos em 15,2%, correspondendo a mais da metade (57,6%) da população em situação de rua. Em 2009 o número de moradores de rua cresce, embora em termos percentuais seja pouco inferior aos acolhidos.

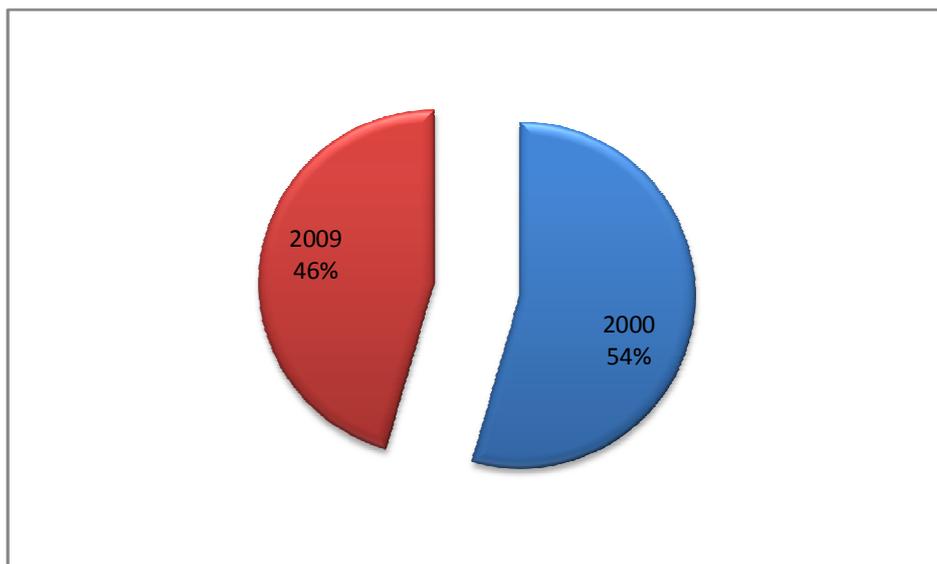
TABELA 40 – POPULAÇÃO DE MORADORES DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2000 E 2009

	2000		2009	
	População	% *	População	% *
Moradores de rua	5.013	57,6	6.587	48,2
Total	8.706	100,0	13.666	100,0

*Em relação ao total da população de pessoas em situação de rua

¹⁹ Como já mencionado, a comparação com o total de pessoas em situação de rua na cidade só é poss

GRÁFICO 14 - POPULAÇÃO DE MORADORES DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2000 E 2009

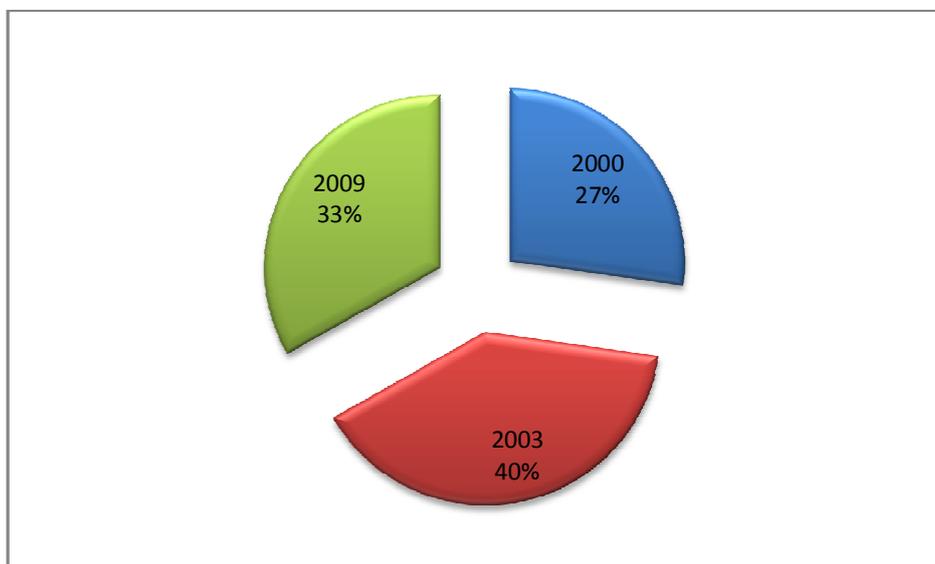


Para o total de acolhidos, é possível a comparação da população da cidade, obtendo-se os seguintes números:

TABELA 41 - POPULAÇÃO DE ACOLHIDOS NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2000, 2003 E 2009

	2000		2003		2009	
	População	%	População	%	População	%
Acolhidos	3.693	42,4	6.748	61,6	7.079	51,8
Total	8.706	100,0	10.961	100,0	13.666	100,0

GRÁFICO 15 - POPULAÇÃO DE ACOLHIDOS NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2000 E 2009



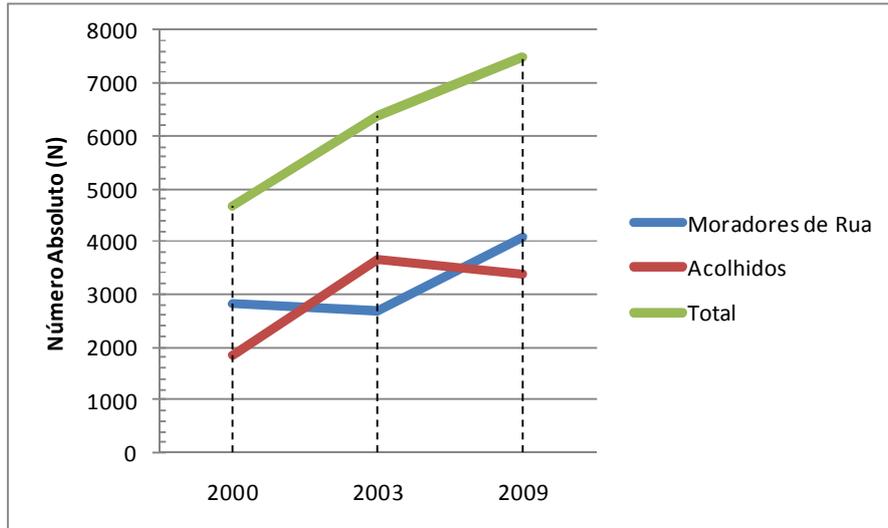
Para a Área Central

Comparando-se os resultados obtidos para o total de pessoas em situação de rua na Área Central, percebe-se uma inversão da tendência de crescimento em 2003: a população de acolhidos que vinha crescendo a partir de 2000 reduz seus acréscimos, enquanto os moradores de rua crescem de forma mais forte.

TABELA 42 - PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL, POR DISTRITO MUNICIPAL, 2000, 2003 E 2009

Distrito	2000	2003	2009
República	796	1144	1770
Sé	820	959	1334
Santa Cecília	485	848	1334
Pari	318	899	874
Brás	971	721	810
Bom Retiro	157	427	455
Liberdade	736	781	414
Bela Vista	152	298	263
Consolação	167	187	175
Cambuci	74	101	53
Total	4676	6365	7482

GRÁFICO 16 - POPULAÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2000, 2003 E 2009



ANEXO I- ACOLHIDOS CADASTRADOS E PERNOITES, 2009

Quando ingressam nos centros de acolhida da rede os usuários dos serviços são cadastrados e atendidos/acompanhados pelas equipes técnicas. Além destes cadastrados, são admitidos diariamente para o pernoite, usuários que ocupam a vaga dos cadastrados que faltaram. Estes usuários são os que procuram espontaneamente vagas ou os que são encaminhados pela CAPE que, diariamente, faz um levantamento das vagas existentes na rede e encaminha pessoas em situação de rua para os locais disponíveis. Estas pessoas são registradas no SISRUA, mas não estão vinculadas ao centro de acolhida. Usam o serviço apenas para banho, alimentação e pernoite, e, eventualmente, após uma avaliação da equipe técnica do serviço, podem passar à condição de cadastrados. No entanto, a permanência nos dias subsequentes depende da existência de vagas disponíveis. Nos meses onde ocorrem baixas temperaturas é realizada uma operação que disponibiliza na rede vagas suplementares, a chamada reserva técnica (10% da capacidade do serviço além dos aditamentos de capacidade feitos neste período), que amplia a capacidade do pernoite. Os centros de acolhida especial funcionam apenas com vagas fixas, não havendo disponibilidade de vagas apenas para pernoite²⁰.

No recenseamento dos centros de acolhida foram identificados os usuários cadastrados e os que estavam apenas pernoitando. Observa-se pela tabela que aproximadamente 16% dos usuários ocupavam vagas de pernoite, sendo que na área central o percentual atingiu 19%, correspondendo a 570 vagas. Cabe observar que, com o crescimento da população que foi encontrada nos logradouros, a oferta de vagas disponíveis é bastante limitada para abrigar o segmento dos que estão na rua e desejam pernoitar em centros de acolhida.

²⁰ Além dos Centros de Acolhida Especiais, 4 Centros de Acolhida – Lygia Jardim, Espaço Luz, Vida Nova e Santo Dias - também funcionam apenas com vagas fixas.

TABELA 43 - NÚMERO DE ACOLHIDOS CADASTRADOS E DE PERNOITE ENCONTRADOS NOS CENTROS DE ACOLHIDA E CENTROS DE ACOLHIDA ESPECIAL CONVENIADOS 2009

Usuários por Tipo de Serviço	Área central*		Outras regiões		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
Usuários de serviços com vagas fixas (sem pernoite)	1.030	34,5	150	4,6	1.180	18,7
Usuários cadastrados em serviços que acolhem pernoite	1.387	46,5	2.698	81,6	4.085	65,0
Usuários em pernoite	570	19,0	459	13,8	1.029	16,3
Total	2.987	100,0	3.307	100,0	6.294	100,0

* Inclui distritos de Sé, Republica, Liberdade, Bela Vista, Consolação, S Cecília, Bom Retiro, Pari, Brás e Cambuci.

O número de usuários encontrados nos centros de acolhida na situação de pernoite no dia do recenseamento foi superior ao estimado pelos centros de acolhida como vaga de pernoite em suas instituições²¹. Este dado pode indicar a existência de uma pressão por vagas nos serviços e a existência de atendimento de pernoites mesmo em condições adversas.

TABELA 44 - VAGAS DE PERNOITE

ESTIMATIVA DOS CENTROS DE ACOLHIDA NA NOITE DO RECENSEAMENTO

Região	Estimado pelos CA	Vagas de pernoite ocupadas no dia do recenseamento
Área central	483	570
Outras áreas	483	459
Total	966	1.029

²¹ Por ocasião do recenseamento foi solicitado aos Centros de Acolhida que indicassem o número de vagas destinadas ao pernoite em seus serviços.

REPÚBLICAS E HOTÉIS SOCIAIS

Atualmente a Rede dispõe de 282 vagas em Repúblicas (64,9%) e 153 em Hotéis Sociais (35,1%). Aproximadamente metade (48,8%) do conjunto destas vagas localiza-se na área central e 51,2% encontram-se distribuídas em várias partes da cidade: Santana, Penha, Ipiranga e Cidade Dutra.

TABELA 45- NÚMERO DE VAGAS EM REPÚBLICAS E HOTÉIS SOCIAIS POR DISTRITO E REGIÃO, 2009

Distrito	Repúblicas	Hotéis Sociais	Total
Sé	64	-	64
Bela Vista	112	-	112
Liberdade	16	-	16
Santa Cecília	20	-	20
Área central	212	-	212
Santana	50	-	50
Penha	20	-	20
Ipiranga	-	108	108
Cidade Dutra	-	45	45
Outras regiões	70	153	223
Total	282	153	435

Em 2003 havia 328 vagas disponíveis nas Moradias Provisórias, serviço similar ao das Repúblicas. O crescimento desta modalidade entre 2003 e 2009 foi de 107 vagas, sendo que o aumento se deu principalmente fora da região central (93 vagas).

TABELA 46 - NÚMERO DE VAGAS EM MORADIAS PROVISÓRIAS E REPÚBLICAS/HOTÉIS SOCIAIS, 2003 E 2009

Região	2003	2009	Variação 2009/2003	
	Moradias provisórias	Repúblicas/ Hotéis Sociais	Absoluta	%
Área Central	198	212	14	7,1
Outras Regiões	130	223	93	71,5
Total	328	435	107	32,6

**ANEXO II - MANUAL DE INSTRUÇÃO PARA OS PESQUISADORES E INSTRUMENTAIS PARA
COLETA DAS INFORMAÇÕES CENSITÁRIAS**

**SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO
SOCIAL – SMADS**

**RECENSEAMENTO DA POPULAÇÃO DE RUA
NA CIDADE DE SÃO PAULO**

**MANUAL DE PROCEDIMENTOS PARA OS RECENSEADORES:
COLETA DE INFORMAÇÕES NAS RUAS E LOGRADOUROS DA CIDADE**

São Paulo

Novembro de 2009

INTRODUÇÃO

O censo dos moradores de rua tem como primeiro objetivo conhecer o número de pessoas que pernoitam nos centros de acolhida e nas ruas dos distritos municipais da cidade de São Paulo, em **uma determinada noite, bem como sua distribuição espacial na cidade. Alguns moradores de rua não serão contados, pois** nem todos estarão dormindo nas ruas e centros de acolhida nas noites do recenseamento: podem estar em casas de parentes, em pensões, fora da cidade, ou outro motivo qualquer. O levantamento deve, ainda, obter informações sobre a idade, sexo, cor da população.

Em fevereiro de 2000, a Secretaria Municipal de Assistência Social - SAS²², através da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE, realizou o 1º Censo de Moradores de Rua da Cidade de São Paulo, tendo sido recenseadas todas as pessoas que se encontravam pernoitando nas ruas e nos centros de acolhida, no momento em que o levantamento foi realizado. Em outubro de 2003, a FIPE realizou para SAS, um novo levantamento desse segmento social, atendendo o art. 8º do Decreto nº 40.232/2001, segundo o qual o Executivo deve até o terceiro ano de gestão conhecer o tamanho da população de rua da Cidade. O levantamento censitário foi realizado nos distritos centrais e, em outros 27 distritos da cidade, foi feita estimativa do número de moradores mediante amostra da população.

O Censo que será agora realizado abrange toda a cidade e utiliza a mesma metodologia de 2000. A manutenção dos mesmos procedimentos seguidos em 2000 é fundamental para que possamos comparar os resultados com os que serão agora obtidos.

É importante observar que a qualidade dos dados levantados no campo condiciona fortemente o resultado do trabalho, principalmente por se tratar de uma população que não possui domicílio fixo/permanente, impossibilitando a volta ao entrevistado para eventual correção dos dados. A razão do treinamento e do manual, portanto, é auxiliar os

²² Denominação de SMADS à época do levantamento.

recenseadores e supervisores a obterem a melhor qualidade possível na obtenção dos dados,

A situação de campo, junto aos moradores de rua é bastante especial, mesmo para aqueles que já têm larga experiência em pesquisa, tendo em vista que estará lidando com uma situação bastante singular. Deve, portanto, levar em conta e estar atento às recomendações do treinamento, do manual de instrução e do supervisor de campo.

1. DEFINIÇÃO DE “POPULAÇÃO DE RUA”

Entende-se por “População de Rua” o segmento de baixíssima renda que, por uma contingência temporária ou de forma permanente, está morando nos logradouros públicos da cidade - praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viadutos - ou em galpões, edificações em ruínas, terrenos baldios, mocós, carcaças de veículos ou qualquer outro local onde possam se abrigar. São também moradores de rua as pessoas ou famílias que, sem moradia, pernoitam em centros de acolhida públicos, casas de estar ou em algumas casas de convivência. (Fipe/2000)

Esse grupo de pessoas é formado por segmentos heterogêneos, em função de características e trajetórias de vidas individuais, do tempo de permanência na rua, do convívio e dos vínculos que cada indivíduo possui com essa realidade de vida, com as expectativas de saída dela, entre muitos outros.

Na rua convivem o andarilho, os que fazem uso abusivo de álcool e drogas, o deficiente físico ou mental, os trabalhadores que sobrevivem do mercado informal: catadores de papel e lata, marreteiros, carregadores de mercado, guardadores de carro, biscateiros, pedintes diversos. Além destes há um conjunto de pessoas vindas de outros locais, migrantes, e indivíduos ou famílias recém despejadas e desempregadas, que se vêem obrigadas a enfrentar a sobrevivência na rua. Alguns deles recorrem a entidades públicas e assistenciais para obterem auxílio imediato ou até mesmo uma colocação profissional.

Outra forma de se perceber a heterogeneidade desta população é através de um recurso metodológico construído na pesquisa “População de Rua: quem é, como vive, como é

vista”, realizada pela Secretaria Municipal do Bem Estar Social, em 1992, que resultou em uma tipologia de situação de rua como moradia:

ESQUEMA DAS SITUAÇÕES DE PERMANÊNCIA NA RUA

	FICAR NA RUA	ESTAR NA RUA	SER DA RUA
MORADIA	Pensões, centros de acolhida, alojamentos (eventualmente rua)	Rua, centros de acolhida, pensões (alternadamente)	Rua, mocós (eventualmente centros de acolhida, pensões)
TRABALHO	Construção civil, empresas de conservação e vigilância	Bicos na construção civil, ajudante geral, encartador de jornal, catador de papel	Bicos, especialmente de catador de papel, guardador de carros, encartador de jornal
GRUPO DE REFERÊNCIA	Companheiros de trabalho, parentes	Companheiros de rua e trabalho	Grupos de rua

2. A IDENTIFICAÇÃO DO MORADOR DE RUA

A identificação do morador que vive hoje nas ruas de São Paulo, em decorrência da sua heterogeneidade, não é simples. Aqueles que dormem ao relento, embaixo de marquises, nos carrinhos onde carregam papelão ou qualquer tipo de sucata, ou ainda, os que estão alcoolizados e os deficientes mentais que circulam pela cidade, são mais evidentes e tornam a identificação mais fácil. Geralmente estão com roupas velhas, cabelos mal tratados, barba por fazer e personificam o estereótipo que se formou quanto à aparência e comportamento dessa população.

Pode-se encontrar também pessoas que estão recentemente na rua, com roupas limpas, cabelos cortados e limpos que com algum dinheiro alternam a moradia entre casas de parentes, pensões (em que pagam para dormir) e a rua. Estas pessoas, muitas vezes, pelo medo de sofrer agressões durante a noite, circulam pela cidade e, portanto, são mais difíceis de serem identificadas. Nem todos os moradores de rua, entretanto, se encaixam neste estereótipo. Por outro lado, pessoas com roupas surradas, por exemplo, podem não ser morador de rua e pertencerem ao grupo de trabalhadores com baixa remuneração. Nesses

casos a pessoa abordada tem moradia fixa e encontra-se na rua de passagem ou utilizando bares e padarias, ou exercendo qualquer outra atividade.

O entrevistador, portanto, deverá ficar atento levando em conta a combinação do local onde a pessoa se encontra, o horário, a atividade que está exercendo no momento, se carrega saco/sacolas ou mochilas, onde guardam os seus pertences. Podem ocorrer, ainda, casos em que a pessoa não esteja carregando nada, tendo deixado suas coisas em algum lugar ou, por falta de dinheiro, não conseguiu retirá-las de uma pensão.

Assim, torna-se fundamental percorrer toda a área planejada em cada noite, observando todos os locais para que não se deixe de identificar nenhum (a) morador (a) de rua. Em pesquisas dessa natureza a velocidade e agilidade no campo são fundamentais, exigindo a delicada combinação de precisão e qualidade dos dados obtidos. Não há tempo para “bater papos” com os moradores. Em cada situação, o bom senso deve prevalecer para que o entrevistador identifique a melhor forma e o momento oportuno de cortar o “papo”.

Em hipótese alguma se deve “bater boca” com qualquer pessoa durante a pesquisa, mesmo que o entrevistado provoque em função do estado de alcoolismo, de doença mental ou de outra natureza. Qualquer contra tempo durante o trabalho de campo pode inviabilizar toda a pesquisa. Em casos de confusão, procure afastar-se e juntar-se às demais duplas de sua equipe.

Ao andar pelas áreas indicadas o entrevistador poderá encontrar o morador de rua acordado, o que, sem dúvida, facilita a abordagem, dormindo ou mesmo se deslocando para outro local. Poderão ainda, ser encontrados vestígios de “ponto de moradia” como, por exemplo, papelão, cobertores, colchão, etc. sem a presença do morador de rua, que deve ser identificado em outro ponto da cidade.

3. A ABORDAGEM DO MORADOR DE RUA E INTERPRETAÇÃO

A abordagem do morador de rua é um dos elementos fundamentais da metodologia desenvolvida. Outras formas de obtenção do número de pessoas em situação de rua podem dispensar a abordagem, levando a erros não controláveis: nos Estados Unidos, levantamentos desse tipo são denominados “levantamentos pelo para-brisa”. Isto porque, a ausência de abordagem não permite “passar o filtro” (questões feitas às pessoas abordadas) para termos certeza que se trata de uma pessoa em situação de rua.

O contato inicial com o morador, portanto, é a primeira questão a ser considerada. As pessoas podem estar em situações diversas. Se estiver dormindo o entrevistador deverá aproximar-se cuidadosamente, falando alto, dizendo boa noite, se desculpendo por estar acordando-o tomando todos os cuidados necessários para não assustá-lo. Se for necessário tentar acordá-lo, nunca o toque no rosto, nos ombros ou no peito: procure sempre despertá-lo tocando nas suas pernas. É importante lembrar que é possível que algumas pessoas se encontrem em sono profundo e/ou alcoolizadas o que torna difícil acordá-las. Nesses casos o entrevistador deverá insistir, mas identificar o momento em que a tentativa de acordá-lo não surtirá efeito.

O entrevistador poderá encontrar pessoas com deficiência, ou em situações pouco favoráveis à abordagem. Cabe ao recenseador e ao supervisor avaliar a condição de aproximação.

Pessoas andando são mais fáceis de serem abordadas, mas a possibilidade de não ser um morador de rua é maior que quando encontradas dormindo nas calçadas ou praças da cidade. Assim, como regra, abordam-se todas os transeuntes cujas características sugerem estar em situação de rua.

Finalmente, abordadas as pessoas com características de moradores de rua, os entrevistadores devem identificar-se como pesquisadores da FIPE –USP, dizendo que o objetivo do trabalho é dimensionar o número de pessoas que estão na rua à noite, visando a ampliação das políticas públicas pela Secretaria Municipal da Assistência Social. Devem

solicitar sua colaboração no sentido de responder algumas perguntas que lhe serão feitas. Cabe ao entrevistador procurar a melhor forma de prender a atenção do entrevistado. Não há uma receita pronta.

Os moradores de rua, em geral, não constituem ameaça aos entrevistadores. Contudo, cuidado deve ser tomado quanto às condições do entorno, pessoas estranhas e/ou sinais de que há grupos de pessoas em atitudes suspeitas.

4. COMPOSIÇÃO DA EQUIPE, INSTRUMENTAIS E MAPAS

As equipes serão compostas por duplas, preferencialmente um homem e uma mulher. As duplas se reportarão a um supervisor que as acompanhará durante todo o trabalho de campo. O contato das duplas com o supervisor será por celular, com ligações a cobrar. O supervisor, por sua vez, estará em permanente contato com a equipe de planejamento, que permanecerá no escritório durante toda a duração do trabalho.

Cada dupla trabalha com uma ficha de identificação do “ponto” e outra para cada morador. As duplas percorrerão trajetos pré-definidos, com mapas identificando a área do percurso; receberão, complementarmente, a descrição do roteiro a ser seguido, com indicação dos trajetos a serem feitos a pé e/ou com as vans.

5. INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DAS FICHAS

A primeira ficha a ser preenchida é a **ficha de ponto**, onde serão registrados pelo pesquisador o número do ponto, as características do local e o número de moradores de rua no ponto. Em seguida será preenchida a **ficha do morador** registrando as características das pessoas em situação de rua encontradas.

PREENCHIMENTO DA FICHA DO PONTO

Ponto: Entende-se por ponto o local onde se encontra e é abordado o morador de rua; pode-se encontrar apenas uma pessoa no local ou um grupo de pessoas onde foi realizado o levantamento. Pode ser o local onde estão dormindo, se preparando para dormir ou mesmo em trânsito.

Cabeçalho:

Data: anotar dia, mês e ano da entrevista.

Nº Equipe: anotar o nº da equipe, fornecido pelo supervisor.

Nº Dupla de Pesquisadores: anotar o nº da dupla, previamente fornecido pelo supervisor.

Nº do Entrevistador: anotar o nº do entrevistador previamente fornecido pelo supervisor.

Roteiro: anotar o número do roteiro fornecido pelo supervisor que consta do mapa.

Ponto: o primeiro ponto encontrado no roteiro percorrido pela dupla receberá o número 1 e os demais serão numerados na seqüência.

Endereço:

A identificação do logradouro segue as normas do geoprocessamento e deve ser preenchido da seguinte forma:

Tipo : rua, avenida, praça, alameda, viaduto, parque, ladeira, etc.

Título: Dr., Conde, Condessa, Coronel, Madre, Padre, etc. (se não tiver, deixar em branco)

Preposição: dos, das, do, da. Ex: rua **dos** Pinheiros. (Deixar em branco se não tiver.)

Nome: escrever o nome completo do logradouro sem o tipo, o título e preposição, porque já estão informados nos quadros que precedem o nome.

Número: anotar o número da edificação em frente à qual está o ponto. Sempre que for um cruzamento, escolher uma das ruas do cruzamento e colocar o número do imóvel de esquina cuja face dá para essa rua. Anotar fora do quadro, o nome da outra rua ou avenida

com a qual faz cruzamento. Se o ponto for meio de quadra e imediações, anotar o número de uma edificação dessa quadra.

Complemento: em geral é uma letra depois do número do imóvel, ou indicação do tipo fundos, alto, baixo etc. (Deixar em branco se não houver)

CEP: olhar a placa da rua e anotar o nº do CEP. Caso não consiga localizar a placa deixar em branco

Distrito: colocar o nome que consta do mapa e deixar o último quadrado vazio para codificação

A última coluna está reservada para codificação e não deve ser preenchida pelo entrevistador.

QUESTÃO 1

Tipo do ponto: assinalar com um X a alternativa que corresponda à situação encontrada, deixando a quadrícula da última coluna à direita em branco para a codificação.

1. Calçada: se o morador se encontra na calçada, independente de estar ao relento ou em baixo de marquise ou toldo, dormindo ou não.

2. Praça: se o morador estiver dentro na praça – em bancos, canteiros, barracas – ou nas calçadas da praça.

3. Mocó: entende-se por mocó, toca, refúgio, esconderijo etc, não facilmente visível.

4. Área externa de Imóvel: quando se identifica uma ou mais pessoas ocupando uma área privada (garagem/estacionamento, marquise, jardim, portal de loja ou casa), ou seja, locais que não sejam a própria calçada.

5. Baixos de viaduto: pessoas que se encontram em baixos de viadutos, desde que não haja um conjunto de domicílios improvisados de madeira, papelão e outros, de forma

individualizada, configurando-se como favela. Mocós em baixos de viadutos devem ser anotados na opção 3.

6. Depósito: pessoas que se encontram em depósitos de papelão, de sucatas, de lixo, ferro velho etc.

7. Terreno baldio. Quando se identifica pessoas em terrenos onde não há edificações

8. Estação de Metrô: anotar se o morador se encontra em canteiros, escadas ou calçadas de estações de metrô.

9. Estação de Trem: idem 8.

10. Terminal de Ônibus: idem 8.

11. Parque: se o morador se encontra em parques ao relento ou em baixo de marquise ou toldo, ou nas calçadas em volta do parque.

12. Outro: anotar qualquer outra situação não descrita anteriormente, especificando qual.

QUESTÃO 2

Características do entorno: assinalar a alternativa que melhor se enquadra para identificação do entorno, ou seja, do logradouro em que o ponto se localiza. A predominância diz respeito ao tipo de ocupação dos imóveis situados no térreo. Por exemplo, na região da Praça da República há inúmeros prédios de apartamentos, juntamente com lojas, restaurantes, etc. A área é, predominantemente comercial, embora o número de domicílios possa superar o número de imóveis comerciais. Se nenhuma das alternativas apontadas representa o entorno assinalar a resposta 3. É o caso, por exemplo, das vias expressas, marginais, onde se observa a presença de viadutos. Quando a resposta for a alternativa 3 descrever a situação encontrada.

QUESTÃO 3.

Número de moradores encontrados - preencher com o número total de moradores de rua identificados naquele determinado ponto. Cuidado com a consistência: ao número de moradores registrado no ponto deve corresponder um número igual de fichas individuais das pessoas encontradas.

QUESTÃO 4.

Presença de grupos familiares no ponto - As duplas devem estar atentas para “sinais” de grupos familiares. Os sinais são, via de regra: utensílios, abrigos de papelão, “moveis”, etc. Não é necessário identificar o tamanho da família nem o número de famílias no ponto. O importante é que, ao final do trabalho, possamos ter a relação dos “pontos” onde, presumivelmente, são encontradas famílias em situação de rua.

PREENCHIMENTO DA FICHA DO MORADOR

A ficha do morador combina questões a serem respondidas pela pessoa abordada e informações que serão obtidas mediante observação do entrevistador.

Cabeçalho:

Data: anotar dia, mês e ano da entrevista.

Nº Equipe: anotar o nº da equipe, fornecido pelo supervisor

Nº Dupla de Pesquisadores: anotar o nº da dupla previamente fornecido pelo supervisor.

ATENÇÃO. No caso em que houver mais do que uma dupla de pesquisadores realizando entrevistas com os moradores no mesmo ponto (situação que será exceção), o número da dupla a ser anotado será o da que preencheu a ficha do ponto.

Roteiro: anotar o número do roteiro constante da ficha do ponto

Ponto: anotar o número do ponto que consta da ficha do ponto

A última coluna está reservada para codificação e não deve ser preenchida pelo entrevistador.

Questões “Filtro”

As três primeiras questões da ficha do morador são consideradas “filtro” porque se destinam a identificar se a pessoa abordada é ou não morador (a) de rua, segundo definição e características adotadas neste trabalho.

Questão 1 (PERGUNTE)

Onde o Sr.(a) dormiu ontem? Assinalar com um X a resposta adequada deixando em branco a quadricula à direita que será utilizada para a codificação

Faça a pergunta sem ler as alternativas e enquadre a resposta em uma delas

1. CENTRO DE ACOLHIDA: o equipamento social que recebe gratuitamente população de rua para dormir, oferecido tanto pelo poder público como privado.

2. Rua/logradouro: espaços públicos da cidade, tais como: praças, calçadas, marquises, frentes de comércio, baixos de viadutos, cemitérios etc.

3. Casa de amigos/ parentes: local onde não paga nada para dormir.

4. Na própria casa: residência onde mora.

5. Pensão/hotel: entende-se por pensão o local de dormir para o qual há um pagamento diário pela vaga.

6. Outro qual? Se a resposta não se enquadrar em nenhuma das anteriores assinalar esta alternativa e registrar o tipo de local.

Se a pessoa responder qualquer outra alternativa que não em CENTRO DE ACOLHIDA ou na rua fique atento às respostas das questões 2 e 3.

Questão 2 (PERGUNTE)

Onde o Sr.(a) dormirá hoje? Preencher na linha utilizando as alternativas constantes da questão 1. (Por exemplo, se ele disser na rua coloque o número 2 na linha)

Questão 3 (PERGUNTE)

Onde o Sr. (a) tem dormido? Preencher na linha utilizando as alternativas da questão 1. A resposta a esta questão pode ser múltipla. Neste caso, colocar todos os números correspondentes às alternativas mencionadas.

Questão 4 (MARCAÇÃO DO ENTREVISTADOR)

Se é morador de rua - várias combinações irão decorrer das respostas dadas às questões 1, 2 e 3; são elas que irão permitir concluir se a pessoa está em situação de rua: não considere morador de rua uma pessoa que está acidentalmente dormindo na rua. Por exemplo, se ontem dormiu na própria casa, se hoje dormirá na rua por razão acidental e costuma dormir sempre em casa, não é um morador de rua. Se concluir que não é morador de rua encerre a abordagem, agradecendo a atenção. Caso haja dúvida anote as razões no verso, mas continue a entrevista.

Questão 5 (OBSERVAÇÃO)

Sexo – assinalar com um X a alternativa 1 para o sexo masculino ou 2 para o sexo feminino. Esta pergunta não deverá ser formulada ao entrevistado, mas atribuída pelo pesquisador. Caso o entrevistado esteja dormindo e não acordou ou mesmo acordado não se tenha certeza do sexo, escolher a alternativa “sem identificação”.

Questão 6 (OBSERVAÇÃO)

Cor – assinalar com um X a alternativa correspondente à cor do entrevistado: 1 se for branca, 2 se for preta, 3 se for parda, e assim por diante. Esta questão também não deve ser formulada ao entrevistado mas atribuída pelo entrevistador. Esta questão não é fácil de se registrar. A distinção entre brancos e pardos e entre negros e pardos se torna, muitas vezes, difícil. É uma população que está diariamente exposta ao tempo, com dificuldades de manutenção de higiene, além do fato da pesquisa ser à noite encontrando-se moradores em locais com pouca iluminação, dificultando esta distinção. Em dúvida, pergunte discretamente para o seu parceiro de pesquisa. Caso não seja possível identificar assinalar a alternativa “sem identificação”.

Questão 7 (OBSERVAÇÃO)

Grupo etário – proceder da mesma maneira, assinalar a alternativa correspondente à faixa etária do entrevistado: 1 para criança, 2 para adolescente 3 para adulto e 4 para idoso. A resposta deve ser atribuída pelo pesquisador. Caso não seja possível identificar assinalar a alternativa 5 “sem identificação”.

Questão 8 (PERGUNTE)

Quantos anos o Sr/a tem? - preencher a resposta com a idade informada pelo entrevistado, independentemente da atribuição dada na pergunta anterior.

Questão 9 (PERGUNTE)

Com quem está morando na rua? - esta questão será feita apenas para crianças e adolescentes com menos de 18 anos e poderá ter respostas múltiplas. Por ex: a criança

poderá estar em um grupo onde existam outras crianças, adultos sem parentesco e ainda adultos com parentesco. Neste caso serão assinaladas as alternativas 1, 3 e 4.

Questão 10 (PERGUNTE APENAS PARA MULHERES)

A Sra. tem filhos que dormem com a senhora/você na rua? - está questão será feita apenas para mulheres com mais de 15 anos. No caso em que for identificada jovem com idade inferior que estiver junto com criança que não for irmão(ã) perguntar se é filho(a) e assinalar sim. Caso a resposta á pergunta 10 for sim, perguntar quantos filhos dormem com ela na rua e anotar adiante de **quantos**.

Questão 11 (MARCAÇÃO DO ENTREVISTADOR)

Houve entrevista? – ainda que o morador de rua tenha sido contado pode ocorrer que não tenha sido possível entrevista-lo, seja porque dormia profundamente (alternativa 2) ou por outro motivo (alternativa 3). Neste último caso descrever o motivo da entrevista não ter sido realizada.

Ao final agradecer aos entrevistados e perguntar se conhecem outros locais na região onde dormem moradores de rua. Em caso afirmativo, e se o local estiver na área da equipe, mesmo que não assinalado no trajeto a ser percorrido, a equipe deverá avisar o supervisor e ir a esse local. Se não estiver no percurso anotar no verso e avisar o supervisor.

Observações – registrar no verso informações que julgar pertinentes que não constem do roteiro ou que esclareçam os registros ou a ausência de informações.

FICHA DO PONTO

Data:	Nº Equipe:	Nº Dupla	Nº do Entrevistador	Roteiro:	Ponto:
--------------	-------------------	-----------------	----------------------------	-----------------	---------------

Endereço:

TIPO	TITULO	PREPOS	NOME	Nº	COMPLEMENTO
------	--------	--------	------	----	-------------

CEP:		Distrito:	
-------------	--	------------------	--

1. TIPO DE PONTO:

<input type="checkbox"/> 1. Calçada	<input type="checkbox"/> 5. Baixos de Viaduto	<input type="checkbox"/> 9. Estação de trem
<input type="checkbox"/> 2. Praça	<input type="checkbox"/> 6. Depósito	<input type="checkbox"/> 10. Terminal de ônibus
<input type="checkbox"/> 3. Mocó	<input type="checkbox"/> 7. Terreno baldio	<input type="checkbox"/> 11. Parque
<input type="checkbox"/> 4. Área externa de imóvel	<input type="checkbox"/> 8. Estação de Metrô	<input type="checkbox"/> 12 Outro qual? _____

Q1

2. CARACTERÍSTICAS DO ENTORNO:

1. Predominantemente Comercial/serviços

2. Predominantemente Residencial

3. Outro. Qual ? _____

Q2

3. NÚMERO DE MORADORES ENCONTRADOS: _____

Q3

4. PRESENÇA DE GRUPOS FAMILIARES NO PONTO:

1. Sim

2. Não

Q4

FICHA DO MORADOR

Data:	Nº Equipe:	Nº Dupla	Nº do Entrevistador	Roteiro:	Ponto:
1. ONDE O SR/A DORMIU ONTEM ? Não ler as alternativas <input type="checkbox"/> 1. CENTRO DE ACOLHIDA <input type="checkbox"/> 4. Na própria casa <input type="checkbox"/> 2. Rua <input type="checkbox"/> 5. Pensão/hotel <input type="checkbox"/> 3. Casa de amigos/parentes <input type="checkbox"/> 6. Outro local _____					Q1
2. ONDE O SR/A DORMIRÁ HOJE ? (utilize os códigos da questão 1) _____					Q2
3. ONDE O SR/A TEM DORMIDO? (utilize os códigos da questão 1) (respostas múltiplas) _____					Q3
4. CONCLUIR COM BASE NAS QUESTÕES DE 1 A 3 SE É MORADOR DE RUA <input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não – <u>encerre a entrevista</u> <input type="checkbox"/> 3. Há dúvidas - anote as razões no verso e prossiga					Q4
5. SEXO (atribuir) <input type="checkbox"/> 1. Masculino <input type="checkbox"/> 2. Feminino <input type="checkbox"/> 3. Sem identificação					Q5
6. COR : <input type="checkbox"/> 1. Branca <input type="checkbox"/> 2. Parda <input type="checkbox"/> 3. Preta <input type="checkbox"/> 4. Amarela <input type="checkbox"/> 5. Indígena <input type="checkbox"/> 6. S/identific (atribuir)					Q6
7. GRUPO ETÁRIO : <input type="checkbox"/> 1. Criança <input type="checkbox"/> 2. Adolescente <input type="checkbox"/> 3. Adulto <input type="checkbox"/> 4. Idoso <input type="checkbox"/> 5. S/identific. (atribuir)					Q7
8. QUANTOS ANOS O SR/A TEM ? _____					Q8
9. (apenas para os com idade menor de 18 anos) COM QUEM VOCÊ ESTÁ MORANDO NA RUA (respostas múltiplas) <input type="checkbox"/> 1. Criança(s) <input type="checkbox"/> 3. Adulto(s) sem parentesco <input type="checkbox"/> 5. Sozinho <input type="checkbox"/> 2. Adolescente(s) <input type="checkbox"/> 4. Adulto(s) com parentesco.					Q9
10. (apenas para mulheres) A Sra tem filhos que dormem com a sra na rua? <input type="checkbox"/> 1. Sim quantos? _____ <input type="checkbox"/> 2. Não					Q10
11. Houve entrevista? <input type="checkbox"/> 1. sim <input type="checkbox"/> 2. não, dormindo <input type="checkbox"/> 3. não, razão _____					Q11

PERGUNTAR SE CONHECE OUTROS LOCAIS NA REGIÃO ONDE DORMEM MORADORES DE RUA

ANEXO III - CENTROS DE ACOLHIDA E CENTROS DE ACOLHIDA ESPECIAL

Distrito		FUNC	CENTROS DE ACOLHIDA	Capac. Noite
LIBERDADE	SE	24	COM. METODISTA Vd. Pedroso, 111 tel: 3289-2755 ou 3287-7056 - Bela Vista - CEP:01322-010 comunidadepovoderua@terra.com.br	260
BOM RETIRO	SE	24	PORTAL DO FUTURO Rua Deocleciana, 25 - tel: 3326-4370 ou 3313-7020 CEP: 01106-030 - Luz 25dejaneiro@uol.com.br	222
Santa Cecília	SE	24	PROJETO OFICINA BORACEA Rua Norma Pieruccini Giannotti, 77 tel:3392-1055 CEP-01137-010 oficina.boracea@bol.com.br	420
			- -	60
Vila Leopoldina	LA	24	ZANCONE Av. Imperatriz Leopoldina, 1335 - Lapa Tel: 3832-2301 zancone@gmail.com.br	100
Pinheiros	PI	24	LAR TRAVESSIA R: Cláudio Soares, 144 cep: 05422-030 - Pinheiros tel: 3815-2407/3098-0517 lactraversia@ig.com.br	50
Pinheiros	PI	24	COR CENTRO DE ACOLHIDA ESPERANÇA Rua Cardeal Arco Verde, 3041 Cep: 05422-030 tel:3812-9298 Pinheiros coresperanca@terra.com.br	80
BRÁS	SE	16	LYGIA JARDIM Rua São Domingos, 39/51 tel: 3242-7601 3106-0737 - Bela Vista - CEP: 01326-000 institutolygiajardim@terra.com.br	100
Santa Cecília	SE	16	CENTRO DE ACOLHIDA ESPAÇO LUZ (recebe de ots c de acolhida) Pça. Princesa Isabel, 75/77 Campo Eliseos tel: 3221-2835 espacoluz@superig.com.br	132
República	SE	16	Vida Nova (mais hotel social)*(recebe ots c de acolhida) Rua Francisca Miquelina, 343 Cep: 01316-000 Tel: 3106-2036/3106-2041 cafgservicosocial@yahoo.com.br	200

Santa Cecília	SE	24	EMERGENCIAL BORACEA Rua Norma Pieruccini Giannotti, 77 tel:3392-1055 CEP-01137-010 oficina.boracea@bol.com.br	200
Brás	MO	24	Arsenal da Esperança Rua Dr. Almeida Lima, 900 cep: 03164-000 Tel: 2292-0977 arsenaldaesperanca@sermig.org.br	1.150
Pari	MO	24	ESTAÇÃO VIVÊNCIA Rua Pedro Vicente, 421 - Canindé tel: 3315-0286/3227-1722 - CEP: 01109-010 estacaovivencia@uol.com.br	200
Pari	MO	24	VIVENDA DA CIDADANIA Rua Com. Nestor Pereira, 75 B - tel: 3326-6880/3326-4983 Canindé - CEP: 03034-070 vivendacidania@uol.com.br	200
Brás	MO	24	CASA SÃO LÁZARO Rua Brigadeiro Machado, 243/253 tel: 2693-8015 Brás - CEP: 03052-020 centros de acolhidaaolazaro@hotmail.com	100
Pari	MO	16	CASA SAMARITANOS Rua Com. Nestor Pereira, 77 - tel: 3311-7184 0321/8558 - Canindé - CEP: 03034-070 casasamaritanos@hotmail.com	150
Tatuapé	MO	24	SÃO CAMILO II Rua Ivai, 187 tel: 2294-8025 Cep: 03080-010 - Mooca sbsCENTRO DE ACOLHIDA@terra.com.br centros de acolhidaaocamilo2@terra.com.br	200
Brás	MO	16	COR – AÇÃO Av. Alcântara Machado, 91 tel: 3341-6893 Brás pousadacoracao@terra.com.br	80
Tatuapé	MO	16	SÃO CAMILO I Av. Celso Garcia, 3316 - Cep:03064-000 - Tatuapé tel: 2941-4393 Fax: 2941-4393 sbsc.CENTRO DE ACOLHIDA@terra.com.br	300
Jabaquara	JÁ	24	SOLIDARIEDADE - ABECAL Av. Eng. Armando de Arruda Pereira, 1392 Tel: 5015-2990 - Jabaquara - CEP: 04308-001 CENTRO DE ACOLHIDA.abecal@uol.com.br	132
Penha	PE	24	COMEÇAR DE NOVO Rua Emidio de Souza, 41 CEP: 03621-060 - VI Marieta tel: 2681-6860/2682-2107 CENTRO DE ACOLHIDAcomecardenovo@hotmail.com	80
Ipiranga	IP	24	ESTAÇÃO BEM ESTAR	100

			Av. Tancredo Neves, 270 - tel: 5062-1200 Ipiranga - CEP: 04287-010 estacaobemestar@ihdi.org.br	
VI Prudente	VP	24	PORTO CIDADÃO Rua Iguara, 560 tel: 2912-6021 VI. Prudente portocidadao@hotmail.com	100
Santana	SA	24	CASA ABRIGO São FCO. DE ASSIS Rua Antônio Santos Neto, 40 tel: 2251-2277 CEP: 02028-020 Santana casafassis@terra.com.br	130
São Mateus	SM	24	SEMEANDO CIDADANIA (CA S Mateus) Av. Mateo Bei, 1409 tel: 2013-9693 São Mateus semeandocidadania@terra.com.br	100
São Miguel Pta	SM	24	SÃO MIGUEL Rua Ribeiro dos Santos, 165 Vila Nitro Operária tel: 2058-3948 acolhidasaomiguel@santaluciasp.org	80
Ermelino Matarazzo	EM	24	CENTRO DE ACOLHIDA NOVA CONQUISTA (C.A. E Matarazzo) Rua Guilherme Oliveira de Sá, 795 Tel: 2546-2106 - CEP: 03804-060 CENTRO DE ACOLHIDA_novaconquista@ig.com.br	80
Santo Amaro	SA	24	REENCONTRO Rua Promotor Gabriel Nettuzzi Periz, 81 tel. 5523-8546 CENTRO DE ACOLHIDAreencontro@hotmail.com	80
Santo Amaro	SA	16	POUSADA DA ESPERANÇA (mais hotel social)* R. Isabel Schimidt, 489 - Santo Amaro tel: 5548-2672 pousadadaesperanca@terra.com.br	120
Santo Amaro	SA	16	SANTO DIAS (recebe de ots centros de acolhida) Rua Suzana Rodrigues, 135 tel: 5681-8185 CEP: 04746-040 - Santo Amaro nucleodevivencia@terra.com.br	80
Cidade Dutra	CA	24	CAPELA DO SOCORRO Av. Senador Teotônio Vilela, 83 tel.: 5667-9847 CEP. 04801-010 CENTRO DE ACOLHIDAcapela@santalucia.org	100

			Centro de Acolhida Especial	Cap.
Bela Vista	SE	24	CASA DE CUIDADOS LAR TRANSITÓRIO BATUÍRA Rua Maria José, 311 tel: 3242-1854 g.e.batuir@terra.com.br	13
Bom Retiro	SE	24	ABRIGO DOM BOSCO - p/ catadores Alameda Dino Bueno, 735 tel: 3361-3161 CEP: 01217-000 - Campos Elíseos social@lcj.com.br	55
Santa Cecília	SE	24	PROJETO OFICINA BORACEA Rua Norma Pieruccini Giannotti, 77 tel:3392-1055 CEP-01137-010 oficina.boracea@bol.com.br	80
Santa Cecília	SE	24	MORADA NOVA LUZ Rua Helvétia, 234 tel: 3331-3422	100
Brás	MO	24	CASA DE SIMEÃO Rua Assunção, 480 tel: 3228-2064 - Brás CEP: 03005-020 socialsimeao@hotmail.com	180
Pari	MO	24	CASA DE APOIO MARIA MARIA Rua Com. Nestor Pereira, 77 tel: 3313-6067 CEP: 03034-060 casa.apoio@uol.com.br	110
Pari	MO	24	SITIO DAS ALAMEDAS Rua Com. Nestor Pereira, 75 A - Caninde tel: 3227-4515 sitioalameda@uol.com.br	60
Brás	MO	24	LAR DE NAZARÉ Rua Brigadeiro Machado, 279 tel: 2292-6552 CEP: 03050-050 comazare@uol.com.br	80
Belém	MO	24	CASA DE MARTA E MARIA Rua Catumbi, 427 tel: 2692-4416 mmreciclazaro@hotmail.com socialmartaemaria@hotmail.com	70

ANEXO IV - RELATÓRIO DOS SUPERVISORES

Foi solicitado, a cada supervisor relatório do trabalho de campo realizado nas noites do recenseamento. O objetivo de tal solicitação foi obter o registro das ocorrências no campo e a avaliação dos supervisores das condições gerais das áreas recenseadas. Isto porque, as reuniões realizadas com técnicos de SMADS, Organizações Sociais, e Movimento Nacional de Moradores de Rua apontavam sempre mudanças nas condições da cidade: maior uso de droga, presença mais ostensiva da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana. A ampliação do uso da droga, da mais efetiva presença da polícia e da guarda municipal tornaram a cidade mais “tensa”, mais “violenta” e, conseqüentemente, mais difícil para a população de rua. As estratégias de sobrevivência da população, examinadas em 2000 poderiam, confirmada as mudanças apontadas, ter sofrido significativas modificações.

Os relatórios solicitados não podem, certamente, responder às questões surgidas nas reuniões da etapa do planejamento da pesquisa. Podem, entretanto, dar subsídios para a segunda etapa do trabalho e fornecem mais uma referência para a leitura dos resultados obtidos no censo da população em situação de rua de 2009.

Os supervisores participaram, todos eles, de pesquisa com população de rua realizada pela FIPE. Alguns deles participam desde 2000 e, outros, a partir do Censo de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua na Cidade de São Paulo, em 2007. São, portanto, um, entre muitos, espectadores privilegiados das condições em que se encontram a população de rua na cidade de São Paulo.

As avaliações, portanto, são de natureza pessoal e traduzem, não apenas as condições objetivas encontradas no trabalho de campo, mas, também, a percepção de cada um dos supervisores.

RELATÓRIO DE CAMPO

Supervisor: Carolina Teixeira Nakagawa

1º Dia- 17/11

As regiões do Capão Redondo e Campo Limpo apresentam o desafio de serem áreas de ocupação irregular e de favelas. Além disso, vale ressaltar que esta região sofreu importantes intervenções urbanas desde o último censo. Destaque deve ser dado ao Terminal Capelinha e Estação de metrô “Capão Redondo”.

Encontramos, por diversas vezes, carrinhos de catadores de material reciclado estacionados em alguns domicílios ou nas calçadas, presos por correntes. Indicando a concentração de uma população de grande mobilidade e visibilidade pelas ruas, porém durante o dia, por possuírem moradia.

O perfil principal das pessoas encontradas: homens, adultos, sozinhos, alcoolizados. Principalmente dormindo nas áreas comerciais. Tais como entorno do CEU Campo Limpo, Largo do Campo Limpo, mediações do Terminal Capelinha e Estação de Metrô.

Vale indicar que pela primeira vez, nesta e em outras experiências de campo, encontramos um homem que vive dentro de um automóvel, responsável pelo parque de diversões do Largo do Campo Limpo.

A ausência de áreas de lazer para jovens da região se traduz na presença de diversos pequenos grupos nas ruas, praças e calçadas fazendo uso de drogas. Foram necessárias estratégias de apresentação para garantir a entrada mais segura em algumas ruas. Na perspectiva do entrevistador foram também necessários os recursos de atenção e leitura de contexto.

As drogas se fizeram mais presentes pelo contexto do território do que pelas pessoas identificadas no levantamento. Porém, observamos uma maior presença de cocaína e bebida alcoólica do que craque.

Como supervisora, aproveitei a oportunidade, por conhecer bem a região, para perceber como as duplas operavam entre um entrevistador e outro, entre duplas, com áreas a serem percorridas à pé e etc. Assim o primeiro campo serviu como pré-teste, pois pude observar a relação dos entrevistadores com horário para chegada na base, preparo e organização das estratégias para saída à campo, habilidades de identificação e registro, habilidade e agilidade de estabelecer vínculos, leitura de mapas, entre outros aspectos.

2º dia: 18/11

A região do Sacomã apresenta a característica de concentração de vias expressas (viadutos) e passarelas, que sofrem reflexos de intervenções urbanas como o transporte “Paulistão”, canalização do Tamanduateí e reformulação da Avenida do Estado, Rodoanel, entre outras.

Assim, em uma das indicações de centralidades polares foi abordada como *hot spot*. O perfil do motorista e do segurança neste dia nos possibilitou dividir a equipe da seguinte maneira:

- a) Duas duplas mais acostumadas a rotina deste levantamento, junto com o segurança nas proximidades do terminal Sacomã, que chamamos de “Olho do Furacão” – grande concentração de viadutos e passarelas. Destaque deve ser dado para o fato de um dos membros da equipe ter profundo conhecimento da região, pois era morador do mesmo bairro.
- b) Duas duplas mais jovens e menos experientes percorreram a área residencial do Ipiranga. Por conhecer a área sabíamos que era tranqüila e com pouca concentração.
- c) Uma dupla mais frágil e a supervisão percorreram a região da favela de Heliópolis, ainda no início do campo quando ainda concentra moradores e trabalhadores, permitindo uma maior segurança. Vale indicar que foi necessária uma apresentação informal ao denominados “olheiros - armados”. Além disso, percorremos a região próxima a estação de trem, algumas grandes avenidas e estradas.

Depois de percorridos os trajetos à pé e a centralidade polar principal, a equipe se reuniu em ponto de encontro predefinido para troca de informações e pequeno intervalo.

Em seguida percorremos o restante das áreas indicadas para serem feitas de Van. Ao final deste processo, voltamos a alguns pontos que apresentavam indicações de presença de pessoas em situação de rua, seja por objetos pessoais ou por indicação de outros companheiros de rua.

É interessante indicar que a região dos viadutos, se mostrou bastante dinâmica, ou seja, grande circulação da população entre um lado e outro, entre um ponto e outro. Neste sentido, a equipe avaliou que foi interessante serem as mesmas duplas responsáveis pela área, pois puderam identificar facilmente os já abordados.

Outra situação diferenciada foi encontrada nesta região, onde um morador (Bruno) vive dentro de uma “boca de lobo”. Outro destaque, pelo menos 3 pessoas que estavam junto à concentração levantada, são moradoras da favela Heliópolis e costumam visitá-los. Nestes casos, percebemos um vínculo de amizade e cumplicidade estabelecido pelo uso e consumo de craque e outras drogas, mas não pela situação de rua propriamente dita.

O perfil das pessoas encontradas é apresentado conforme a divisão das áreas dentro da equipe:

- a) Homens e Mulheres, Jovens e Adultos, acompanhados por colegas ou parceiros, consumo de craque. Alguns idosos também foram identificados como consumidores de craque.
- b) Homens, Adultos, Carrinheiros, área de passagem.
- c) Homens, Adultos, Sozinhos, Consumidores de Craque.

A surpresa foi identificar o consumo de craque não exclusivamente nas áreas centrais da cidade como percebíamos em 2003, bem como o uso e consumo por pessoas idosas.

3º Dia: 25/11

A região do Pari é uma paisagem marcada pela presença mescla de grandes galpões, marquises de lojas, áreas residenciais e viadutos, vias expressas tais como a Marginal Tietê

e Avenida Cruzeiro do Sul. Indicamos que as áreas próximas à Marginal sofrem o impacto das obras de alargamento da via.

Observamos uma praça em área de UBS com grande concentração de homens, adultos e jovens, próxima a área residencial, com presença de CDHU com grande volume de carrinhos de material reciclado estacionado.

Destaque para a experiência vivenciada em uma área sem iluminação, com mato alto e presença de diversos cachorros. Nesta mesma área encontramos a presença de Ciganos e de “Transexuais” que não aceitaram a abordagem. Foi interessante perceber como a equipe reagiu primeiramente, sugerindo a não abordagem. Porém avaliei a possibilidade, uma vez que observamos muitas barracas, o que não permite identificar a quantidade de pessoas. Assim, destaco a presença de um jovem (Jefferson) em baixo do vão entre as duas pistas do viaduto, no encontro da Avenida Cruzeiro do Sul com a Marginal Tietê, nosso primeiro contato na área. Este foi então novamente abordado pela supervisão como importante facilitador para nossa entrada. Assim, a equipe pode ampliar a perspectiva de facilitadores no/de campo.

Outra experiência que merece destaque foi identificar em um estacionamento abandonado a presença de jovens e de um carrinho de criança que eles não souberam indicar uma pessoa de referência. O ponto foi visitado no início do campo, devido aos indícios, sendo a primeira abordagem dentro de um imóvel cercado. Porém só foram identificados no final do roteiro quando do retorno ao ponto.

O perfil foi diferenciado: Homens, adultos, carrinheiros nas áreas residenciais e de lojas. Homens, jovens, usuários de craque, nas áreas “invadidas” e em viadutos. Homens, adultos e idosos, sozinhos, nas marquises das grandes avenidas.

4º Dia: 26/11

A região dos viadutos da Av. Radial Leste pode ser dividida em duas partes: uma próxima a “Baixada do Glicério” e a outra próxima a “Rua Augusta”.

Neste dia contávamos com a presença de facilitadores, agentes de abordagem do PSR de referência do CRAS Mooca da CAS Sudeste. Uma dificuldade encontrada no campo foi a distância de tempo entre um campo e outro. Isto acabou por desmobilizar a equipe, sendo necessário retomar as orientações e o entrosamento das duplas. Neste sentido, foi mais desgastante.

Na região do Glicério encontramos uma concentração atípica. Pois era esperada a presença de mais moradores. Uma das pessoas abordadas indicou como razão a forte presença da guarda municipal.

Logo no início encontramos uma mulher adulta (Dona Cida) disposta ao diálogo e a facilitar tanto nosso acesso como a localização de pessoas em situação de rua. Isto se faz relevante, uma vez que alguns jovens e adultos estavam discutindo sob efeito do consumo de craque. Além de termos encontrado, por indicação da mesma, pessoas ao lado da encosta do Rio/Córrego, quase dentro d'água, o que torna difícil o acesso, e, portanto, a identificação.

Nesta mesma área encontramos uma maior presença de crianças e adolescentes sozinhos, comparado aos outros dias de campo. Alguns indicaram fazerem uso do serviço de CRECA irregularmente. Também entre este grupo notamos o consumo de craque.

Esta região foi a primeira na qual encontramos a presença mais marcante de famílias, porém, com vínculo de afetividade extremamente frágil. Avaliamos que a presença marcante do consumo de craque seja uma das razões para esta carência.

Um dos grupos familiares abordado disse que estão na região há 20 anos, uma vez que a mãe costuma ir para esta região desde que os jovens, hoje pais, eram crianças. Durante o dia indicaram ir para a Avenida Paulista, mas a presença de forças policiais os faz passar mais tempo no Glicério, onde o “farol rende bastante”.

Depois, já na outra “parte” do roteiro, próximo a Praça Roosevelt e Amaral Gurgel, encontramos grupos de jovens consumindo craque, porém nem todos foram identificados como pessoas em situação de rua. Neste sentido, a abordagem foi mais delicada.

Ao término do roteiro 90, fomos auxiliar o grupo responsável pela Cracolândia e uma rua do roteiro 76 e dividimos a área ficando com metade.

Em direção ao início da área a ser percorrida, definimos que a abordagem seria tentada, porém de forma diferenciada. O preconceito com a situação de rua é mesmo presente, assim as perguntas filtro foram resumidas e substituída pela pergunta “o Sr. mora na rua?”. Caso o pesquisador notasse uma demora relativa na resposta deveria perguntar “Costuma dormir mais de 3 dias da semana na rua?”. Assim a abordagem era mais rápida e objetiva, evitando a exposição por tempo prolongado. Portanto o estabelecimento de vínculo acabou sendo resumido ao simples contato, necessário para a coleta exclusiva das informações do levantamento.

Durante todo o percurso notamos a forte presença da Polícia Militar, porém não vimos uma abordagem, somente a circulação constante e rápida pelas vias.

Já na região da Av. São João, que também serve de ligação, encontramos uma maior presença de crianças e adolescentes, porém todos apresentaram algum tipo de vínculo com um adulto e com o consumo de craque. Vale indicar ainda uma grande presença de negros e pardos entre essas crianças identificadas.

Outro aspecto importante da região é a estratégia encontrada pela população, sendo esta a de circulação constante entre a região da Praça da República e a “Cracolândia”, isto para evitar a abordagem policial. Ou seja, constantemente encontramos as pessoas indo e vindo. Vale indicar a metáfora lembrada por um dos entrevistadores: “Aqui é a Serra Leoa, só a pedra que é outra”.

5º Dia: 30/11

A região que compreende os bairros de Cachoeirinha, Casa Verde e Campo de Marte é marcada, por um lado, por grandes avenidas com suas “ilhas” e praças, e, por outro, por viadutos.

Encontramos na região forte presença de “travestis”. De maneira geral a população identificada foi de homens adultos sozinhos nas ilhas e praças. Também havia homens e mulheres idosos juntos, especialmente localizados nas áreas externas de agências bancárias sendo que entre estes, alguns eram cadeirantes.

A região do Canindé concentra a maior parcela identificada, em função da presença de viadutos. Nesta área identificamos adultos tanto homens quanto mulheres. Onde também foi observada a forte presença do consumo de craque.

Também foi neste roteiro que encontramos pessoas em automóveis, isto na alça de acesso ao Viaduto dos Bandeirantes, próximo à Base Comunitária da Polícia Militar.

6º Dia: 1/12

A região de Guaianases apresenta uma paisagem marcada pela presença de moradias irregulares, áreas de favelas, córregos e dois importantes pontos de circulação (Estação de Ferroviária e Terminal de ônibus). Uma região desértica e bastante escura.

Esta foi a região que pela primeira vez desde o início da pesquisa, encontramos uma maior presença do consumo de cocaína do que de craque, apesar deste se fazer também presente. Especialmente em área abaixo da linha ferroviária e que dá acesso a uma grande área de lazer. Este parque conta com diversas quadras de esporte e mobiliário infantil, porém não possui iluminação durante a noite. Assim, torna-se atrativo para o consumo de craque.

Identificamos principalmente homens adultos sozinhos, em áreas escuras, e cobertas por estruturas de alvenaria tanto sob viadutos como ferrovias. Aqui também notamos uma circulação entre as áreas. Portanto, população de pequena proporção com grande circulação entre os pontos que são fixos.

Depois fomos percorrer o roteiro de Cidade Tiradentes, marcada por extensas áreas verdes, pouca iluminação, ausência de transporte público por todas as vias. Onde as ruas indicadas no mapa oficial, ou não existiam ou não cruzam as ruas indicadas.

Justamente por estas características identificamos pouca população em situação de rua e acabamos por ter dificuldade de retornar à base. O que observamos foi a grande concentração das chamadas “bocas”, pontos de venda de drogas.

7º Dia: 9/12

A região de Parque do Ibirapuera e Moema apresenta forte presença de bares e faculdades particulares, marcada por grandes extensões de áreas comerciais próximas às avenidas principais e de áreas residenciais.

Assim, observamos uma presença de homens, adultos, sozinhos, localizados principalmente em áreas externas de imóveis comerciais e agências bancárias. A maior dificuldade de campo foi a forte presença de pessoas em bares e em barracas de rua.

Foi na região de Moema que 2 duplas sofreram uma tentativa de seqüestro relâmpago. Estes entrevistadores foram abordados por um homem armado, dois que faziam a vigília da rua e um motorista dentro de um taxi. A identificação dos entrevistadores como trabalhadores (prancheta) foi o que garantiu a não efetivação da ocorrência.

Por conta disso, reunimos a equipe, fizemos uma parada para lanche, descontração e reorganização. Foi então decidido que faríamos o restante do percurso todos juntos, pois a presença de 14 pessoas é também fator de segurança. A equipe também optou por poupar um pouco as 2 duplas na hora de realizar abordagens, até que as condições emocionais fossem normalizadas.

Encontramos maiores concentrações nos viadutos na proximidade do edifício antes utilizado pelo DETRAN. Nestas áreas identificamos principalmente homens, adultos, em “grupo de rua”. Nos viadutos próximos à Avenida Bandeirantes encontramos uma maior presença de famílias. Outro ponto de concentração foi identificado na Avenida José Maria Whitaker sob a Avenida Rubem Berta, onde também observamos a presença de famílias.

Vale ainda indicar que nesta região o consumo de drogas pela população em situação de rua não foi aparente ou evidente.

Dinâmicas da Equipe de Campo e Algumas Considerações

A equipe utilizou também a estratégia de envio de mensagens de texto por celular com a indicação do endereço da base e referências, isto para facilitar a consulta à informação quando necessário.

Outra importante estratégia foi a de criar o espaço de parada. Isto foi importante para manter a equipe integrada e envolvida. Pois o momento de parada, apesar de rápido, possibilitava a troca de experiências diversas, de pequenas e significantes superações pessoais, além de compartilhar o roteiro e o planejamento do campo. Possibilitou comprometer a equipe com a produtividade da mesma, afinando os olhares e percepções, bem como renovando as energias. Assim, todos os membros contribuía para alguns itens de “lanche”, como salgadinhos, doces, biscoitos, água e café.

Entendendo que é importante o sentimento de autonomia para que o entrevistador tenha segurança de suas escolhas e percepções escolhi a divisão das áreas a serem percorridas à pé em grupos de 2 duplas. Isto com base no equilíbrio de conhecimento, habilidades e integração das duplas. O monitoramento era então feito à distância. Vale ressaltar que esta estratégia só foi utilizada onde avaliamos o grau de segurança das áreas. Neste sentido, fiquei feliz com os roteiros recebidos, pois os conhecia em termos de dinâmica, pontos de concentração, áreas de risco, etc.

Nos casos onde as áreas apresentavam possibilidade de grande concentração de população ou de situações de risco (especialmente pelo consumo de drogas), a equipe percorria a área de forma conjunta.

Em toda saída a campo conversávamos com os motoristas e com o segurança, apresentando cada pesquisador e apresentando o roteiro que seria percorrido, bem como as estratégias adotadas. Assim, garantíamos um entendimento prévio de extrema relevância. Este momento anterior às saídas eram espaços privilegiados para a supervisão compreender o perfil do segurança e do motorista, além de suas relações com a equipe.

Notei algumas mudanças das observações e experiências adquiridas com a pesquisa de 2003 e 2007.

- 1) Menor número de grupos familiares.
- 2) Generalizada presença de consumo de craque, tanto entre faixas etárias, como entre regiões da cidade – centro/ periferia.
- 3) Grande número de homens entre 21 e 30 anos.
- 4) Os grupos familiares encontrados apresentaram vínculos extremamente frágeis de afetividade.
- 5) Menor concentração em áreas externas de imóveis (estacionamentos e marquises de lojas e bancos)
- 6) Maior concentração sob viadutos

Assim, relacionamos a menor presença de famílias e a fragilidade dos vínculos das que foram encontradas, com a forte presença de consumo de craque. Em 2003 este consumo era relativamente restrito às áreas centrais e a população adulta masculina. Hoje observamos em ambos os sexos, em todas as faixas etárias e em todas as áreas, mesmo que em menor ou maior grau.

Relacionamos também a maior busca por áreas sob viaduto com as ações repressivas, tanto das forças policiais (militar, civil e guarda) como as operações urbanas e segurança particular.

O grande número de adultos entre 21 e 30 anos foi relacionado tanto ao consumo de drogas como à ausência de emprego para a parcela desta faixa etária com poucos anos de estudo.

RELATÓRIO DE CAMPO

Período de 17/11/2009 a 14/12/2009

Supervisor: Alessandra Marques Ávila Medeiros

Data do campo: 17/11/2009

Área recenseada: Roteiros R1 e R2 – distritos Jaraguá/Anhanguera

Nesse primeiro dia de trabalho de campo, nossa base foi o CRAS Lapa – Centro de Referência de Assistência Social da Lapa. Ambos os roteiros foram percorridos com o auxílio de van. A temperatura durante todo o percurso estava amena, com pequena queda durante a madrugada. O roteiro percorrido não era muito conhecido pelas pessoas da equipe, e isso limitava a percepção de áreas que comportariam significativa presença de população de rua. Ainda assim, nesse primeiro dia de trabalho a Equipe se surpreendeu com o pequeno número de pessoas em situação de rua encontradas nos dois roteiros percorridos. Salientamos que as áreas percorridas foram consideravelmente grandes em extensão. Em contato com pessoas que transitavam em parte desses territórios (notadamente estações de trem Perus e Taipas), fomos informados que naqueles locais comumente são encontrados moradores de rua que em geral, são conduzidos a centros de acolhida e retornam ao local. As próprias pessoas pareciam surpreender-se pela ausência de população de rua na ocasião.

Ainda nesse primeiro dia de trabalho, chamou atenção a considerável circulação de viaturas da polícia militar nos roteiros percorridos.

Data do campo: 18/11/2009

Área recenseada: Roteiro R45 – distrito Ipiranga

No segundo dia de trabalho de campo nossa base foi o CRAS Ipiranga – Centro de Referência de Assistência Social do Ipiranga. Nosso roteiro contemplava percursos a serem percorridos a pé e percursos a serem percorridos de van. As condições climáticas estavam bastante favoráveis, com temperatura elevada durante todo o percurso.

Muitos pesquisadores conheciam bem o roteiro a ser percorrido e alguns eram residentes na região. Dessa forma, foi preponderante a percepção de que áreas normalmente com presença de população de rua estavam, naquele dia, praticamente vazias. Os logradouros da Av. Nazaré e outras vias principais como a Rua Bom Pastor e entorno do Museu do Ipiranga são considerados como pontos de concentração de população de rua e, naquela ocasião, encontramos poucas pessoas nessa situação. Igualmente em relação à Rua Vergueiro e proximidades da estação de metrô Santos-Imigrantes.

O término do roteiro parece ter se dado mais cedo que o esperado, talvez, em função da ausência de pessoas em situação de rua em pontos “esperados”. Dessa forma, por orientação da base central de trabalho da FIPE, refizemos o percurso de van nos seguintes logradouros: Av. Ricardo Jafet, entorno da estação de metrô Santos-Imigrantes, entorno da estação de metrô Alto do Ipiranga, Rua Bom Pastor, Rua Costa Aguiar, Rua Gentil de Moura, Av. Nazaré, Rua Gama Lobo, Rua Santa Cruz, Av. do Cursino e Rua Vergueiro.

Ressaltamos que naquele dia também percebemos circulação considerável de viaturas da polícia militar no roteiro, no entorno da Universidade São Marcos verificamos três viaturas paradas para “blitz”.

Data do campo: 25/11/2009

Área recenseada: Roteiro R73 – Cambuci

No terceiro dia de trabalho de campo nossa base foi a SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. Nosso roteiro incluía logradouros e entornos da Rua da Mooca, Av. Presidente Wilson, Avenida do Estado e demais, todos percorridos parte a pé e com o apoio da van. Em relação às condições climáticas, fomos surpreendidos por chuvisco intermitente com início por volta das 0h40. A duração foi pequena e estávamos percorrendo o miolo do entorno da Rua da Mooca. Ainda a caminho do início do roteiro a ser percorrido, nossa van foi parada em blitz da polícia militar pouco antes de chegar a Av. Presidente Wilson. Apresentados os documentos do motorista e do veículo, fomos liberados em seguida, após explicitarmos o propósito do trabalho.

O contato dos pesquisadores com a população de rua contou com duplas que, de modo geral, parecem ter sido contempladas com pessoas que têm experiência profissional com tal população e com profissionais que têm experiência em pesquisa, de modo que a união desses diferentes parece ter sido profícua. Ainda assim, ressaltamos que a presença do representante do Movimento Nacional da População de Rua parece ter exercido, na Equipe, importante papel de tranquilizador e, talvez diminuidor de “turbulências” e possíveis ansiedades frente a situações que pudessem suscitar tensões, como abordagem a grupos que faziam uso/abuso de substâncias psicoativas. Chamou-nos atenção o livre comércio de drogas na Rua da Mooca e a utilização desta não só pela população de rua como a não de rua no local. Encontramos, nesse dia, vários jovens em situação de rua em uso/abuso de drogas.

Imbuídos da despretensão de estabelecer um único nexos causal - já que isso notadamente não é possível, tampouco desejável - como motivo de permanência na rua, nesse dia pareceu evidenciar-se que o uso/abuso/dependência de substâncias psicoativas parece exercer caráter avassalador à população de rua. Essa observação foi compartilhada por toda a Equipe, ainda que poucos de nós tenhamos participado das Pesquisas realizadas em 2000 e 2003.

Data do campo: 30/11/2009

Área recenseada: Roteiro R78 – Região da Praça da Bandeira, Rua Maria Paula.

Nesse quarto dia de trabalho nossa base foi novamente a SMADS. Nosso roteiro incluía a Praça da Bandeira, parte da Av. Nove de Julho, Rua Major Quedinho, baixos de Viadutos da Rua Santo Antônio, Rua dos Estudantes, Rua Abolição e entornos, Viaduto Maria Paula e parte da Av. Vinte Três de Maio e baixos de alguns de seus Viadutos. Todo o percurso foi realizado a pé.

As condições climáticas estavam favoráveis, com temperatura amena no início da noite e queda de temperatura na madrugada. Não contamos com a presença de facilitadores nesse dia. Avaliamos que esse roteiro talvez tenha sido o mais difícil a ser percorrido. Tais

dificuldades referem-se ao comprometimento da população de rua em decorrência do seu uso/abuso/dependência de substâncias psicoativas, notadamente o crack.

No entorno dos Viadutos que cortam a Rua Santo Antônio, encontramos considerável número de pessoas em situação de rua, em sua maioria jovens, ocupando logradouros públicos visivelmente degradados, sem iluminação, com grande quantidade de lixo e entulhos e desprovidos de função social. Ressaltamos que não houve dificuldade de contato com a população de rua, possivelmente em decorrência da adequada forma de abordagem da Equipe. Não percebemos presença de policiamento nesse dia durante o percurso do roteiro. Nesse roteiro encontramos o maior número de pessoas em situação de rua.

Data do campo: 01/12/2009

Área recenseada: Roteiro R51 – Piqueri

Nesse quinto dia de trabalho nossa base foi o CRAS Mooca – Centro de Referência de Assistência Social da Mooca, no Tatuapé. Percorremos o entorno daquele CRAS, bem como alguns principais logradouros, como a Av. Celso Garcia, entorno da estação de metrô Tatuapé e outros. Nesse dia pouco antes de nossa saída chovia levemente e, durante o percurso, em alguns pontos pequena garoa se seguiu. O roteiro foi percorrido parte a pé e parte de van. Não identificamos presença de policiamento durante o roteiro. Parte da Equipe conhecia a região e surpreendeu-se com o pequeno número de pessoas em situação de rua encontradas. Havia obras no entorno da estação de metrô Tatuapé e, talvez essa possa ser uma variável importante para a ausência de moradores de rua no local.

Data do campo: 09/12/2009

Área recenseada: Roteiro zona leste

Nesse sexto dia de trabalho nossa base foi novamente o CRAS Mooca. Nosso roteiro contemplava partes a pé e partes de van. As condições climáticas estavam amenas, com considerável queda de temperatura durante a madrugada. O roteiro era conhecido por parte da Equipe, residente na região. Longa distância percorrida de van, contemplando a Av.

Conselheiro Carrão, parte da Av. Aricanduva, Av. Rio das Pedras, Cemitério Vila Formosa e outros. Não identificamos presença de policiamento no roteiro, a exceção da Av. Conselheiro Carrão, onde duas duplas foram abordadas pela polícia militar. Nesse roteiro encontramos poucos moradores de rua, embora o roteiro tenha sido considerado grande. No entorno do Cemitério Vila Formosa encontramos número inferior de moradores de rua, sem que identificássemos qualquer variável que pudesse contribuir à análise.

Data do campo: 14/12/2009

Área recenseada: Distrito Vila Leopoldina

Nesse último dia de trabalho nossa base foi novamente no CRAS Lapa. O roteiro contemplou percursos a pé e de van. Conhecíamos superficialmente o território a ser percorrido. Trabalhamos com quatro duplas e encontramos cerca de 150 (cento e cinquenta) pessoas em situação de rua. Chamou nossa atenção a grande quantidade de lixo espalhada por todo o roteiro. Nos logradouros mais próximos à CEAGESP, o número de pessoas em situação de rua encontrado foi maior. Percebemos a presença de muitos carrinheiros, bem como grande concentração de pessoas em situação de rua nos baixos do Viaduto da Av. Dr. Gastão Vidigal. Não percebemos a presença de policiamento no roteiro

Considerações finais:

Ao término desse trabalho, apontamos como preponderante a presença de substâncias psicoativas e seu uso/abuso e dependência por parte da população de rua. Embora não tenhamos participado dos recenseamentos anteriores, a exceção do Censo de População de Rua Infante-Juvenil em 2007, tal característica efetivamente se configura como importante variável para análise acerca dos possíveis motivos de chegada e permanência na rua, bem como às necessárias políticas públicas a serem adotadas para oferecer condições de saída da rua para essa população.

Avaliamos que as características da população de rua se alteram conforme as diferentes regiões da cidade, a saber: na região central, parece evidente a concentração de população de rua jovem que faz do uso/abuso/dependência o mote de sua permanência na rua. Já nas

proximidades da CEAGESP, distrito Vila Leopoldina, área de abrangência do CRAS Lapa, percebemos a concentração de trabalhadores informais (carregadores, carrinheiros que trabalham com reciclagem de materiais e outros), cuja característica preponderante é o alcoolismo. Parece haver diferentes formas de estar e viver a partir das características da cidade.

Ressaltamos ainda que em nossos roteiros, encontramos poucas famílias e mulheres.

Supervisora: Márcia Maria Chaves

Data do campo: 17 de novembro de 2009

Área recenseada: Bairro da Casa Verde, Distrito de Santana, Zona Norte do município de São Paulo, roteiro nº 05.

A base de apoio aos trabalhos foi o CRAS Santana – Rua Braselina Alves de Carvalho, 414. Neste primeiro dia de trabalho a equipe contou com nove pesquisadores e o campo foi organizado de forma que os mesmos trabalhassem em três duplas e um trio. O roteiro previsto foi totalmente percorrido. Tendo em vista que não contamos com chuva ou chuviscos na referida data, nos foi possível vistoriar inclusive locais que não constavam no roteiro, mas que avaliamos, ou tivemos informações de moradores de rua abordados, serem possíveis pontos de concentração.

As abordagens ocorreram sem nenhuma ocorrência a ser destacada; a maioria das pessoas abordadas colaborou respondendo as perguntas. As recusas foram poucas e as pessoas que não pudemos entrevistar (sono profundo), foram contabilizadas e devidamente caracterizadas.

Poucas famílias foram percebidas nesta região; a maioria dos moradores de rua que encontramos, estavam acompanhados com pessoas sem relação de parentesco.

O roteiro foi todo percorrido por Van, possibilitando que a supervisão acompanhasse boa parte das entrevistas, orientando os pesquisadores neste primeiro dia de campo e observando o correto preenchimento das fichas de morador e de ponto.

Em nenhum momento do trabalho, contamos com a presença ou a abordagem de policiais.

Data do campo: 18 de novembro de 2009

Área recenseada: Santo Amaro, proximidades da Av. Roberto Marinho e da Av. vereador José Diniz, roteiro 33.

A base de apoio aos trabalhos foi o CRAS Santo Amaro – Rua Padre José de Anchieta, 802. A equipe contou com dez pesquisadores organizados em cinco duplas. Antes de iniciar o campo revisamos o correto preenchimento das fichas..

O roteiro previsto foi totalmente percorrido. Primeiramente, partindo do viaduto Santo Amaro, fizemos o roteiro a pé e, posteriormente, percorremos o restante do trajeto com Van – incluindo a Av. Roberto Marinho nos dois sentidos e a Av. Vereador José Diniz.

Saliente-se que nos locais predominantemente comerciais e nos baixos de viaduto foi onde se encontrou a maior parte dos moradores de rua. Os locais mais residenciais, em sua maioria, contavam com seguranças e guardas noturnos, dificultando assim a concentração desses moradores.

Em especial na Av. Roberto Marinho verificou-se a presença de vários grupos de transeuntes drogados, em sua maioria adolescentes e jovens. Tendo em vista que não nos foi possível a abordagem de alguns desses grupos, após análise da equipe, as caracterizações foram devidamente realizadas. Ademais não houve problemas com as abordagens e contamos com a colaboração dos entrevistados.

O tempo sem chuva colaborou para a realização dos trabalhos. Em nenhum momento do trajeto houve presença ou abordagem de policiais.

Data do campo: 25 de novembro de 2009

Área recenseada: Bela Vista, roteiro 71 (finalizado este roteiro fomos reforçar os trabalhos na região da Liberdade, roteiro 72).

A base de apoio aos trabalhos foi SMDAS – Rua Libero Badaró. A equipe contou com dez pesquisadores organizados em cinco duplas. Além dos pesquisadores, contamos com um representante do Movimento Nacional dos Moradores de Rua. O tempo colaborou para o

desenvolvimento dos trabalhos. O representante do Movimento Nacional dos Moradores de Rua atuou de fato como facilitador dos trabalhos. Além de conhecer as áreas de concentração colaborou em abordagens. No roteiro da Bela Vista observou-se que muitos locais tinham indícios de ocupação de moradores de rua, apesar deles não terem sido encontrados. Findo o roteiro retornamos aos respectivos locais, mas efetuamos apenas mais uma entrevista. De acordo com alguns moradores de rua, e mesmo com observações do representante do Movimento Nacional dos Moradores de Rua, os locais vazios deviam ter relação direta com o tempo, visto que choveu nos dias anteriores, o que deve ter causado uma dispersão e a busca por locais que possibilitassem a dormida. Neste roteiro foram poucos os indícios de núcleos familiares nas ruas, a maioria dos pontos caracterizados contava apenas com uma ou duas pessoas e, no geral, não familiares.

Após a finalização do roteiro que nos foi indicado inicialmente para cumprir, a equipe dirigiu-se ao bairro da Liberdade, mais precisamente próximo ao bairro do Glicério, para auxiliar outra equipe. Já no início do roteiro pudemos verificar que de uma região a outra, mesmo que próximas, há uma mudança no perfil dos referidos moradores. Em especial próximo à baixada do Glicério, foi significativo o número de pessoas alcoolizadas (ou sob o efeito de alguma outra droga), a dedução se faz tendo em vista que vários moradores foram encontrados em meio às calçadas, não dando a impressão de terem buscado abrigo para dormir mas sim de estarem ali praticamente caídas; em vários casos a abordagem foi impossível, as fichas de pontos e as de moradores foram preenchidas atribuindo-se a caracterização.

Saliente-se também a existência de um número significativo de pessoas, e famílias, morando em cabanas improvisadas, se é que podemos assim caracterizá-las. Trata-se da improvisação com madeiras, caixas, entulhos e sacos ou lonas para a sua proteção.

Não contamos com abordagem policial em nenhum momento.

Data do campo: 30 de novembro de 2009

Área recenseada: Região Parque Dom Pedro, roteiro 80.

A base de apoio aos trabalhos foi SMADS – Rua Libero Badaró. A equipe contou com dez pesquisadores organizados em cinco duplas. Além dos pesquisadores, contamos com um representante do Movimento Nacional dos Moradores de Rua e uma integrante da Atenção Urbana.

A região é geograficamente propícia para a concentração dos moradores de rua. Conta-se com vários locais que possibilitam o abrigo, muitos viadutos, pontes, pontos isolados como, por exemplo, o canteiro na Avenida do Estado – rio Tamanduateí por onde, apesar do trânsito, não se conta com muitos transeuntes no horário em que efetuamos a pesquisa. Além de contar com várias praças cercadas o que, possibilita que moradores de rua abram entradas praticamente “secretas” e estejam mais seguros a noite.

Apesar de encontrarmos um grande número de moradores na região, fomos informados pelos mesmos que, devido às abordagens policiais, houve grande dispersão dos mesmos na noite em que efetivávamos o campo. A característica local chama a atenção pelas instalações improvisadas que encontramos, em baixos de viadutos algumas davam a impressão de estarem ali instaladas há muito tempo, visto que contavam com sofás e outros objetos que não são facilmente transportáveis; alguns buracos foram abertos para que se adentre a estrutura dos viadutos e se tenha “segurança” para a dormida.

Contavam também com a companhia de vários cachorros, que não representaram perigo na medida em que estabelecemos uma forma correta de abordagem dos moradores de rua. Desde o início dos trabalhos a orientação foi de um “boa noite!” e de um “com licença!” para que possamos, desde o primeiro contato, estabelecer a cordialidade e o respeito para com os entrevistados.

Em especial nesta região pareceu-nos que esses moradores protegem-se em grupos e estão, praticamente, acostumados a serem abordados. Em vários momentos das abordagens os entrevistados manifestaram a preocupação de estarmos ali para levá-los a centros de

acolhida, o que a maioria demonstrou não querer. E, em alguns casos, os abordados fomos nós, os moradores pensavam que estaríamos distribuindo alimentos, prática que nos pareceu ser cotidiana na região.

Tendo em vista que ao lado de concentrações pudemos verificar vários carrinhos para o transporte de materiais recicláveis, deduzimos que esta é uma das atividades que boa parte dos moradores de rua da região desenvolve.

As condições do tempo foram boas para o trabalho. Mas os moradores declararam que alguns de seus companheiros não estavam em seus locais de costume devido às chuvas, visto que as mesmas deixam o solo muito molhado – lembrando que muitos dormem em praças e que em muitos dos baixos de viadutos os mesmos instalam-se também diretamente na grama – protegendo-se apenas com papelões e cobertas.

Encontramos neste roteiro grande concentração de ciganos – que não foram, obviamente, caracterizados como moradores de rua.

Neste roteiro foi essencial contarmos com a presença da Atenção Urbana e do representante do Movimento Nacional dos Moradores de Rua que eram conhecedores da região e em vários momentos conhecidos também dos entrevistados e facilitaram em muito os trabalhos de abordagem e de localização.

Grupos de adolescentes visivelmente drogados também foram encontrados, e, com eles tivemos algumas dificuldades nas abordagens e mesmo recusas; mostravam-se curiosos, mas ao saber que era apenas uma pesquisa não tinham interesse em colaborar.

Data do campo: 01 de dezembro de 2009

Área recenseada: Tatuapé, Zona Leste de São Paulo, roteiro 52.

A base de apoio aos trabalhos foi o CRAS Mooca. A equipe contou com oito pesquisadores organizados em quatro duplas.

O início do trajeto, nas proximidades do Shopping Tatuapé foi percorrido a pé e o restante, que incluía Vila Formosa, Anália Franco, Sapopemba e Carrão foram percorridos com Van.

Uma das famílias encontradas chamou a atenção por estar com uma criança de menos de um ano, acolhida num carrinho de bebê. Um trabalhador da região informou que os mesmos estão lá, praticamente, desde que a criança nasceu.

No trajeto a pé contamos com forte garoa o que dificultou os trabalhos tanto para a escrita como para o acompanhamento dos roteiros nos mapas.

Na praça Silva Romero policiais abordaram uma dupla de pesquisadores para saber do que se tratava o trabalho, se era ou não para alguma universidade. Após as devidas explicações reiniciamos os trabalhos. Em especial nesta praça, estranhamos o local contar com apenas dois moradores. A praça já foi ponto de grande concentração de moradores de rua e outros entrevistados declararam que ainda contava com um número expressivo desses moradores; talvez a explicação seja o mau tempo visto que choveu nos dias anteriores.

Data do campo: 09 de dezembro de 2009

Área recenseada: Cidade Líder, Parque do Carmo, Zona Leste de São Paulo.

A base de apoio aos trabalhos foi o CRAS Mooca. A equipe contou com seis pesquisadores organizados em três duplas. O número de moradores encontrado foi pequeno. A maior concentração foi na Avenida Líder, próximo ao Conjunto Habitacional Padre Anchieta (Cohab I). O local de concentração é praticamente imperceptível, trata-se de um muro que fica atrás de uma praça, difícil de visualizar. O cenário encontrado foi desolador, havia um ponto de concentração de moradores de rua, aos quais abordamos e efetuamos a pesquisa. Quando nos dirigimos a outra concentração – no mesmo ponto – fomos avisados que os que ali estavam encontravam-se totalmente drogados, um integrante do grupo nos disse que estavam ali com esse intuito. Por cima do muro pudemos ver adolescentes praticamente desmaiados, caracterizamos os que percebemos serem moradores de rua. Saliente-se que, neste local, a presença do segurança que acompanhava a equipe foi primordial.

Não contamos com abordagens policiais e nem com chuvas. Mas, cabe salientar que a equipe já se encontrava preocupada com os grandes intervalos entre os dias de campo devido ao tempo não propício. Todos os envolvidos no trabalho tinham assumido finalizar

o levantamento que estava previsto, em princípio, para a primeira semana de dezembro. O tempo não nos parecia ter grandes previsões de melhora e havia a preocupação com a realização do trabalho.

Data do campo: 10 de dezembro de 2009

Área recenseada: Vila Mariana, Paraíso, roteiro 26.

A base de apoio aos trabalhos foi o CAS Sudeste. A equipe contou com sete pesquisadores organizados em duas duplas e um trio. Na região foram encontrados muitos moradores de rua. Em especial nas áreas comerciais e próximo a terminais de ônibus e metrô. As praças onde se encontraram muitos moradores eram as mais iluminadas, passamos por vários locais que “em tese” seriam propícios para dormir, visto serem mais reservados e menos iluminados. Uma das entrevistadas relatou que não conseguia dormir a noite inteira devido a uma luz que acendia pausadamente por toda a noite, mas que a região era muito perigosa por isso procurava a claridade.

Tendo em vista que este foi um dos roteiros que a supervisão percorreu também no censo de 2000, pudemos observar um aumento de moradores de rua na região. Muitos relataram que dormiam anteriormente na região central, mas que apesar de considerarem a região perigosa, tinham mais sossego por ali visto que as batidas policiais eram menores.

Tendo em vista que ao lado de concentrações pudemos verificar vários carrinhos para o transporte de materiais recicláveis, deduzimos que esta é uma das atividades que boa parte dos moradores de rua da região desenvolve.

Nesse dia não choveu e também não percebemos policiamento na região.

ANEXO V – CD COM MAPAS E ROTEIROS